



MARIA MARGARIDA TEIXEIRA BARRADAS CALADO

# ARTE E SOCIEDADE NA ÉPOCA DE D. JOÃO V

5º Volume

Lisboa, 1995

### 2.3. As artes sob o domínio das ordens religiosas.

É extremamente difícil ter uma visão global do que, no reinado joanino, foi feito sob o patrocínio das ordens religiosas. Os casos mais notáveis que foram, sem dúvida, o Convento de Mafra, construído para Religiosos Capuchos da Província da Arrábida, e a Capela de S. João Baptista para a igreja Jesuíta de S. Roque de Lisboa, são fundações reais. Por outro lado, as grandes Ordens, de fundação antiga, como Beneditinos, Cistercienses, Franciscanos, nos seus diversos ramos, e Dominicanos, encontravam-se estabelecidos em Portugal desde a Idade Média, e aqui tinham construído os seus conventos, assim como os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

Quanto à Companhia de Jesus, que chegara a Portugal em meados do século XVI (1540), construiu as suas principais casas ainda nesse século e durante o seguinte.

Outras Ordens se instalaram em Portugal, como os Oratorianos, cujas casas datam igualmente do século XVII, e que, já no final do reinado, foram contemplados por D. João V, como vimos, com o grandioso edifício das Necessidades.

Em relação às Ordens de menores possibilidades económicas, as respectivas casas eram extremamente modestas, pouco se distinguindo da arquitectura civil de carácter tradicional ou mesmo popular. O elemento mais nobre era, sem

316.6

42773



dúvida, a capela, mas também esta, por vezes, de cunho bastante modesto.

Durante este período e para além de algumas construções feitas de raiz, vamos encontrar sobretudo intervenções a nível de edifícios já existentes, que podem constar da renovação de altares ou capelas, que os mármorees ou a talha dourada transformam de acordo com o gosto da época; revestimentos azulejares, que contemplam sobretudo claustros, embora também surjam na decoração das igrejas e capelas; renovação de pinturas e imagens, ou ainda pinturas de tectos e abóbadas, contemplando sempre a actualização do ambiente interior do templo, qualquer que fosse a sua estrutura arquitectónica. Esta transformação assumiu grandes proporções e extrema originalidade, quando levou ao revestimento total do interior das igrejas com talha dourada, como aconteceu nas igrejas franciscanas do Porto, onde se criou um ambiente feérico, dominado pelo ouro e que contradiz mesmo o espírito mendicante da Ordem.

Para além destas manifestações de carácter permanente, tiveram igualmente grande significado as de carácter efémero, ligadas a festas religiosas fixas, festejadas com procissões, ou extraordinárias, relacionadas com canonizações, que tiveram lugar no reinado de D. João V, e que foram patrocinadas por ele. De notar, que nestas festas participava não só a igreja da Ordem a que pertencia o santo canonizado, mas também as de outras ordens, que lhe ficassem próximas e o próprio bairro ou a praça em que a

igreja se situava. Estas festas, que duravam sempre vários dias (desde o tríduo ao oitavário) constavam de missas, cânticos, nomeadamente do *Te Deum*, de procissões mais ou menos ricas, acompanhadas de carros alegóricos, figuras a pé e a cavalo, e em que para além da população e dos representantes do poder, estavam presentes membros do clero, incluindo outras ordens. Repiques, música, fogos de artifício e iluminação dos templos e, por vezes, casas envolventes, eram também uma constante. Chegava-se a transformar por completo a fachada de uma igreja, criando outra efémera, de carácter mais barroco.

Para a passagem das procissões, as ruas eram especialmente engalanadas, sendo limpas e o chão revestido de areia e enfeitado com flores, que desenhavam as mais diversas decorações e perfumavam o ambiente. Às janelas, penduravam-se colchas e tecidos adamascados e o interior da igreja era paramentado, de modo que, através dos tecidos e luzes, o seu ambiente se tornava mais rico. Em alguns casos, eram ainda construídos arcos triunfais, com figuras alegóricas alusivas ao acontecimento festejado. Os artistas escolhidos para desenharem estes efeitos decorativos podiam ser dos mais prestigiados, tal como o eram para as cerimónias em que apareciam em público o rei e outros elementos da família real (entrada da Rainha D. Maria Ana de Áustria ou de D. José e D. Mariana Vitória). Assim, por exemplo, quando das festas de beatificação do Padre João Francisco Regis, em 1716, na igreja jesuíta de Santo Antão,

"hum pavilhão corrido por dous anjos" foi "debuxo do celebre Federico", ou seja de Ludovice, já então encarregue de dirigir as obras de Mafra<sup>1</sup>.

A festa religiosa procurava assim através do fausto trazer ao povo a imagem da glória divina, de que participavam já os recém-beatificados, e essa imagem que o efémero barroco traduziu, passava por manifestações muito concretas dos bens terrenos<sup>2</sup>. Ela contribuía também para uma melhor aceitação dos numerosos membros das ordens religiosas, intermediários entre o comum dos humanos e os participantes da glória divina.

Principais fundações religiosas durante o reinado de D. João

V

ANO	ORDEM RELIGIOSA	NOME E LOCAL DA FUNDAÇÃO
1707	Capuchos da Província de Santo António	Nossa Senhora do Cardal, Pombal
	Capuchos da Província da Conceição	Convento de Santo António, Ponte de Lima
1708	Capuchos da Província da Conceição	Hospício de Nossa Senhora da Conceição, Lisboa <sup>3</sup>
	Capuchos Xabreganos	Santo António, 3ª fundação, Campo Maior, na vila
1709	Congregação dos Clérigos Agonizantes	Nossa Senhora das Necessidades na Tomina
1710	Ordem 3ª de S. Francisco de Xabregas <sup>4</sup>	Hospício do Menino Deus, Lisboa
1711	Agostinhos Descalços	Hospício de S. Nicolau Tolentino, Mora
1712	Capuchos da Província da Conceição <sup>5</sup>	Santo António, Vila Cova
1713	Missionários Apostólicos	Seminário de Nossa Senhora dos Anjos, Brancanes, Setúbal
1715	Capuchos da Província da Conceição	Igreja de Santo António da Estrela, Coimbra <sup>6</sup>
1716	Conceição de Maria	Mosteiro de N. Srª da Conceição, Arrifana de Sousa (Pena-fiel)

	O Recolhimento da Madre de Deus, em Guimarães, foi erecto em convento <sup>7</sup>
1717 Arrábidos	Nossa Senhora e Santo António Mafra <sup>8</sup>
Congregação da Missão	Seminário de S. João e S. Paulo, Rilhafoles, Lisboa, (alvará de 14/1)
Religiosos mínimos de S. Francisco de Paula	Hospício de S. Francisco de Paula, Lisboa (13/7)
1718 Congregação de Clérigos Agonizantes	Nossa Senhora do Alcance, Mourão
Religiosas de Santa Clara	Convento de Santa Apolónia Lisboa
1719 Monges de S. Bruno	Hospício de Lisboa
1720 Religiosas Trinitárias	Convento de Nossa Senhora dos Remédios, Campolide <sup>9</sup>
1722 Clérigos Pobres <sup>10</sup>	Recolhimento do Campo de S. Lázaro, Porto
1725 Congregação das Covas de Monfurado	Nossa Senhora do Castelo, Monfurado
Missionários Apostólicos de Varatojo	Hospício de Nossa Senhora dos Anjos, Lisboa
1726 Clérigos Agonizantes	Nossa Senhora de Sacaparte, Alfaiates
1727 Agostinhos Descalços	Hospício de Nossa Senhora dos Anjos, Grândola

Religiosas Capuchas Descalças	Convento de Nossa Senhora da Penha de França, Braga <sup>11</sup>
1729 Congregação dos Clérigos Agonizantes	S. Pedro, Arronches
1731 Arrábidos	Hospício de Santa Ana, Minde <sup>12</sup>
Capuchos da Província da Conceição	Convento de Santo António, Pinhel
1732 Congregação dos Maria- nos Conceicionistas ou Eremitas da Imaculada Conceição	Nossa Senhora da Conceição, Cachim ou Chacim (Trás-os- -Montes)
1734 Franciscanos	Convento de S. Francisco, Mesão Frio
Franciscanos	Santo Cristo da Barca, Almeida
1735 Capuchos da Província da Soledade	Santo António, enfermaria, Porto
Jesuítas	Colégio dos Santos Reis, Vila Viçosa <sup>13</sup>
	Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, Aldeia Galega <sup>14</sup>
1736 Congregação do Senhor Jesus da Boa Morte e Caridade	Casa do Senhor Jesus da Boa Morte, Lisboa
1737 Carmelitas Descalços Alemães	Hospício de S. João Nepomuce- no, Lisboa <sup>15</sup>

1738 Capuchos da Província da Conceição	Convento de N. Srª da Conceição, Carreira dos Cavalos, Lisboa <sup>16</sup>
1739 Capuchos Italianos, Barbadinhos	Nossa Senhora da Porciúncula, Santa Apolónia, Lisboa, 2ª fundação <sup>17</sup>
Carmelitas Descalças	Convento de Santa Teresa, Coimbra <sup>18</sup>
Jesuítas	Colégio da Santíssima Trindade, Gouveia
1743 Congregação das Covas de Monfurado	2ª fundação, Monfurado
1745 Agostinhos Descalços	N. Srª do Bom Despacho, Mamedroso do Porto
Carmelitas Calçados da Província do Maranhão	Hospício da Rua de Santa Marta, Lisboa <sup>19</sup>
Carmelitas Descalços	Nossa Senhora do Carmo, Tavira
Congregação do Oratório de S. Filipe Néri	Nossa Senhora das Necessidades, Lisboa <sup>20</sup>
1746 Capuchos da Província de Santo António	Santo António da Convalescência, Benfica, Lisboa, 2ª reedificação
1747 Mercenários	Novo Hospício na rua do Passadiço, freguesia de S. José
	Recolhimento de Nossa Senhora

	dos Anjos, Santa Apolónia <sup>21</sup>
1748 Agostinhos Descalços	Hospício de Santa Rita, Lisboa
1750 Congregação de S. Camilo de Lélis	Hospício de S. Camilo de Lélis, Lisboa

Obs.: Esta cronologia é feita com base nas obras seguintes:

- João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, Tomo 29, Partes III e IV, Lisboa, Na officina de Luiz Ameno, MDCCLXIII
- Frei Cláudio da Conceição, Gabinete Histórico, Tomo XI, Cap. XX, pp. 345 e segs.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARDAL, POMBAL

Ordem dos Capuchos da Província de Santo António

1707

Os franciscanos encontravam-se em Portugal desde os inícios da fundação da Ordem, no século XIII, mas foi a partir do século XVI que o seu número mais aumentou em Portugal. Assim, para se poder governar, a Província de Portugal foi-se desmembrando, criando com os conventos do Sul a Província dos Algarves (1532) e com os da sua recolecção a província de Santo António (1568)<sup>22</sup>.

Este mosteiro do Cardal foi fundado por voto do Conde de Castelo Melhor, Luis de Sousa e Vasconcelos, perseguido após a deposição de Afonso VI, altura em que esteve escondido no sítio onde já existia a ermida de Nossa Senhora de Jerusalém, ou do Cardal.

Logo que pôde aparecer em público, o Conde cumpriu o seu voto e principiou a construção do mosteiro, que destinou para os Cónegos seculares de S. João Evangelista (Loios), mas estes não aceitaram a oferta, por a cerca ser muito pequena.

No último sábado de Julho de 1709, estavam concluídos o mosteiro e a igreja e, com a maior pompa, para ali se tresladou a imagem da Senhora de Jerusalém, numa sumptuosa procissão, levando a bandeira, como juiz das festas, o dr. Pedro Henriques de Carvalho, cavaleiro da Ordem de Cristo e juiz de fora de Coimbra. Além do fundador, já cego, assistiu ao acto o bispo conde de Coimbra, D.

António de Vasconcelos, e pregou o Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, religioso franciscano.

A planta da igreja era cruciforme e tinha notável aparência interior, com colunas salomónicas<sup>23</sup>.

Na fachada, ainda se vê uma inscrição latina, sobre a porta, que explica as circunstâncias da fundação. A frontaria é dividida em panos por pilastras, rematadas por fogaréis. Horizontalmente, está a mesma dividida em andares, marcados pela porta, janelões do coro e nichos com estátuas. No coroamento, um frontão com volutas.

Interiormente, cruzeiro e capela-mor são cobertos por cúpulas; no altar-mor, conserva-se o retábulo, com colunas salomónicas em pedra, ao gosto que caracteriza os inícios do século XVIII, e se prolonga nas primeiras obras do reinado de D. João V.

Nas paredes da capela, dois nichos mostram esculturas de S. Boaventura e S. Luis<sup>24</sup>.

Este convento é dos que, sendo patrocinado por um membro da alta nobreza da época, pôde atingir o nível artístico que caracteriza algumas fundações régias ou de elementos da alta nobreza, nos inícios do reinado de D. João V, e em que trabalharam architectos como João Antunes, a quem Ayres de Carvalho atribui esta igreja<sup>25</sup>, não só por razões estilísticas, mas também pelas relações existentes entre o Conde e a rainha D. Catarina, para quem se sabe que aquele architecto trabalhou.

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO, CAMPO MAIOR

Ordem franciscana

1708

Segundo o Padre Luis Cardoso, um dos Conventos existentes na vila de Campo Maior, era de "Religiosos de S. Francisco, da Província dos Algarves, fundado no anno de 1494, donde passaraõ para o Castello no anno de 1646, e ultimamente para dentro da Villa no anno de 1708"<sup>26</sup>.

Esta edificação teve lugar ainda por ordem de D. Pedro II, depois de demolido o anterior em 1703, para ampliação das fortificações.

A fachada abre para um adro gradeado. A porta tem frontão recortado com a cruz ao centro e está datada de 1732; por cima, estão três janelas e um nicho central com a imagem de «Santo António». À esquerda, está uma sineira em alvenaria, imitando mármore.

Do lado direito, está um edifício conventual, com dois pisos, tendo três janelas com vergas e frontais recortados, no andar nobre, e outras três, também decoradas no andar inferior. O edifício é rematado por um espaldar com os emblemas da Ordem de S. Francisco e um frontão com cruz.

A torre sineira eleva-se quase a meio do templo.

O interior é de nave única, coberta com abóbada.

O altar-mor é de mármore de Estremoz, de várias cores e dourado. Do lado do evangelho, estão dois altares e do lado da epístola, duas capelas. Só o altar do Santíssimo é de mármore, os outros são de madeira, mas só os do

transepto são de talha, um dourado e outro também pintado. Datam dos inícios do século XVIII.

Junto a estes altares, estão revestimentos azulejares da década de quarenta. Assim, na capela colateral de S. Francisco (actualmente do Senhor dos Passos), estão quatro painéis figurados, de cerca de 1745, representando cenas da «Vida de S. Francisco». Também junto ao altar colateral do evangelho, está um painel recortado, datado de 1743, mostrando um milagre em que um santo dá o pão através do túmulo.

Na capela, sobre a porta que conduz à sacristia, está um pequeno painel com «S. Diogo»<sup>27</sup>.

O coro assenta sobre arco abatido e tem balaustrada de mármore.

Do convento, muito arruinado, resta o claustro, com quatro tramos de cinco arcos de volta perfeita<sup>28</sup>.

NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES, TOMINA

Congregação de Clérigos Agonizantes

1709

Esta congregação foi fundada por Manuel de Beça Leal (Padre Manuel de Jesus Maria), no sítio da Tomina, freguesia de Santo Aleixo (Moura, Beja). O Papa Clemente XI confirmou-lhe os estatutos, em 1709.

Assistiam aos moribundos e vieram a unir-se aos Agonizantes de S. Camilo de Lelis<sup>29</sup>.

A sua primeira habitação foi uma cova, onde viveu o padre Manuel de Jesus, com alguns companheiros, e junto à qual mandou fazer uma capela<sup>30</sup>.

Em 1878, houve grandes temporais no concelho de Moura. Sabe-se que, nessa altura, na freguesia de Santo Aleixo, caiu a abóbada do mosteiro<sup>31</sup>.

IGREJA DO CONVENTO DOS LOIOS, LISBOA

Cónegos seculares de S. João Evangelista

1709

O antigo convento dos Loios, actualmente um quartel, situava-se na rua do mesmo nome, confinando a sua parte posterior com a rua da Saudade, onde agora se procedem às escavações do teatro romano.

Segundo José Soares da Silva, em 1709, se inaugurou a nova igreja dos Loios, de planta poligonal sextavada e decorada com embutidos<sup>32</sup>. De acordo com esta notícia, a igreja obedecia ao gosto estético frequente no final do século XVII e inícios do século XVIII, que se encontra, por exemplo, na obra de João Antunes, a quem esta igreja também poderia ser atribuída.

IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DA ESTRELA, COIMBRA

Capuchos da Província da Conceição

1713

A província da Conceição formou-se com os conventos Antoninos do Norte (Beira e Minho), em 1706.

O Colégio de Santo António foi fundado em 1707, por alvará régio de 17 de Janeiro, pelo qual D. João V autorizou o provincial Fr. Ambrósio de Santo Agostinho a fundar um colégio, nas casas cedidas pelo Conde de Santa Cruz, D. Martinho de Mascarenhas. A primeira pedra foi lançada pelo bispo-conde D. António de Vasconcelos e Sousa, a 29 de Março de 1715, derivando o nome de Santo António da Estrela de uma imagem antiga, que se encontrava numa capelinha, junto à casa do doador.

Após a extinção dos conventos, o edifício foi vendido, já depois de 1844, pertencendo no século XIX a Luis de Melo Toche Soares de Albergaria, de Soure<sup>33</sup>.

O edifício do colégio, que era essencialmente utilitário, foi demolido. Resta a igreja, que é de nave única, sendo esta e a capela-mor abobadadas de tijolo. O coro alto assenta em abóbada de arco abatido.

A fachada é enquadrada por cunhais rustificados e coroada por uma espécie de frontão, no qual se abre um óculo elíptico horizontal. Ao nível do coro alto, há duas janelas rectangulares, enquadrando um nicho vazio.

O portal do colégio foi aplicado a uma capela encostada à igreja; é de arco abatido, enquadrado por

pilastras, que terminam em frontão interrompido; ao centro, vê-se uma cartela, com o emblema da Congregação: Nossa Senhora da Conceição, cercada pelo cordão franciscano, encimando as armas do país, a cujos lados pendem as pontas do cordão<sup>34</sup>.

SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS, BRANCANES,  
SETÚBAL

Missionários Apostólicos

1713

Este convento, dependente da Ordem de S. Francisco, foi fundado por Frei António das Chagas, em 1680, num esforço por revigorar a Ordem. A igreja foi benzida em 1682.

D. João V declarou-se protector deste seminário em 20 de Agosto de 1713<sup>35</sup>.

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, ARRIFANA DE  
SOUSA (PENAFIEL)

Congregação da Conceição de Maria

1716

Este é um dos casos paradigmáticos de uma fundação religiosa devida à devoção privada: um casal sem herdeiros, cujos bens são destinados ao sustento de seis senhoras de sua família, vivendo como beatas, para rezarem por sua alma.

Daí se passa, por aquisição de um mosteiro em construção, e com aprovação do então bispo do Porto, D. Tomás de Almeida, a um recolhimento alargado de senhoras, vivendo em clausura perfeita.

Quanto aos aspectos arquitectónicos da casa, ainda incompleta quando o Padre Luis Cardoso elaborou o texto<sup>36</sup>, nada se sabe.

CONVENTO DA MADRE DE DEUS, GUIMARÃES

Regra de Santa Clara

1716

O Recolhimento da Madre de Deus foi elevado a Convento a 20 de Abril de 1716, com o patrocínio do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles<sup>37</sup>. O acontecimento foi festejado durante três dias, com repiques, luminárias, fogos de artifício e outros festejos também custeados pelo arcebispo<sup>38</sup>.

Da traça primitiva, apenas se conserva o claustro, com chafariz do século XVIII, e, na capela-mor da igreja, seis painéis de azulejos com o tema da Sagrada Família<sup>39</sup>.

SEMINÁRIO DE S. JOÃO E S. PAULO, LISBOA

Congregação da Missão

1717

A Congregação da Missão de Vicente de Paulo foi introduzida em Portugal, em 1717, pelo Padre José da Costa e revigorada pelo Padre Joffreu, em 1738<sup>40</sup>.

De facto, estando quase frustrada a fundação, D. João V concedeu licença, a 26 de Julho de 1738, para ela ficar sujeita ao Superior Geral em Paris<sup>41</sup>.

A igreja conserva azulejos azuis e brancos, do período joanino.

No Convento, funciona actualmente o Hospital Miguel Bombarda (Rilhafoles).

CONVENTO DE SANTA APOLÓNIA, LISBOA

Religiosas de Santa Clara

1718

Este mosteiro começou por ser um Recolhimento, iniciado por uma beata de hábito fechado, que seguia a Regra de S. Francisco, conhecida por Isabel da Madre de Deus, com algumas companheiras, ainda no século XVII.

O Papa Clemente XI elevou o Recolhimento a Mosteiro, aonde professaram a 6 de Fevereiro de 1718<sup>42</sup>.

A fachada do Convento, desaparecido para dar lugar à actual estação de caminho-de-ferro de Santa Apolónia, aparece-nos num desenho de 1833, mas revela características da segunda metade do século XVIII, mostrando o edifício já reedificado, após o Terramoto de 1755.

RECOLHIMENTO DE TERCEIRAS DE S. FRANCISCO,  
PORTALEGRE

Cerca de 1718

A existência deste Recolhimento é referida nas «Memórias Paroquiais» de 1758, que o localizam junto à igreja de S. Brás, que lhes tinha sido dada pelo Bispo e Cabido. O Recolhimento mantinha-se graças às esmolas dos fiéis<sup>43</sup>.

HOSPÍCIO DE S. BRUNO, LISBOA

Monges de S. Bruno

1719

Deste Hospício sabe-se que foi fundado em Lisboa, em 1719, na Rua da Palmela, à estrada do salitre<sup>44</sup>.

O edifício foi arruinado pelo Terramoto de 1755<sup>45</sup>.

CONVENTO DE S. FRANCISCO DE PAULA, LISBOA

Religiosos mínimos de S. Francisco de Paula

1719 e 1743

Esta congregação foi introduzida em Portugal por Fr. Francisco Vaquero, de Andaluzia, tendo-se estabelecido no sítio da Pampulha, defronte do Convento de S. João de Deus, em 1719, sendo esta a única casa que tiveram em Portugal<sup>46</sup>.

No entanto, logo em 1743, se iniciou a construção da nova igreja, que viria a ser terminada já no reinado de D. José<sup>47</sup>. Esta igreja é projecto do pintor e arquitecto português, Inácio de Oliveira Bernardes, cuja formação foi obtida, como oportunamente dissemos, na Academia de Portugal em Roma, sendo as torres de Giacomo Azzolini, arquitecto e cenógrafo bolonhês, que chegaria a Lisboa em 1752.

A igreja tem acesso por dois portais laterais, abertos nos corpos das torres, onde se inicia uma escadaria dupla de dois patins, superiormente coberta pelo coro do convento. Na escadaria, quatro grandes nichos sem esculturas contribuem para o seu carácter barroco.

Na fachada, que tem ao centro um largo janelão, estão as armas de D. José. Interiormente, encontramos o tradicional plano de nave única, com seis capelas laterais, com altares de talha dourado. O tecto é de Inácio de Oliveira Bernardes, tendo como motivo central, «S. Miguel Alcanjo», composição já claramente da segunda metade do século<sup>48</sup>.

A riqueza desta igreja justifica-se pelo patrocínio da rainha D. Mariana Vitória, que aqui mandou colocar o seu túmulo e quis certamente deixar o seu nome ligado a uma instituição com origem espanhola, tal como ela.

RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, PORTO

1722

Foi consequência de uma doação, deixada em testamento, em 1718, pelo Padre Manuel de Passos Castro, tesoureiro da Colegiada de Cedofeita, no Porto. Os seus testamenteiros resolveram fundar um recolhimento para meninas órfãs, a ser administrado pela Santa Casa da Misericórdia.

As obras de construção terão começado ainda em 1722<sup>49</sup>, ou em 1724, segundo Robert Smith, na provedoria do deão Jerónimo de Távora e Noronha, que escolhera António Pereira para fazer a planta e dirigir as obras. Os trabalhos pararam em 1731, por falta de dinheiro, mas Fr. Cláudio da Conceição afirma que o Santíssimo foi colocado na Capela, a 21 de Maio de 1735.

De qualquer modo, essa não corresponderia à actual igreja, que foi iniciada em 1746, por contrato entre o Provedor da Misericórdia, João Rodrigo Brandão Pereira de Lacerda e Melo, e um grupo de seis mestres pedreiros, o primeiro dos quais era Manuel Álvares Martins, que veio a trabalhar com Nasoni na igreja da Misericórdia. Embora o nome de Nasoni não seja mencionado nos documentos, Robert Smith atribuiu ao célebre architecto italiano, a quem já nos referimos noutros pontos deste trabalho, esta igreja, que só foi terminada em 1763, vindo a ser benzida a 17 de Março.

Toda a fachada revela características de Nasoni. O portal, coroado por frontão interrompido, liga-se a um nicho

central, com a imagem da Virgem. De cada lado, dois janelões com frontões de desenho borrominesco e, ao centro, um óculo que se liga a uma enorme cartela, com as armas reais. O coroamento da fachada é feito por um frontão curvo, tendo de cada lado, no enfiamento das pilastras que limitam a fachada, dois arranques de frontão sobre os quais assentam os pedestais dos pináculos, com forma de castiçais. Sobre o frontão central, duas urnas terminadas em flores e uma cruz central.

A capela, em vez da entrada lateral que usualmente têm as capelas de freiras ou similares, tem a portada no eixo central. A capela-mor tem retábulo e portas laterais também desenhados por Nasoni e a nave tem abóbada de berço, enquanto no coro encontramos abóbada de arestas. A cornija de granito assenta em pilastras toscanas, que como na fachada têm capitéis com ornatos de folhas. De cada lado, quatro janelões de molduras recortadas.

Notável é o arco do coro, de moldura recortada, idêntico aos de Nossa Senhora do Terço e da Santa Casa da Misericórdia. Em volta do arco cruzeiro, surgem uma série de volutas e outros ornamentos esculpidos em granito, o que representa uma transferência para a pedra de um sistema decorativo já usado na talha.

As fachadas do Recolhimento não são da mesma época, tendo uma parte sido terminada já no século XIX. É curiosa a colocação da igreja no centro dos dois blocos, que evoca Mafra, mas de facto só foi concretizada no século XIX. Não

há certeza se o bloco mais antigo é obra de Nasoni ou, o que é mais provável, de António Pereira, que o realizou entre 1724 e 1731, tendo Nasoni intervindo apenas ao nível da portada, onde encontramos um nicho de perfil sinuoso entre duas janelas.<sup>50</sup>

RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DOS CLÉRIGOS POBRES (R. de S. Pedro de Alcântara, nº 57-69), LISBOA

Foi fundado no século XVII (1651) por disposição testamentária do Tenente-General Rui Correia Lucas e de sua mulher D. Milícia da Silveira. Destinava-se a 13 clérigos pobres, que não fossem naturais de Lisboa, e viessem a esta cidade resolver assuntos seus.<sup>51</sup>

A construção da ermida só se iniciou em 18 de Abril de 1722. O conjunto foi demolido em 1858, conhecendo-se a sua aparência exterior por um desenho publicado por Luis Gonzaga Pereira. Tinha porta rectangular encimada por cornija, sobre a qual assentava janelão rectangular com frontão, e mais três janelas coroadas por cornija e frontões curvilíneos.<sup>52</sup>

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO, REDONDO  
1723

De acordo com a «Gazeta de Lisboa», foi construída nesta vila, entre 1720 e 1723, uma igreja destinada à Ordem Terceira de S. Francisco, tendo a imagem do santo aí sido colocada a 3 de Julho de 1723, em procissão solene, com figuras a cavalo e vários andores, acompanhada por todo o clero da região.<sup>53</sup>

## NOSSA SENHORA DO CASTELO, MONFURADO

### Congregação das Covas de Monfurado

Também chamada de monges descalços de S. Paulo, esta congregação foi iniciada por Frei Baltasar da Encarnação em Monfurado (Montemor-o-Novo). O único convento que vingou foi este de Nossa Senhora do Castelo<sup>54</sup>.

Ribeiro Guimarães conta-nos a história detalhada do fundador, Baltasar Casqueiro, que foi baptizado em Serpa, em 29 de Agosto de 1683. Tendo perdido os pais ainda criança, uma tia mandou-o aprender o ofício de sapateiro, mas desde muito cedo ficou conhecido como arruaceiro, sempre envolvido em brigas, tanto em Évora, como em Lisboa, cidades onde trabalhou. Em 1705, alistou-se nos regimentos que faziam a guerra da Sucessão de Espanha, depois do que regressou a Lisboa e mudou de vida, sabendo-se que já em 1713 era seu director espiritual o padre oratoriano António da Cruz. Foi nesse ano que se retirou para as Covas de Monfurado, ou Covas Infernais, local solitário no meio de uma serra, no distrito de Évora.

Já em 1710 se retirara para aquele local um caldeireiro de Lisboa, que levara consigo uma imagem da Virgem, que chamara de Senhora do Castelo. Em 1717, já o número de ascetas que ali se tinha reunido, era de vinte e cinco. Construíram umas pobres casas para habitação e servia-lhes de capela uma lapa aberta na concavidade de um rochedo. Viviam de esmolas, vestiam burel e entregavam-se a penitências e mortificações, no que se distinguia o referido

Baltasar Casqueiro. Foi ele que tomou, como patrono da Congregação, a S. Paulo Eremita.

Em 1722, o Geral da Congregação de S. Paulo da Serra d'Ossa autorizou-os a usar escapulário preto e deu-lhes carta de confraternidade. Em 1725, foi benzida a nova igreja daquele cenóbio e os frades tiveram a protecção do Infante D. António. Baltasar, que em 1723 começara a aprender a ler e escrever, foi ordenado sacerdote em 1732, sendo depois nomeado director da Congregação dos Eremitas de Monfurado, cujos estatutos redigiu.

Deslocou-se depois a Roma, onde obteve licença e nomeação de missionário apostólico, tendo percorrido o reino nesta função, e também pedindo esmolas para o cenóbio de Monfurado, tendo para o efeito enviado dois monges ao Brasil.

Em 1729, Frei Baltasar estabeleceu em Lisboa a confraria da Caridade, cujo fim era ajudar os presos e necessitados, com solicitação pública de esmolas, tendo fundado próximo da Sé uma ermida com a invocação da Caridade, para os confrades assistirem aos officios divinos.

Frei Baltasar patrocinou também a fundação da Congregação do Senhor Jesus da Boa Morte e Caridade, em Lisboa<sup>55</sup>. Faleceu em 25 de Setembro de 1760<sup>56</sup>.

Esta Congregação é exemplificativa do tipo de fundações modestas, levadas a cabo por artífices e outras pessoas de origem humilde, que proliferam neste período e que não se traduzem em edifícios notáveis.

NOSSA SENHORA DE SACAPARTE, ALFAIATES

Clérigos Agonizantes

1726

Este convento situava-se na região de Pinhel (Beira Alta). Dele temos conhecimento pela notícia dada pelo Padre Luis Cardoso: "Fora desta Villa, distancia de hum tiro de mosquete, ha huma capella sojeita ao Ordinario, e junto a ella deu principio no anno de 1726 a hum Hospicio de Religiosos Agonizantes, e serão doze, até quinze, com Director que os governa. Dentro desta Ermida, cujo titulo he Nossa Senhora de Sacaparte, ha hum poço, ou cisterna, com cuja agua se tem experimentado raros prodigios, não só nas terras visinhas, mas em outras mais remotas, donde mandão os enfermos buscalla para remedio de seus males, de que melhoraõ bebendo-a; e algumas vezes em casos fóra de toda a esperanza, o que se attribue a milagre da Senhora, principalmente de maleitas já não ha quem faça caso, porque contra ellas he esta agua o mais presentaneo Remedio"<sup>57</sup>.

HOSPICIO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS, GRÂNDOLA

Agostinhos Descalços

1727

A reforma dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho foi aprovada em Toledo, em 1588. O capítulo de 1594 redigiu os estatutos dos Portugueses, tendo adoptado esta reforma o mosteiro de Figueiró dos Vinhos. Só em 1663 abriram outros Conventos<sup>58</sup>, um dos quais no sítio do Grilo, pelo que foram conhecidos como padres Grilos<sup>59</sup>.

Em 1727, fundou-se em Grândola um hospício para estes frades, que em 1907 ainda existia, "perdida a feição primitiva n'um dos extremos da villa, no terreiro a que o povo chama Rocio dos Frades"<sup>60</sup>.

## CONVENTO DA CONCEIÇÃO, BRAGA

Religiosas Capuchas Descalças

1727

É uma das obras devidas ao mecenato do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles<sup>61</sup>. Era um recolhimento, da invocação de Nossa Senhora da Penha de França, instituído em 1625 por Pedro de Aguiar e sua esposa.

Quando foi elevado a mosteiro da Penha de França, saiu fundadora, a 4 de Junho de 1727, a Madre Maria Josefa de Jesus, conhecida pelo nome de Maria da Trindade pecadora. Foi a 3ª fundação da Ordem no arcebispado primaz<sup>62</sup>.

O convento foi demolido em 1879 e em seu lugar construído um edifício destinado a asilo de crianças. Resta a igreja, cuja construção, em 1728, se deve ainda ao referido arcebispo, que patrocinou igualmente as despesas do tríduo solene, com que foi festejada a elevação do recolhimento a Convento<sup>63</sup>. De notável, destacam-se as paredes revestidas de azulejos historiados, o retábulo de talha dourada e o púlpito, datado de 1720<sup>64</sup>. O retábulo da capela-mor é de 1733 e deve-se a Pedro Salgado de Landim; existe ainda talha de 1737, de Jacinto da Silva<sup>65</sup>.

As paredes da capela-mor são inteiramente revestidas de azulejos, representando a «Adoração dos Pastores» e o «Nascimento de Jesus» e o «Nascimento da Virgem». Neste, está a assinatura: "*Policarpus aboli/ua fecit*". Nas paredes laterais, entre os vãos das janelas, estão outras cenas da

Vida da Virgem. O interior do arco triunfal é também guarnecido com azulejos, com flores e festões.

Na nave, revestida até à sanca, estão painéis com cenas da «Vida de S. Francisco».

Os painéis da capela-mor devem situar-se cerca de 1721-22, logo a seguir à sagração da igreja. Os da nave são mais tardios, próximos de 1730, embora possam ser ligeiramente anteriores, já que D. Rodrigo de Moura Teles faleceu em 1728<sup>66</sup>.

CONVENTO DE S. PEDRO, ARRONCHES

Clérigos Agonizantes

1729

É uma das casas da congregação da Tomina, fundada em 1677 por Manuel de Beça Leal, que se tornou sacerdote com o nome de Padre Manuel de Jesus Maria, em 1683, vindo a obter a aprovação dos estatutos da sua Congregação em 23 de Dezembro de 1709, pelo Papa Clemente XI<sup>67</sup>.

Desta casa de Arronches, sabemos o que nos diz o Padre Luis Cardoso: "Junto a esta Villa fizeraõ Casa os Congregados da Tomina, para o que lhe deu o Senado a Ermida de S. Pedro extramuros: já tem feito algumas obras, e commodo necessario para dez, ou doze Congregados, que hoje tem. São sugeitos ao ordinario, e servem a este povo com grande caridade, edificação, e exemplo, ajudando a bem morrer, e assistindo aos enfermos. Vivem de esmolas, que de boa vontade lhe dão os moradores, conservando-os pela grande utilidade espiritual, que daqui lhes resulta. A Igreja he mediana; de abobeda, com tres Altares, o mayor com a Imagem do Santo Patrono, e dous á face, hum de S. Francisco Xavier de parte do Evangelho, e outro de parte da Epistola, dedicado a S. Caetano"<sup>68</sup>.

HOSPÍCIO DE SANTO ANTÓNIO, MINDE (Alcanena)

Arrábidos

1731

Esta congregação de Capuchos franciscanos foi fundada em 1539, na Serra da Arrábida, pelo espanhol Frei Martinho de Santa Maria, que contou o apoio da Casa de Aveiro.

Deste convento de Minde pouco se sabe, a não ser a notícia da sua extinção, em 1834, quando da abolição das ordens religiosas.<sup>69</sup>

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO, PINHEL

Capuchos da Província da Conceição

1731

Esta província agrupou, a partir de 1706, os conventos antoninos do Norte. A primeira pedra deste edifício de Pinhel foi lançada em 27 de Dezembro de 1731 e a trasladação do Santíssimo fez-se a 30 de Dezembro de 1742, em procissão, em que levaram as imagens de Nossa Senhora da Conceição, S. Francisco e Santo António<sup>70</sup>.

Do convento, apenas restam as ruínas do claustro, com uma colunata jónica, dado que a parte residencial foi destruída por incêndio, por volta de 1914<sup>71</sup>.

A igreja é de possante estrutura com o coro assente num arco abatido. O altar-mor é de talha barroca e a escultura do patrono é de qualidade<sup>72</sup>.

NOSSA SENHORA DE BALSEMÃO, CHACIM

Congregação de Marianos Concepcionistas

1732

Esta Ordem foi fundada na Polónia por Fr. Estanislau de Jesus Maria, em 1679, a partir de uma congregação de Terceiros Franciscanos, sendo a regra aprovada em 1686 pelo Papa Inocêncio XI. Em Portugal, ela só foi introduzida por volta de 1752, pelo padre Fr. Casimiro de S. José, também polaco, que escolheu a ermida de Nossa Senhora de Balsemão, próximo de Chacim, em Trás-os-Montes, onde já viviam congregados alguns eremitas.

Na verdade, por volta de 1732, ali tinha estabelecido o irmão António de S. José, natural do Oiteiro, um hospício com seus dormitórios, onde concorria muita gente, atraída pela imagem milagrosa da Senhora de Balsemão. Estes eremitas só abraçaram a Congregação Mariana em 1754 e esta casa foi única em Portugal<sup>73</sup>. Daí que o Padre Luis Cardoso, apenas refira a existência da ermida de Nossa Senhora de Balsemão, "distante da Villa meya legoa, frequentada de romeiros"<sup>74</sup>.

No século XIX, este convento era propriedade particular. Na encosta sul, estavam edificadas oito capelinhas, com os Passos da Paixão. O convento situava-se no cimo da colina e, na igreja do mosteiro, estava a sepultura do fundador<sup>75</sup>.

CONVENTO DE S. JOSÉ, ÉVORA (Convento Novo)

Carmelitas Descalças

1733

O edifício primitivo foi construído no século XVII, tendo a clausura sido iniciada em 1681, mas dele pouco escapou, tendo sofrido profundas reformas, no início logo do século XVIII, por iniciativa do arcebispo D. Fr. Luis da Silva, e depois de 1720, pelo seu padoeiro, reverendo Cónego António Rosado Bravo, em cuja construção gastou mais de trinta mil cruzados.

Os autores do projecto vieram de Lisboa e sabe-se que eram dois irmãos, um architecto, outro mestre de carpintaria.

O templo ficou terminado em 1733, tendo sido benzido a 15 de Março, sendo a trasladação do Santíssimo feita a 17 do mesmo mês, com procissão, a que se seguiu um triduo festivo, com música sermões e iluminação do mosteiro e casas vizinhas durante as três noites da festa<sup>76</sup>.

O exterior é de grande simplicidade, tendo pavilhões caiados de branco, com poucas janelas rectangulares, com moldura de granito. As portas da igreja e portaria abrem para um adro, protegido por parapeito de balaústres esculpidos.

A portaria tem portal granítico, de estilo barroco joanino, de frontão aberto, ladeado de pináculos com bolas e datado de 1721. A sala é de planta rectangular, coberta por

abóbada de penetrações. É decorada com lambris de azulejos de cestos floridos, dos primeiros vinte anos do século XVIII. A saleta da irmã porteira está datada de 1723 e tem rodapé cerâmico de vasos e balaústres.

Este corpo comunica com um claustim, com três tramos de arco de volta perfeita, que tem no piso superior um corredor com azulejos iguais aos da portaria. Voltada para o lado norte, está uma capela ornamentada com painéis de azulejos historiados, com cenas da infância de Jesus, obra de oficina lisbonense, de meados do século. Aqui se encontra também um oratório de madeira, com as portas pintadas, tendo ao centro a «Coroação da Virgem» e nas ilhargas, santos carmelitas.

A igreja tem, como a portaria, portal barroco, tendo no tímpano um nicho com a imagem de «S. José e o Menino» e por cima, em cartela, a data de 1730.

É de uma só nave rectangular, com falso transepto sobrepujado por cúpula esférica no cruzeiro, e ampla capela-mor. Foi fundado a 26 de Julho de 1728 e consagrado ainda no período joanino. A nave é coberta por abóbada de barrete de clérigo, coberta de pinturas a fresco, imitando mosaicos florentinos. A cúpula do cruzeiro tem ao centro do arco, o escudo do Cónego António Rosado Bravo e, no eixo, as armas de Santa Teresa.

O primeiro tramo da nave da igreja é revestido com treze painéis de azulejos, com passos da «Vida de S. José», com molduras de influência *rocaille*, de meados do século

XVIII (cerca de 1740). Por cima, estão apainelados pintados sobre tela, com molduras douradas, representando cenas da «Vida de Santa Teresa» e quatro Doutores da Igreja, obra anónima dos inícios do segundo terço do século XVIII. Na antiga capela, está um silhar da mesma época, com cenas marianas.

Por cima das janelas do coro, está um tríptico da mesma época, com a «Coroação de Santa Teresa de Jesus» e cenas da aprovação da ordem. No coro, os azulejos são de figura avulsa<sup>77</sup>, de cerca de 1730. No ante-coro, sobre a porta, está a data de 1729. Na abóbada de penetrações, está pintado o armorial barroco da ordem.

A sacristia, rectangular, também com abóbada de penetrações, tem rodapé de azulejos de albarradas e balaústres, de cerca de 1750.

O claustro principal é de fins do século XVII, inícios do seguinte. No século XVIII, iniciou-se na face nascente uma galeria de colunelos toscanos que ficou incompleta. A roda tem moldura calcária esculpida, com a data de 1737. Os oratórios forrados de telas pintadas são obras de carácter popular dos inícios do século XVIII, possivelmente obra das próprias freiras.

Ainda no claustro, vêem-se quatro frontais azuis, imitando damasco e brasonados, com armas carmelitas, obra lisbonense de cerca de 1700.<sup>78</sup>

CONVENTO DE S. FRANCISCO, MESÃO FRIO

Franciscanos

1734

Este convento pertenceu aos religiosos franciscanos do Varatojo.

A vila sofreu muito com a última invasão francesa, de 1810, sendo parte dela incendiada, inclusivamente o Hospital da Misericórdia e igreja, então dos franciscanos, que posteriormente foram reedificados<sup>79</sup>. O edifício conventual reconstruído passou a albergar os paços do Concelho e todas as repartições públicas.

A igreja é actualmente matriz da freguesia de Santa Cristina, tendo exercido nela funções de culto a irmandade da Ordem 3ª de S. Francisco<sup>80</sup>.

Do edifício original, além do alçado frontal no qual se integra a fachada da capela, resta o claustro dos franciscanos, de quatro galerias de sete tramos e dois pisos, com uma fonte de granito ao centro<sup>81</sup>.

SANTO CRISTO DA BARCA, ALMEIDA

Franciscanos

1734

Apesar da referência feita a esta fundação, quer pelo Padre João Bautista de Castro quer por Frei Cláudio da Conceição, tanto a «Gazeta de Lisboa», como o Padre Luis Cardoso, apenas referem a construção de uma igreja, para abrigar uma antiga imagem milagrosa de Cristo morto, existente no local. A igreja, construída à custa de esmolas, tinha três altares e os paramentos necessários<sup>82</sup>.

## COLÉGIO DOS REIS, VILA VIÇOSA

Jesuítas

1735

O Colégio dos Santos Reis Magos foi fundado por D. Teodósio II e foi denominado seminário depois da Reforma da Capela Real por D. João V. Era destinado à educação dos ministros e músicos da Capela Real.

Em 1735, D. João V entregou aos Jesuítas a sua direcção, melhorando consideravelmente na parte moral, científica e literária. Tinha doze alunos internos, mas era aberto aos externos.

O edifício situa-se na Ilha, à entrada de Vila Viçosa, do lado de Extremoz, e foi reedificado no tempo de D. José<sup>83</sup>.

No ângulo sudoeste da construção, ficam as antigas moradias dos servos, numa das quais, embebido no alçado exterior, se vê um registo cerâmico azul e branco, dedicado às alminhas do Purgatório e onde se lê o monograma datado: «P.N.A.M. M.A. 1735»<sup>84</sup>.

RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, ALDEIA  
GALEGA (Montijo)

Irmãs Terceiras do Menino Deus

1735

A notícia da fundação deste recolhimento, por cinco irmãs terceiras, provenientes do Hospício do Menino Deus, em Lisboa, é dada quer pela «Gazeta de Lisboa» de 20 de Outubro de 1735, quer por Frei Cláudio da Conceição<sup>85</sup>.

HOSPÍCIO DO SENHOR JESUS DA BOA MORTE E  
CARIDADE, LISBOA

Congregação do Senhor Jesus da Boa Morte (derivada da Congregação das Covas de Monfurado)

1736

Esta congregação foi iniciada por um oficial de canteiro, de nome António dos Santos, que, em 1728, colocou uma cruz num lugar chamado a Encruzilhada da Espera, no sítio de Buenos Aires, dando-lhe a invocação de Senhor Jesus da Boa Morte. O crucifixo chamou de tal modo a atenção dos fiéis, que António dos Santos lhe resolveu construir uma ermida, logo em 1729. Junto da ermida, construiu uns cubículos, onde ele habitava com quatro companheiros.

Conhecendo então a fama de Baltasar da Encarnação, fundador da Congregação das Covas de Monfurado, ofereceu-lhe o cruzeiro e ermida para aí fundar um convento. O Padre Baltasar aceitou, ampliou as pequenas celas e construiu outras para os monges que aí iam habitar. Em 1736, trasladou-se para a nova igreja a imagem do Senhor Jesus da Boa Morte e, em 1738, colocou-se outra no cruzeiro<sup>86</sup>.

Segundo o Padre Baptista de Castro, as obras estavam então em aumento (1763). O principal objectivo desta Congregação era pedir em comunidade, cantando o terço pelas ruas, para os presos e outros necessitados. O Cardeal Patriarca aprovou-lhes os estatutos em 1743, que eram diferentes dos da Congregação de Monfurado<sup>87</sup>.

O convento foi demolido em 1834 e no seu local construída uma casa, cujo proprietário recolheu na sua residência, o crucifixo da Boa Morte e a lápide que estava no cruzeiro, onde se lia: "*Em 8 de Julho de 1728 se colocou neste lugar, pelo devoto irmão António dos Santos, a milagrosa imagem do Sr. da Boa Morte, e tresladando-se para a igreja em 31 de Dezembro de 1736, se pôs esta memória no mesmo lugar, em 24 de Abril de 1738. P. N. Ave M. pelas almas*"<sup>88</sup>.

A fachada da igreja e convento é conhecida por um desenho da obra de Luis Gonzaga Pereira<sup>89</sup>. Se o desenho do convento mostra uma construção modesta e irregular, a igreja tem características de meados do século XVIII, com a porta principal ligeiramente elevada tendo acesso por escada de lanços duplos. O coroamento da porta é feito por um frontão segmentar elevado, em cujo tímpano se abre um nicho elíptico com uma cruz. No eixo da porta, um amplo janelão com moldura de cantaria e já acima da cornija, no tímpano do frontão, um nicho e uma cruz no topo da frontaria. Esta era enquadrada por pilastras, em cujo coroamento surgiam pináculos ou fogaréus. A porta principal era ladeada por janelas de cantaria recortada coroadas por frontão e duas janelas do mesmo tipo ladeavam o janelão central. O frontão do coroamento era curvilíneo, em forma de besta.

Sabendo-se que o hospício não sofreu com o Terramoto<sup>90</sup>, é provável que a fachada só fosse concluída já na segunda metade do século XVIII.

## CONVENTO DE SANTA TERESA, COIMBRA

Carmelitas Descalças

1739

Este convento foi iniciado em 1739, ano em que D. João V autorizou a sua fundação. As onze fundadoras foram hospedadas no Convento de Santa Ana e depois transferidas para um hospício nas casas da quinta de Simão Pereira Homem, na Arregaça.

O novo convento foi iniciado no sítio do Casal do Chantre, doado pelo cónego Manuel Moreira Rebelo, tendo a primeira pedra sido lançada em 9 de Abril de 1740<sup>91</sup>. A construção foi rápida, graças sobretudo a esmolas de benfeitores anónimos<sup>92</sup>, e também do bispo de Coimbra. Fortunato de Almeida diz que o mosteiro estava pronto em 23 de Junho de 1741<sup>93</sup>, mas, de facto, a notícia da entrada das religiosas é de 1744, data em que se fez também a dedicação da igreja<sup>94</sup>. Na verdade, o milésimo de 1741 está na entrada da portaria, o de 1743 na porta da igreja e na escada principal, sob a base duma cruz<sup>95</sup>.

O convento, situado no Penedo da Saudade, é construção de pequenas dimensões e arquitectonicamente pobre. A igreja tem uma só nave, com zimbório. Os altares são de boa qualidade, sobretudo o altar-mor.

A portaria e a entrada da igreja são duas portas iguais, de abertura rectangular, com ombreiras ladeadas de ornatos e entablamento dórico com triglifos. Entre as duas

portas, está o brasão da ordem, envolvido de ornatos e sob dossel.

As paredes do coro alto, situado sobre a portaria, estão parcialmente revestidas por azulejos de oficina coimbrã, de meados do século XVIII<sup>96</sup>.

O claustro é composto de cinco arcos por lado, assentes em pilares; também tem revestimento azulejar<sup>97</sup>.

COLÉGIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE, GOUVEIA

Jesuítas

1739

Este convento teve curta existência. A única referência que a ele encontramos foi no dicionário de Esteves Pereira, onde se diz que "pelo meado do século XVIII, os Jesuítas edificaram em Gouveia um amplo e magestoso collegio, bem situado e com magnificas vistas. Poucos annos depois de o acabarem e de estabelecerem nelle aulas, foram expulsos pelo Marquês de Pombal, ficando devoluto para a Coroa o Collegio e as vastas propriedades a elle pertencentes. As freiras franciscanas de Almeida, tentadas pela beleza e magnificencia da casa pediram-na ao governo e para ella se transferiram..."

Depois da Guerra Peninsular, o convento foi quartel do Regimento de Caçadores 7, vindo a ser comprado por Bernardo António Homem, tio do Conde de Caria, seu proprietário em 1907. Era uma residência magnífica, com esplêndida vista e bela cerca<sup>98</sup>.

CONVENTO TRINITÁRIO, SETÚBAL

1741, reedificação.

No século XVII, foi construído em Setúbal um mosteiro modesto, pertencente à ordem trinitária.

Em 1741, fez-se nova planta e deu-se início à obra de reedificação, interrompida pelo Terramoto. Os religiosos aproveitaram interinamente para igreja a casa do Capítulo e assim se conservaram<sup>99</sup>.

COLÉGIO DE COIMBRA

Eremitas de S. Paulo da Serra de Ossa (Paulistas)

1745

A 29 de Outubro de 1745, expediu el-rei uma provisão pela qual autorizou os eremitas de S. Paulo a fundarem um colégio em Coimbra para os religiosos que seguissem os estudos universitários<sup>100</sup>.

O edifício situava-se ao cimo da rua Larga e tornou-se sede do Instituto de Coimbra.

CONVENTO DAS TRINAS DO MOCAMBO, LISBOA

Trinitárias

1745

O convento foi fundado em 1657, mas provavelmente terminado em 1713, pois a 18 de Novembro para lá se trasladou o Santíssimo Sacramento. Em 1745 foi reedificado, tendo a primeira pedra sido lançada a 8 de Março e começado a ser habitado a 11 de Junho de 1748<sup>101</sup>.

A feição actual do edifício é seiscentista, contendo no entanto revestimentos azulejares que medeiam entre o final do século XVII e a segunda metade do XVIII<sup>102</sup>.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO, TAVIRA

Carmelitas Descalços

1745

A única informação disponível é a de que este convento, depois da extinção das Ordens Religiosas, em 1834, foi aproveitado para asilo distrital da infância desvalida, com a mesma invocação de Nossa Senhora do Carmo<sup>103</sup>.

As obras do Convento ainda continuavam em 1749, de acordo com o «Mercúrio Histórico de Lisboa» que também nos informa que, na mesma época, se reedificavam diversas casas particulares, o que contribuía para o embelezamento da povoação<sup>104</sup>.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO,  
MAMPEDROSO DO PORTO

Agostinhos Descalços

1745

Desta fundação é dada detalhada notícia na «Gazeta de Lisboa» e também no «Mercúrio Histórico de Lisboa» em Outubro de 1749<sup>105</sup>. Aí se explica que o convento foi fundado numa quinta doada, em 1745, por Francisco da Silva Guimarães, que também custeava a sua construção. O mesmo senhor decidiu depois construir-lhes uma igreja, cuja primeira pedra foi lançada a 12 de Outubro, com uma inscrição latina, que explicava as circunstâncias da fundação, sob o pontificado de Bento XIV, sendo bispo do Porto D. Fr. José Maria da Fonseca e Évora, D. João V rei de Portugal, prelado geral da Congregação Fr. António da Anunciação, e prelado do convento, Fr. António da Trindade.

A freguesia de S. Lourenço de Asmes, onde o convento se situava, pertence actualmente ao concelho de Valongo e, na zona surgiu uma nova povoação, Ermesinde, mas nada encontramos relativamente a este convento<sup>106</sup>.

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DA CONVALESCENÇA, BENFICA

Capuchos da Província de Santo António

1746 (reedificação)

Embora o edifício não sofresse com o terramoto<sup>107</sup>, a igreja foi demolida depois da extinção das ordens religiosas, restando o convento laicizado e degradado, onde apenas são de notar alguns silhares de azulejos.

Pelo desenho publicado na obra de Luis Gonzaga Pereira, a igreja era de grande simplicidade, mostrando já um certo gosto classicizante, com a fachada de dois andares dividida em panos por pilastras, sendo as da extremidade coroadas por fogaréus. Portal de arco de volta perfeita, ladeado por duas janelas rectangulares com moldura de cantaria, e, no piso superior, três janelas duplas, de arco de volta perfeita, tudo coroado por frontão triangular liso<sup>108</sup>.

HOSPÍCIO DA RUA DO PASSADIÇO, LISBOA

Religiosos Mercenários

1747

Os Religiosos Mercenários dedicavam-se à Redenção de Cativos.

O Hospício foi autorizado em 1746 e começaram a edificá-lo em Março de 1747, na Rua do Passadiço (Freguesia de S. José)<sup>109</sup>, nas terras do desembargador Antonio de Macedo, que as deu para o referido edifício, sendo procurador geral o padre Fr. André Pinto da Silva<sup>110</sup>.

Este hospício ficou arruinado com o Terramoto<sup>111</sup>.

RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS, LISBOA

1747

Trata-se de um recolhimento para viúvas ou senhoras de bom nascimento mas empobrecidas, fundado pelo Principal da Sé, Lázaro Leitão Aranha, no local onde estava a ermida do Paraíso e que já fora utilizado pelos Barbadinhos Italianos, antes da fundação da Igreja de Nossa Senhora da Porciúncula. O edifício foi adquirido por Lázaro Leitão, em 1742, destinando a igreja, para a qual encomendou retábulos em Itália, para receber o seu túmulo, curiosamente assente em dois leitões, e decorado com o seu busto e brasão<sup>112</sup>.

A autoria da obra tem sido atribuída a Carlos Mardel<sup>113</sup>, que fez a casa nobre da Junqueira para o mesmo Lázaro Leitão. Na verdade, não repugna atribuir-lhe a bonita escadaria de lanços duplos, que conduz às três portas, com corrimão de ferro forjado, cujo motivo decorativo se repete na parede, em curiosos *trompe l'oeil* de azulejo, sem dúvida o elemento mais bem conservado da construção.

O edifício tem dois pisos, assentes numa parede lisa, com aberturas pequenas, quadradas ou rectangulares, com moldura de cantaria. A entrada faz-se, como dissémos, por três portas, de moldura recortada na parte superior, sendo a central mais larga e elevada, coroada por frontão triangular sob o qual foram colocadas as armas de Lázaro Leitão.

A notícia da fundação, em Julho de 1747, é dada tanto na «Gazeta de Lisboa» como no manuscrito de Luis José

de Figueiredo, sendo depois repetida por Fr. Cláudio da  
Conceição<sup>114</sup>.

## CONVENTO FRANCISCANO DE SETÚBAL

1747

O convento tinha sido fundado no século XVI, mas foi-se arruinando, pelo que teve de ser reedificado a *fundamentis*, sendo lançada a primeira pedra por Frei Manuel da Epifânia, provincial da Ordem, no dia 19 de Dezembro de 1747.

O mosteiro foi demolido no século XIX, depois da extinção das ordens religiosas, sendo reedificado por Francisco José Pereira. Aí se estabeleceu em 1876, um colégio dirigido por Padres Lazaristas, que reedificaram a igreja<sup>115</sup>.

## HOSPÍCIO DE SANTA RITA, LISBOA

Agostinhos Descalços

1748

É mais um edifício desaparecido. O convento apresentava, de acordo com o desenho publicado por Luis Gonzaga Pereira, uma fachada de dois pisos com catorze janelas, sendo as da extremidade e as do meio de sacada, todas encimadas por cornija direita, dentro da tradição do século anterior.

A igreja ligava-se a uma das extremidades da fachada, com portal ladeado por pilastras terminadas em cornija e janelão de arco de volta perfeita, com moldura de cantaria. Frontão segmentar interrompido animava a fachada do templo, que tinha na parte posterior uma torre sineira de coroamento bulboso, ao gosto da época, e quatro fogaréis nos ângulos. No enfiamento das pilastras que enquadravam a fachada, um fogaréu do lado que confinava com o hospício; poderia ter outro, conhecidas as limitações dos desenhos de Luis Gonzaga Pereira<sup>116</sup>.

De acordo com notícia do «Mercúrio Histórico de Lisboa», os Religiosos tinham tomado posse da quinta em 13 de Junho de 1749, usando uma das salas como capela, onde armaram um altar, e as obras prosseguiam em Outubro do mesmo ano<sup>117</sup>.

HOSPÍCIO DE TRINITÁRIOS DE VILA FRANCA DE XIRA

Ordem trinitária

1748

Neste ano, foi fundado em Vila Franca de Xira um hospício de Trinitários, que resultou da transformação de uma confraria instituída em 1720 por Fr. Jerónimo Botelho, em honra de uma imagem de Nossa Senhora das Mercês<sup>118</sup>.

HOSPÍCIO DE S. CAMILO DE LELIS, LISBOA

Congregação de S. Camilo de Lélis

1750

Ficava situado na freguesia de Santa Justa, tendo sido arruinado pelo Terramoto<sup>119</sup>.

Autorizado por alvará de 8 de Maio de 1750, deu princípio a esta Congregação o Padre Baltasar Olivier, comissário apostólico e visitador geral de religião dos Clérigos Regulares Ministros de enfermos.

A ela se uniram os padres da Congregação dos Clérigos Agonizantes, já por nós referida<sup>120</sup>.

NOTAS:

- <sup>1</sup>Ayres de Carvalho, "Novas revelações para a história do Barroco em Portugal, I - As obras de Santo Antão e os seus artistas" in Belas Artes, 2ª série, nº 20, Lisboa, A.N.B.A., 1964, p. 21
- <sup>2</sup>Ver documentos anexos.
- <sup>3</sup>Ver nota 10
- <sup>4</sup>Fundação apenas referida na obra do Padre João Bautista de Castro
- <sup>5</sup>Idem
- <sup>6</sup>Fundação apenas referida na obra de Frei Cláudio da Conceição.
- <sup>7</sup>Idem
- <sup>8</sup>O Convento de Mafra é estudado em capítulo específico
- <sup>9</sup>Este Convento foi terminado por intervenção do Patriarca D. Tomás de Almeida, pelo que é referido no capítulo dedicado às obras patrocinadas por este membro da igreja.
- <sup>10</sup>Fundação apenas referida na obra do Padre João Bautista de Castro.
- <sup>11</sup>Fundação apenas referida na obra de Frei Cláudio da Conceição; o seu estudo é feito no capítulo referente ao "Mecenato dos bispos e cabidos" (Braga)
- <sup>12</sup>Em João Bautista de Castro, esta fundação é datada de 1733.
- <sup>13</sup>Fundação apenas referida na obra do Padre João Bautista de Castro.
- <sup>14</sup>Fundação apenas referida na obra de Frei Cláudio da Conceição
- <sup>15</sup>Dado que se trata de uma fundação devida à rainha D. Maria Ana de Áustria, é estudado no capítulo referente ao "Mecenato régio e de outros membros da família real".
- <sup>16</sup>Esta fundação deve-se ao Infante D. Francisco, pelo que é estudada no capítulo referente ao "Mecenato régio e de outros membros da família real". A primeira fundação tinha sido em 1708.
- <sup>17</sup>Esta fundação foi apoiada pelo rei D. João V, pelo que se estuda no capítulo referente ao "Mecenato régio...".
- <sup>18</sup>Frei Cláudio da Conceição data esta fundação de 1745.
- <sup>19</sup>Esta fundação só é referida na obra do Padre João Bautista de Castro.
- <sup>20</sup>Pela sua importância, este convento é estudado em capítulo específico
- <sup>21</sup>Esta fundação é apenas referida na obra de Frei Cláudio da Conceição. Trata-se do hospício fundado pelo principal da Sé de Lisboa, Lázaro Leitão Aranha.

- <sup>22</sup>Padre Fernando Félix Lopes, "Franciscanos" in Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol. III, Livraria Figueirinhas, Porto, 1990
- <sup>23</sup>Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, vol. V, Lisboa, 1911, p. 849
- <sup>24</sup>Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, Lisboa, A.N.B.A., 1955
- <sup>25</sup>Ayres de Carvalho, D. João V e a Arte do seu Tempo, vol. II, Edição do Autor, pp. 169.170
- <sup>26</sup>Padre Luis Cardoso, Diccionario Geografico, 2º vol., Lisboa, MDCCLI, p. 393
- <sup>27</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit. pp. 385-386
- <sup>28</sup>Luis Keil, "Campo Maior, Igreja e Convento de Santo António" in Inventário Artístico de Portugal, I, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943, pp. 33-34
- <sup>29</sup>Fortunato de Almeida, História de Portugal, Coimbra, 1928, Tomo V, pp. 65-66
- <sup>30</sup>Pinho Leal, Portugal antigo e moderno, vol. I, Lisboa, 1873, pp. 91-92
- <sup>31</sup>Idem, ibidem, vol. VIII, Lisboa, 1878
- <sup>32</sup>José Soares da Silva, Gazeta em forma de carta, Tomo I, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1933: 1709 - Lx. 15 de Setrº
- No prº deste se passou o S.or da Igr.ª Velha de N. Srª do Valle pª a sua noua q. fizeram os frades Loyos, obra de fabrica admiravel, e excellente architectura, em forma sextavada, e toda de pedras embutida; houve outauario solemne com o S.or exposto, muzica, e sermões todos os dias.*
- <sup>33</sup>Pinho Leal, op. cit., vol. II, Lisboa, 1874
- <sup>34</sup>Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, Lisboa, A.N.B.A., 1947
- <sup>35</sup>Pinho Leal, op. cit., vol. IX, Lisboa, 1880
- <sup>36</sup>Padre Luis Cardoso, op. cit., vol. I, pp. 603-604; ver documento anexo I.
- <sup>37</sup>Ver capítulo referente ao "Mecenato dos bispos e cabidos".
- <sup>38</sup>Fr. Cláudio da Conceição, Gabinete Histórico, Tomo VI, 1710-17, Lisboa, 1820: "A 20 de Abril se erigio o Recolhimento da Madre de Deos da villa de Guimarães em Convento da primeyra Regra de Santa Clara, em que o Arcebispo Primaz de Braga D. Ruy de Moura Telles publicou a clausura e começou o Noviciado das Religiosas ... desta Villa, que com repiques, e luminarias festejou tres dias esta função; e aos Cavalheiros della q. celebraraõ com grandes festins, fogos de artificio, e outros divertimentos. O Arcebispo Primaz, alem de concorrerem por sua conta os gastos destes tres dias na Igreja, e Convento, deo para elle huma esmola de cem moedas."
- <sup>39</sup>J. A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal (sob a direcção de), Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- <sup>40</sup>Fortunato de Almeida, História de Portugal, Tomo V, Coimbra, 1928, p. 66

- <sup>41</sup>Ver capítulo referente ao Mecenato de D. João V.
- <sup>42</sup>Luiz Gonzaga Pereira, Monumentos Sacros de Lisboa em 1833, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1927
- <sup>43</sup>A.N.T.T., Memórias Paroquiais, 1758, vol. 29, fl. 1517, Freguesia da Sé: "...ha nesta freguezia hum Recolhimento de Terceyras de São Francisco fundado há perto de quarenta annos junto da Igra de São Bras que lhes foy dada pelo Bispo e Cabido. Vivem com grande reforma, e exemplo, e vivem das esmollas que lhe administra a caridade dos fieis."
- <sup>44</sup>Fortunato de Almeida, História da Igreja em Portugal, vol. II, Porto, Lisboa, 1968, Livraria Civilização, p. 187
- <sup>45</sup>F. L. Pereira de Sousa, O Terramoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal, vol. III, Distrito de Lisboa, Lisboa, 1928
- <sup>46</sup>Fortunato de Almeida, História de Portugal, Tomo V, Coimbra, 1928, p. 66
- <sup>47</sup>Gazeta de Lisboa, de 5 de Março de 1743: "Quinta feira 28 do mez passado se lançou a primeira pedra para a obra da nova Igreja, que os Religiosos Minimios de S. Francisco de Paula erigem no sitio, a que chamam Pampulha...".
- <sup>48</sup>Vítor Serrão, "Igreja de S. Francisco de Paula" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, 3º tomo, Assembleia Distrital de Lisboa, 1988, pp. 37-40
- <sup>49</sup>Gazeta de Lisboa de 23 de Junho de 1722; notícia confirmada por Fr. Cláudio da Conceição, Gabinete Histórico, tomo IX, Lisboa, 1823; ver anexo documental II.
- <sup>50</sup>Robert C. Smith, Nicolau Nasoni, Arquitecto do Porto, Lisboa, Livros Horizonte, 1966, pp. 115-120
- <sup>51</sup>Luiz Gonzaga Pereira, Monumentos Sacros de Lisboa em 1833, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1927
- <sup>52</sup>Encontram-se referências a este Recolhimento em Norberto de Araújo, Peregrinações em Lisboa, Livro V, C.M. Lisboa, 1939, pp. 77-78; e Helder Carita, O Bairro Alto, Tipologias e Modos Architectónicos, C. M. Lisboa, 1990
- <sup>53</sup>Gazeta de Lisboa, Redondo, 4 de Julho de 1723; ver anexo documental III
- <sup>54</sup>Fortunato de Almeida, História de Portugal, op. cit., tomo V, p. 66
- <sup>55</sup>ver notícia relativa a esta congregação.
- <sup>56</sup>J. Ribeiro Guimarães, Sumário de Vária História, vol. IV, Em casa de Rolland & Semiond, 1874, pp. 199-203
- <sup>57</sup>Padre Luis Cardoso, Diccionario Geografico, I vol., Lisboa, MDCCXLVII, p. 273
- <sup>58</sup>Padre Avelino de Jesus Costa, "Agostinho, Ordem de Santo" in Diccionario de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol. I, Livraria Figueirinhas, Porto, 1990
- <sup>59</sup>Fortunato de Almeida, História de Portugal, op. cit., tomo V
- <sup>60</sup>Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, Portugal, Diccionario histórico, chorographico, ..., 1907, p. 834
- <sup>61</sup>ver capítulo referente ao "Mecenato dos Bispos e Cabidos".
- <sup>62</sup>Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, I vol., Lisboa, 1873, p. 437

- <sup>63</sup>Fr. Cláudio da Conceição, Gabinete Histórico, Tomo VII, 1717-1729, Lisboa, 1820: "Em Braga se festejou com hum triduo solemne a erecção do Recolhimento de Nossa Senhora da Penha de França em Convento de Religiosas Capuchas Descalças, com o titulo da Conceição, que à sua custa edificou o Arcebispo Primaz D. Rodrigo de Moura Telles, sendo a sua primeira Abadessa a Madre Josefa Maria da Assumpção, Prioriza que tinha sido no Mosteiro do Salvador da mesma Cidade, da Ordem de S. Bento, e lançando o mesmo Prelado o habito a doze Noviças. Fez-se este acto com todo o luzimento, e magnificencia, tudo com despeza do mesmo Arcebispo."
- <sup>64</sup>J. A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal (sob direcção de), Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- <sup>65</sup>Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 4º, Entre Douro e Minho, II, Minho, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1965
- <sup>66</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 98
- <sup>67</sup>João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, Tomo 2º, Partes III e IV, 3ª ed., Lisboa, 1870, pp. 52-53
- <sup>68</sup>Padre Luis Cardoso, op. cit., vol. I, p. 616
- <sup>69</sup>Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, Portugal, op. cit., vol. IV, p. 1118
- <sup>70</sup>Gazeta de Lisboa de 17 de Janeiro de 1732 e de 29 de Janeiro de 1743; ver anexo documental IV
- <sup>71</sup>De acordo com o Guia de Portugal, edição de 1944, onde se diz que o incêndio tinha tido lugar "há uns trinta anos".
- <sup>72</sup>Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 3º, Beira Litoral, Beira Baixa, Beira Alta, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1944; J. A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- <sup>73</sup>João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, op. cit., tomo 2º, Partes III e IV, pp. 56-57
- <sup>74</sup>Padre Luis Cardoso, Diccionario Geografico, op. cit., II vol., Lisboa, MDCCLI, p. 621
- <sup>75</sup>Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, II vol., Lisboa, 1874
- <sup>76</sup>Gazeta de Lisboa, de 17 de Abril e de 29 de Outubro de 1733; ver anexo documental V
- <sup>77</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 406
- <sup>78</sup>Túlio Espanca, "Évora, Mosteiro de S. José ou da Esperança" in Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora, VII, A.N.B.A., Lisboa, 1966, pp. 271-275
- <sup>79</sup>Esteves Pereira, Guilherme Rodrigues, Portugal, op. cit., vol. IV, 1901
- <sup>80</sup>Pinho Leal, op. cit., vol. V, 1875, p. 197
- <sup>81</sup>Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 5º - Trás-os-Montes e Alto Douro, I, Vila Real, Chaves e Barroso, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969
- <sup>82</sup>Gazeta de Lisboa, de 12 de Junho de 1727; Padre Luis Cardoso, op. cit., vol. I, MDCCXLVII, p. 337; ver anexo documental VI
- <sup>83</sup>Pinho Leal, op. cit., vol. XI, Lisboa, 1886

- 84 Tullio Espanca, "Colégio dos Moços do Coro ou Seminário dos Santos Reis Magos" in Inventário Artístico de Portugal, Évora, Zona Sul, A.N.B.A., Lisboa, 1975
- 85 Fr. Cláudio da Conceição, Gabinete Histórico, Tomo IX - 1730-45, Lisboa, 1823; ver anexo documental VII
- 86 J. Ribeiro Guimarães, Sumário de Vária História, vol. IV, Em Casa de Rolland & Semiond, 1874, pp. 202-203; informações idênticas foram publicadas no «Folheto de Lisboa», de 20 de Agosto de 1740, onde se lia: "junto da Cruz do sítio de Buenos Ayres, que no anno de 1728 collocou a devoção de António dos santos, natural de Camarate, official de Canteyro, tem este irmão da congregação da Caridade (...) fundado huma grande Ermita dedicada ao senhor Jezus da Boa morte, e junto della vay fundando dormitorio com cubculos, e mais officinas, para accommodação dos irmãos [congregados, de que ha ja dez; estes irmãos assistem na dita caza desde o anno de 1736, ainda que sem apozenos, em que se recolhessem."
- 87 João Baptista de Castro, op. cit., Tomo 29, Partes III e IV, p. 55
- 88 J. Ribeiro Guimarães, op. cit., pp. 202-203, nota de pé de página
- 89 Luiz Gonzaga Pereira, op. cit., "S. J. da Boa Morte"
- 90 F. L. Pereira de Sousa, O Terramoto do 19 de Novembro de 1755 em Portugal, vol. III - Distrito de Lisboa, Lisboa, 1928
- 91 Fortunato de Almeida, História da Igreja em Portugal, vol. II, Livraria Civilização, Porto, Lisboa, 1968, pp. 186-187
- 92 Folheto de Lisboa, de 11 de Junho de 1740; ver anexo documental VIII
- 93 Fortunato de Almeida, op. cit., p. 187
- 94 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 27 de Junho de 1744; ver anexo documental VIII
- 95 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Convento de Santa Teresa" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947, p. 95
- 96 Idem, ibidem, p. 96
- 97 Santa Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 39, Beira Litoral, Beira Baixa, Beira Alta, op. cit.
- 98 Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, Portugal, op. cit., vol. III, 1907, p. 821
- 99 Fortunato de Almeida, História da Igreja em Portugal, op. cit., vol. II
- 100 Idem, ibidem
- 101 Idem, ibidem
- 102 António Manuel Gonçalves, "O Convento das Trinas do Mocambo" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, Tomo 39, Assembleia Distrital de Lisboa, 1988
- 103 Pinho Leal, Portugal antigo e moderno, op. cit., vol. IX, 1880; Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, Portugal, op. cit., vol. VII, 1915, p. 47
- 104 Mercúrio Histórico de Lisboa, "Sabbado, 17 de Mayo de 1749

Tavira, 4 de Mayo

Os Religiozos Carmelitas Descalços, e os seos Terceyros, depois que entrou a Primavera, continuaram a trabalhar nas obras do seu Convento, e Capella. Por toda esta cidade se reedificaõ tantas Cazas particulares, que brevemente poderemos ver a antiguidade dos seos edificios com a formozura da novidade, que fará mais brilhante esta bem assentada, e excelente povoação."

<sup>105</sup>Gazeta de Lisboa, de 2 de Outubro de 1749; Mercúrio Histórico de Lisboa, de 25 de Outubro de 1749; ver anexo documental IX

<sup>106</sup>Existe no concelho da Maia apenas uma igreja paroquial com a invocação de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Barreiros, reedificada a partir de 1738 (Pais da Silva, "Subsídios para o Estudo do Barroco na Maia" in Páginas de História da Arte, vol. II, Editorial Estampa, Lisboa, 1986, pp. 193-279

<sup>107</sup>F. L. Pereira de Sousa, O Terramoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal, op. cit., vol. III

<sup>108</sup>Luiz Gonzaga Pereira, "S. Antonio da Convalescença" in Monumentos Sacros de Lisboa, op. cit.

<sup>109</sup>Fortunato de Almeida, História de Portugal, op. cit., tomo V, p. 65

<sup>110</sup>João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, op. cit.

<sup>111</sup>F.L. Pereira de Sousa, op. cit., vol. III

<sup>112</sup>Irisalva Moita, "Recolhimento de Nossa Senhora dos Anjos (ou de Lázaro Leitão)" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, 2º tomo, Junta Distrital de Lisboa, 1975

<sup>113</sup>Arthur Lamas, A Casa-nobre de Lázaro Leitão no sítio da Junqueira, Lisboa, 1925, pp. 87-90

<sup>114</sup>Ver anexo documental X.

<sup>115</sup>Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, op. cit., vol. IX, 1880, p. 245

<sup>116</sup>Luis Gonzaga Pereira, "S. Rita de Cassia" in Monumentos Sacros de Lisboa em 1833, op. cit.

<sup>117</sup>Mercúrio Histórico de Lisboa, "Sabbado, 18 de Outubro de 1749 - A nova fundação do Convento de S<sup>ta</sup> Rita, que os Religiozos Eremitas Descalços de S. Agostinho fazem no sitio de Andaluz freguezia de S. Sebastiam de Pedreyra, em huma quinta que ali comprarõ d/ que tomaram posse a 13 de Junho do pres.<sup>te</sup> anno, eregindo em hua das suas sallas Altar em q. cantaraõ missa com sermão, continua com grande calor..."

<sup>118</sup>Fortunato de Almeida, História da Igreja em Portugal, op. cit., vol. II; sobre este hospício nada consta em Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, III - Mafra, Loures, Vila Franca de Xira, Junta Distrital de Lisboa, 1963

<sup>119</sup>F. L. Pereira de Sousa, op. cit., vol. III

<sup>120</sup>Fortunato de Almeida, História de Portugal, op. cit., tomo V, pp. 66-67

Procurámos dar uma notícia das fundações referidas quer pelo Padre João Bautista de Castro, quer por Frei Cláudio da Conceição, embora, na maioria dos casos, sejam edifícios desaparecidos, muito alterados ou de pouco significado do ponto de vista architectónico e artístico. Daí a escassez de dados, que tentámos completar com recurso a outras fontes, nomeadamente as da imprensa da época, «Gazeta de Lisboa», «Folheto de Lisboa» e «Mercúrio Histórico de Lisboa», a que acrescentámos os dados constantes das obras de Fortunato de Almeida e dos dicionários corográficos.

No entanto, a panorâmica das fundações de ordens religiosas no reinado de D. João V ficaria bastante incompleta se não procedessemos inversamente, procurando estudar nos edifícios existentes as transformações operadas durante este período, partindo de inventários, monografias locais e outras fontes disponíveis. Assim, na segunda parte deste capítulo, partimos da abordagem das diferentes congregações religiosas existentes, que ordenámos alfabeticamente, e, dentro de cada uma, preferimos sistematizar as fundações em cada uma das províncias, de Norte a Sul, com exclusão do então Reino do Algarve, Madeira e Açores, que foram tratados independentemente. Incluímos ainda neste estudo os edifícios construídos pelas Ordens Terceiras, assim como recolhimentos e hospícios, ou seja, edifícios que estão de algum modo ligados à vida comunitária.

Conscientes de que neste caso, também nos teremos de limitar a notícias mais ou menos breves, consoante a importância dos edifícios, acrescentamos ainda a probabilidade de omissão de alguma nova construção ou intervenção de menor importância, o que cremos, é compreensível, neste esforço de síntese e panorâmica do reinado joanino. Este é, como outros, um capítulo em aberto, a que o progresso da investigação local poderá sempre acrescentar novos dados.

## EDIFÍCIOS CONVENTUAIS E IGREJAS CONSTRUÍDOS OU ALTERADOS NO PERÍODO JOANINO

### Agostinhos

A regra de Santo Agostinho formou-se nos princípios do século XII, e foi seguida por várias ordens religiosas, entre as quais as dos Eremitas de Santo Agostinho ou Agostinhos. Já em 1192 existia em Lisboa, no monte de S.Gens, um mosteiro que veio a seguir esta regra, com o nome de Nossa Senhora da Graça, razão pela qual, entre nós, os Agostinhos também foram conhecidos por Gracianos.

A organização dos Agostinhos em Portugal data de meados do século XIII. Mas, em 1535, por iniciativa de D. João III, iniciou-se a reforma da Ordem. Surgem assim os eremitas *calçados ou observantes*. Durante os séculos XVI e XVII, estes abriram vários mosteiros. A província portuguesa foi elevada a assistência-geral, em 1661, e a partir de 1704, dividiu-se em duas filiações, uma com sede no Convento da Graça e outra no da Penha de França.

A segunda Ordem, a das Eremitas, também teve alguns conventos importantes, como os de Santa Mónica, em Évora e Lisboa. No século XVIII, as duas ordens tinham 26 conventos no continente.

A reforma dos Eremitas Descalços ou Recolectos foi aprovada em 1588, num capítulo em Toledo. Por recomendação de Filipe II, em 1594 era redigido o estatuto dos Recolectos Portugueses, adoptado pelo Mosteiro de Figueiró dos Vinhos,

que depois passou para os Carmelitas. Em 1663, os Agostinhos Descalços abriram outros conventos, masculinos e femininos, e em 1750 foram divididos em duas filiações, dependentes dos Conventos de Xabregas e da Boa Hora<sup>1</sup>.

IGREJAS E CONVENTOS COM INTERVENÇÕES NA 1ª METADE DO  
SÉCULO XVIII

Antigo Convento dos Agostinhos (Actual quartel de Infantaria 8), Braga

A escadaria conserva silhares recortados de azulejos, com emolduramentos de sanefas, representando ermitões. São datáveis de cerca de 1740<sup>2</sup>.

Igreja dos Grilos, Porto

Jesuítas > Agostinhos Descalços

Esta igreja só tem azulejos na sacristia. Aí um silhar, que contorna o lavabo, apresenta composição ornamental; dois painéis figurados parecem ser de origem diferente. O da direita, produto de oficina lisbonense, de cerca de 1730, representa provavelmente a «Batalha de Matapan»; o outro parece de oficina coimbrã. Ambos têm cercadura de pilastras com anjinhos<sup>3</sup>.

Igreja de S. João Novo, Porto

Agostinhos calçados

Esta igreja apenas conserva azulejos na capela de Santa Rita, cujas paredes laterais mostram dois grandes painéis, representando «Aparição de Cristo a Santa Rita» e «Entrada de Santa Rita num convento de freiras agostinhas». O primeiro tem numa cartela a legenda: "B.<sup>meu</sup> Antunes / a fes em Lxã nas / olarias no anno de 1744"<sup>4</sup>.

Antigo convento de Nossa Senhora da Graça, Coimbra

Agostinhos calçados

Toda a parte conventual conserva um silhar de padrão, tipo «camélia», a azul. Na escadaria os azulejos são do tipo de balaustrada; entre os balaústres estão azulejos de figura avulsa, sem cantos. No corredor do primeiro piso, o silhar é do mesmo tipo<sup>5</sup>. Deve tratar-se de azulejaria dos inícios do século XVIII.

Convento de Nossa Senhora da Ajuda, Vilar Maior

(Beira Alta)

Agostinhos Descalços, 1749

Já existia no lugar de Malhada Sorda, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, quando, em 14 de Abril de 1749, foi lançada a primeira pedra para o convento, função realizada, em nome do rei, pelo Governador da Província da Beira, António Monteiro de Almeida, que levou um manto para oferecer à imagem da Virgem<sup>6</sup>.

Antigo mosteiro de S. Jorge, Conraria, Coimbra

### Agostinhos calçados

Transformado em casa de lavoura, este convento conserva alguns azulejos enquanto outros foram transferidos para o Museu Machado de Castro. São azulejos de oficina coimbrã, na maioria da segunda metade do século. Os exemplares que estavam na parte mais antiga dos corredores e foram para o Museu, seriam de 1730<sup>7</sup>.

### Igreja e Convento de Santo Agostinho, Leiria

Iniciado no século XVI, as obras deste convento prolongaram-se até ao século XVIII, período em que se acabou a nave e se acrescentaram alguns ornatos na fachada, ladeada por torres.

No convento, há restos de silhares de azulejos do século XVIII<sup>8</sup>.

### Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Santarém

#### Agostinhos Descalços

A igreja da Piedade foi construída entre 1664 e 1677, com projecto do architecto régio João Nunes Tinoco. No entanto, só em 1721 era fechada a cúpula octogonal, obra de Jácome Mendes<sup>9</sup>.

Segundo notícia do «Mercúrio Histórico de Lisboa» de Junho de 1749, que se deve certamente a Luis Montez Matoso, o padre natural de Santarém, que estaria a par das obras realizadas na sua cidade, essa cúpula era em madeira, pelo que, a actual, em pedra, só foi feita em 1749, por ordem de

D. João V, sendo comissário da obra José Alexandre Garcez de Brito Vidal<sup>10</sup>.

Igreja e Convento da Graça, Torres Vedras (Lisboa)

Agostinhos Calçados

Foi fundado este convento no século XVI e embora o convento fosse ocupado pela Guarda Republicana, a igreja conserva as suas decorações dos séculos XVII e XVIII.

Na galilé, a porta principal ostenta a data de 1733, que deve respeitar a importantes reformas no convento. As paredes da galilé apresentam um silhar de vasos e golfinhos, com moldura de folhas encurvadas.

A Portaria também é decorada com oito painéis de azulejos, que representam passos da vida de S. Gonçalo de Lagos, prior do primeiro convento de Agostinhos, na vila de Torres Vedras, ao qual sucedeu o presente edifício<sup>11</sup>.

Numa ala do claustro, do lado nascente, conserva-se um painel único, com passos da Vida de D. Frei Aleixo de Meneses, datados de 1725<sup>12</sup>.

O mesmo tipo de azulejo se encontra na sacristia e antessacristia, com a hagiografia dos religiosos do convento. No recesso do lavabo, há ainda seis painéis um dos quais tem na parte inferior a referida data. Santos Simões<sup>13</sup> atribuiu estes azulejos ao monogramista P. M.P., atribuição que foi mais recentemente confirmada<sup>14</sup>.

Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça, Lisboa

Este conjunto, pertencente aos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, remontava, neste local, aos finais do século XIII e tinha sido objecto de grande reforma em meados do século XVI, quando era vigário-geral Frei Luis de Montoya<sup>15</sup>.

No segundo quartel do século XVIII, houve outra campanha de obras, mas o edifício sofreu muito com o Terramoto, pelo que, na segunda metade do século XVIII, foi reconstruída a igreja.

Ao nosso estudo, interessa precisamente a campanha de obras do segundo quartel do século XVIII, em que terá colaborado Custódio Vieira<sup>16</sup> e em que foi construída a torre, atribuída por Cirilo Volkmar Machado a Manuel da Costa Negreiros<sup>17</sup>. Durante estas obras, foram também efectuados importantes revestimentos de azulejos.

Em relação à torre, certamente já existia outra, porque um dos sinos está datado de 1711, mas a que foi construída por Manuel da Costa Negreiros, provavelmente na década de trinta, visto que outro dos sinos tem a data de 1738, é de grande monumentalidade, tornando-se um verdadeiro símbolo do poderio da ordem. A torre assenta na fachada conventual, que faz ângulo recto com a fachada da igreja, e se subdivide em dois andares com três tramos, cujas aberturas, encimadas por cornija têm carácter seiscentista. A fachada é coroada por balaustrada que esconde a base da torre. Esta apresenta, sem dúvidas, ecos das torres de

Mafra, com os ângulos cortados, aos quais se adossam colunas jónicas, no enfiamento das quais surgem, acima da cornija de múltiplas molduras, fogaréus. As ventanas são em arco de volta perfeita, com a chave bem acentuada e têm um balcão de pedra rendilhada, onde surge um motivo em «cinta de charuto», identificado como característico de Negreiros<sup>18</sup>. As mesmas ventanas são coroadas por frontão triangular com prolongamentos, de influência borrominesca. Sobre a cornija assenta a base reentrante do coroamento bulboso, na qual se abre um óculo elíptico, como sucede noutras torres joaninas, nomeadamente a das Necessidades. Sobre ele, uma esfera em que assenta a cruz.

Outras obras joaninas existem no Convento da Graça e que terão contado com a colaboração de Custódio Vieira e talvez também com Mateus Vicente de Oliveira, que é possível tenha sucedido a Negreiros<sup>19</sup>.

A sacristia é obra da primeira metade do século XVIII. Nela se destacam as duas cabeceiras, com espaldares de mármore monumentais.

Na capela de Cristo, que se situa sobre uma das sacristias, existe um grande arco de pedra decorada, coroado por frontão triangular curvilíneo que se apoia em mísulas muito idênticas às do altar-mor de Santo Estêvão, pelo que foi levantada a hipótese de também haver aqui intervenção de Negreiros<sup>20</sup>.

Importante é também o conjunto de azulejos joaninos que se acrescentaram aos já existentes no Convento. Assim, a

escada conventual tem rodapé de azulejo de tapete azul e branco, de inícios do século XVIII, terminando num átrio decorado com azulejos historiados, com cenas da Paixão, claramente joaninos. O emolduramento é barroco, com pilastras e anjinhos; são azulejos de cerca de 1740<sup>21</sup>. Sobre as capelas laterais da igreja, encontram-se outras duas salas com painéis historiados do século XVIII<sup>22</sup>. O salão da catequese tem painéis da «Vida de Santo Agostinho», de cerca de 1720, obra possivelmente do monogramista P.M.P. com colaboradores; a sala do ante-coro apresenta painéis com frades da Ordem, de cerca de 1720-30<sup>23</sup>.

A portaria comunica com uma sala rectangular (refeitório) decorada com um lambril de azulejo historiado, da primeira metade do século XVIII, onde se narram factos da vida de membros ilustres da Ordem. São azulejos recortados de cerca de 1735<sup>24</sup>.

Numa parede do terraço com cisterna, existe uma decoração azulejar de meados do século XVIII, em que estão, ao centro, as armas dos Agostinhos e os reformadores da Província, frei Luis de Montoya e frei Francisco de Villa Franca e, aos lados, outros dois membros da ordem. No rodapé do balcão e nos bancos do terraço, os azulejos representam cenas de género<sup>25</sup>.

Os painéis do antigo refeitório foram atribuídos a Valentim de Almeida<sup>26</sup>.

Devemos salientar que, pela sua iconografia, todos estes azulejos constituem uma ou mais encomendas específicas, destinadas à decoração do convento.

Convento de S. Bartolomeu do Beato, Xabregas

(Lisboa)

Agostinhos Descalços

Não possui grande riqueza decorativa. Só quatro capelas laterais da nave têm decoração azulejar, relativa às respectivas invocações, que são aludidas em símbolos e emblemas inscritos em cartelas elípticas: «S. Sebastião», «Nossa Senhora», «Rosário» e «Senhor dos Passos». São azulejos de cerca de 1740, com pilastras e anjinhos.

Num compartimento que pode ter correspondido à portaria, está um silhar dos inícios do século XVIII, com ermitões, paisagem e fonte monumental. Pelo desenho, Santos Simões considera-os obra de António Pereira ou Oliveira Bernardes.

Na sacristia, está um silhar com cenas do Antigo Testamento, em painéis limitados por pilastras e anjos. Os vãos das janelas têm azulejos do tipo «estrelinha»; este conjunto será, como os das capelas da igreja, de cerca de 1740<sup>27</sup>.

Igreja do Antigo Convento de Santo Agostinho,

Estremoz, Évora

Na fachada da igreja está a data de 1719. A esta data parecem corresponder os azulejos da capela-mor, que representam composições figuradas, enquadradas por barra de folhagem, tendo no rodapé, cartelas com paisagens. Os painéis inferiores são de carácter alegórico e os superiores representam cenas da Vida de Santo Agostinho. A face do arco triunfal com grandes cartelas com panejamentos, é da mesma época. Santos Simões atribuiu estes azulejos a António e Policarpo de Oliveira Bernardes.

De cada lado dos altares laterais, estão painéis com anjos de 1730-40<sup>28</sup>.

Igreja do Antigo Convento de Santa Maria da Graça,

Évora

Agostinhos Calçados

Os documentos revelam uma série de obras e encomendas realizadas, no período joanino, para esta igreja.

Em Março de 1709 foi executada e estofada a nova imagem da padroeira, recebendo o escultor 7000 réis e o pintor 2400 réis; a imagem foi enriquecida com jóias, brincos e um fio de pérolas, num total de 21000 réis.

Em relação ao edifício, em 1710 foram feitos concertos no telhado e três vidraças para a capela-mor, no valor de 1780 réis; em 1711, fizeram-se novas reparações nas coberturas e telhados.

Em 1712, fez-se o trono de Nossa Senhora da Graça, melhorou-se a capela de S. Nicolau e um altar de S. José, na nave da igreja.

Obras no coro alto ficaram registadas numa data aí gravada: 1716.

O dormitório grande, em 1700 e 1732 sofreu uma transformação integral. Em 1711-12 abriu-se a escada de ligação entre os dois dormitórios, fizeram-se obras na sacristia, aula de Filosofia e Dormitório novo e na escada de acesso à torre.

Entre 1700 e 1711, o claustro foi ladrilhado nos dois corpos e consolidado com cantaria nova nos ângulos e coroamento de platibanda.

Esta igreja possui restos de grandes painéis recortados, com cenas da «Vida de Santo Agostinho», que por documentação existente se sabe que foram encomendados em 1748 por D. Frei Miguel de Távora, então arcebispo de Évora<sup>29</sup>. Para Santos Simões, é um caso exemplar de centro de um autor com moldura de outro. O mesmo autor refere ter visto na portaria e escadas restos de silhares de vasos<sup>30</sup>.

De facto, na escadaria de acesso aos dormitórios, estão painéis azuis sobre rodapé roxo, com moldura barroca, florões de múltiplas pétalas e ramagens complicadas<sup>31</sup>.

#### Mosteiro de Santo Agostinho, Vila Viçosa

Esta igreja do século anterior, teve algumas intervenções nos reinados de D. João V e D. Maria I. Foi

aquele rei que ofereceu à igreja uma banquetta completa de prata, dez bustos esculpidos e as lâmpadas dos altares do santuário e cruzeiro, que foram roubados quando das Invasões Francesas.

Na torre sineira da face norte, está um sino pequeno, que foi fundido a 8 de Janeiro de 1747, enquanto o maior, oferta de D. João V, foi fundido a 22 de Outubro de 1746, dia do aniversário do rei, obra de José del Solano.

A Capela de S. Nicolau Tolentino foi adquirida por Pedro Mascarenhas da Gama para panteão familiar, por escritura de 19 de Fevereiro de 1715. É desta época o retábulo do altar, não dourado, com colunas pseudo-salomónicas revestidas de tabelas, aves e folhagem, e a imagem de S. Nicolau, de madeira estofada. A capela foi também revestida de azulejos com alisares de mascarões, frutos e flores, e dois núcleos historiados. O frontal tem na parte superior o escudo dos Sousas, Britos e Mascarenhas e representada a «Anunciação» e a «Morte do santo». Na zona lateral, está um «Milagre do Santo»; este conjunto foi atribuído a António de Oliveira Bernardes.

A Capela de Santa Rita de Cássia tem um retábulo joanino, feito à custa da Confraria, segundo contrato estabelecido em 1722, com o entalhador António Martins, estando concluído em 1723, data que se vê num ladrilho da mesa do altar. Tem quatro colunas salomónicas e camarim forrado de talha, com trono e baldaquino. A cobertura e as paredes são igualmente revestidas de talha.

A Capela do Santíssimo conserva no tecto pintura a fresco de inícios do século XVIII, com quimeras e meninos com cestos de fruta à cabeça, e dois medalhões com caçadas e paisagens campestres.

O claustro é obra de transição D. Pedro II-D. João V, tendo cinco tramos de arcadas de volta perfeita.

Na sacristia, está um alisar de azulejos de jarras, de cerca de 1710<sup>32</sup>.

Este era um enorme edificio situado junto ao rio Lima, a esquerda de onde hoje passa a ponte, com tres corpos mais altos, de grandes janelas quadrangulares, collocados nos extremos e a meio da grande fachada, que correspondiam a um dormitório. Este era proveniente das obras de ampliação feitas pelo convento após as cheias de 1706 que o danificaram bastante.

## CASTELO

IGREJA DO ANTIGO CONVENTO DE S. BENTO, VIANA DO

Só em meados do século XVI terá lugar a reforma dos mosteiros beneditinos, em parte devido à iniciativa de D. João III. A congregação Portuguesa foi fundada oficialmente em 1567, tendo grande actividade durante a segunda metade deste século e o seguinte. O centro intelectual da Ordem era o collegio de S. Bento em Coimbra. A partir da segunda metade do século XVIII, verificam-se os primeiros sinais de decadência, embora, a nível intelectual, ainda se destaquem algumas personalidades, como o futuro Cardeal Saratava<sup>33</sup>.

A Ordem de S. Bento está radicada em Portugal desde o século X e o periodo que vai do fim do século XI foi o mais prospero da Ordem. A partir de 1140, começaram a ser suplantados pelos cônegos Regrantes e pela reforma de Cister, que integrou casas beneditinas, como Aronca, Lorvão, S. Pedro das Aguias, Lafões, Salzedas e Tarouca.

Benedittinos

A igreja foi muito alterada precisamente durante estas obras do primeiro quartel do século XVIII<sup>34</sup>.

A capela-mor apresenta decoração característica desta época, com um retábulo de quatro arquivoltas e centro vasado para trono. De cada lado está uma pintura sobre tela, com rica moldura de talha dourada.

Tem azulejos historiados, representando passos da vida de S. Bento, que Santos Simões considera de um discípulo dos Oliveira Bernardes e datáveis de 1725-30<sup>35</sup>.

Na verdade, eles estão assinados por Teotónio dos Santos e são datáveis de cerca de 1715, por se mostrarem ainda um tanto incipientes, próprios do início da carreira do pintor. As cercaduras são de folhagem barroca, vulgares na época, mas nos rodapés, a composição volumétrica denuncia, de facto, a influência dos Oliveira Bernardes<sup>36</sup>.

#### Mosteiro de S. Bento, Santo Tirso, Porto

Remonta ao século VIII, mas a actual igreja data de 1659 e sofreu algumas alterações e acrescentos no século XVIII, sobretudo na segunda metade (obra de Frei José de Santo António Vilaça).

Tem imagens de madeira estofada e policromada, entre as quais um grupo setecentista, representando a «Sagrada Família».

Do período joanino, é o edifício do Coristado, anexo ao mosteiro, mandado erguer pelo abade Plácido de S. Bento (1737-1740). Tem frontaria com balaustradas entre o frontão

e as pirâmides dos pedestais, e um grande brasão beneditino no tímpano. A ala esquerda mostra, no andar nobre, influência de Nasoni<sup>37</sup>.

Asilo de Santo António (antigo Convento de S. Bento)

Viseu

Possui um núcleo interessante de azulejos dos séculos XVII e XVIII.

Do período que tratamos, são dois paramentos, de cerca de 1730-40, que têm na parte inferior atlantes gigantescos com grinaldas. Do lado da epístola há um nicho de talha ladeada por dois anjos e grandes folhas de acanto. Acima do friso, estão dois andares com cenas da «Vida de S. Bento», com jardins e fontes. O arco que suporta o coro também tem anjos figurados, com anjinhos transportando emblemas beneditinos<sup>38</sup>.

### Carmelitas

Esta ordem remonta ao século XII, tendo sido difundida na Europa por S. Bertoldo durante o século XIII. Contribuiu para a propagação da Ordem o Geral S. Simão Stock a quem se deve o culto a Nossa Senhora e a devoção do escapulário do Carmo.

No século XVI, por acção de Santa Teresa de Ávila e de S. João da Cruz, surgia a divisão entre Carmelitas Descalços e Carmelitas Calçados.

O primeiro convento em Portugal foi o de Moura, que data da segunda metade do século XIII, mas a Ordem só ganhou verdadeira importância com a construção, por iniciativa de D. Nuno Álvares Pereira, do Convento do Carmo, em Lisboa.

Os Carmelitas Descalços, também conhecidos por Marianos, formaram a província de S. Filipe de Portugal no século XVI, e distinguiram-se sobretudo na evangelização. Em 1720, havia no Brasil três províncias: Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Quanto às religiosas carmelitas, entraram em Portugal em 1542, com a fundação do Mosteiro da Esperança, em Beja. O primeiro mosteiro de religiosas reformadas em Portugal foi o de Santo Alberto, em Lisboa, na freguesia de Santos-o-Velho<sup>39</sup>.

#### MOSTEIRO DE S. JOSÉ DE GUIMARÃES

Neste convento, está actualmente instalado o Lar de Santa Estefânia. A construção do edifício foi iniciada no fim do século XVII e terminada no seguinte<sup>40</sup>.

Segundo o «Mercúrio Histórico de Lisboa», no ano de 1746, por ordem do Arcebispo Primaz de Braga, era construída a capela-mor da igreja deste convento<sup>41</sup>.

Igreja do antigo Convento do Carmo, Aveiro

Este mosteiro foi fundado no século XVII, mas sofreu algumas intervenções no século seguinte.

Em frente da igreja, há um pequeno terreiro, fechado por um muro datado: "ANNO 1711". É de estilo barroco, tendo na parte superior grupos de aletas contrapostas, sendo as dominantes as que estão na primada da porta e janelas. No remate da porta está um medalhão, que tem de um lado o escudo carmelita e no reverso, «S. João Baptista, menino».

É um templo de planta rectangular, com nave única, apresentando talha de três épocas. Os tectos da nave e da capela-mor são decorados com pinturas do século XVII e XVIII, com cenas da vida de Santa Teresa.

A talha preenche a capela-mor e também reveste o arco cruzeiro. O retábulo é de meados do século XVII, mas sofreu alterações no final do período joanino. Estas consistiram na substituição do camarim alto que ficou com abertura decorada com lambrequins, e cabeceira recortada com as armas da Ordem carmelita e dois anjos; também os nichos receberam dossel de cortinados e misula. As imagens são do século XVIII: «Santa Ana» e «S. Joaquim», mais comuns; «Nossa Senhora do Carmo» e «S. José», de melhor qualidade. Na nave há duas capelas, tendo a do lado do Evangelho, outra de Santo Cristo, acima do arco, um rótulo de madeira de princípios do século XVIII, com meninos e ornatos barrocos, e um brasão com as armas dos Gamas e dos Matas, mal representado<sup>42</sup>.

Igreja de S. João Evangelista, Aveiro

Pertenceu ao mosteiro do mesmo nome, de Carmelitas Descalças, construído no século XVII.

Tem talhas que abrangem vários períodos, o mais antigo de fins do século XVII e inícios do seguinte, abrange o altar-mor, os dois altares laterais, os tectos da capela e do corpo.

Do período joanino, é o revestimento do arco cruzeiro e das paredes laterais da capela e do corpo e do topo desta, que é o do coro de cima, e as quatro sanefas mais simples, dos lados da capela.

Já da segunda metade do século são os complementos ao retábulo principal e as duas sanefas sobre os laterais.

As paredes laterais da capela-mor são divididas por pilastras coríntias decoradas de acantos e completadas com frisos e molduras; de um lado tem três telas e do outro, duas com uma janela ao meio.

O arco cruzeiro é revestido de talha, com pilastras compósitas e frisos, combinando-se com acantos em curvas e contra-curvas. No fecho do arco, está o brasão ducal. Os escudos do altar-mor e do topo do coro são carmelitas.

Da mesma fase é o revestimento das paredes da nave com talha dourada: há uma janela, verdadeira, à direita, e falsa à esquerda, um púlpito, um quadro, outra janela e outro quadro. O emoldramento dos quadros é vulgar, mas o

das janelas compreende lambrequim e frontão interrompido. Os púlpitos também têm um lambrequim.

No coro, a abertura rectangular e gradeada foi tratada como um quadro com moldura de avental e sanefa com cortinados.

As esculturas do altar-mor, gesticulantes, pertencem a esta fase da talha: nos intercolúnios, «Senhora do Carmo» e «S. José»; nos alvéolos da maquineta, «S. João Evangelista», «Santa Teresa» e «S. João da Cruz».

Este revestimento em talha dourada combina-se com alisares de azulejos, com enquadramentos de pilastras e volutas com meninos, molduras architectónicas donde pendem grinaldas. Representam eremitas em fundos de paisagem e são de fabrico coimbrão, de António Vital Rifarto; fronteiro à porta travessa desenhou o brasão carmelita num rótulo usual nos seus trabalhos.

Na sacristia, o tecto é baixo e plano, dividido em apainelados com pintura policroma de acantos enrolados e flores<sup>43</sup>.

#### Colégio de Nossa Senhora do Carmo, Coimbra

A capela-mor da igreja tem um retábulo de talha da primeira metade do século XVIII, com colunas torsas, com grinaldas nos sulcos; os ornatos são dourados e os fundos marmoreados. Ao centro, está uma imagem de Nossa Senhora do Carmo e, de cada lado, santos carmelitas sobre mísulas. As grades de balaústres são também do século XVIII.

O retábulo da capela de Santa Marta é de talha dos inícios do século XVIII, com colunas torsas envolvidas por pânpanos, e parece ter vindo do Colégio de S. Bento.

No segundo piso do claustro há uma pequena escada em cujo átrio está um alisar de azulejos de albarradas, de inícios do século XVIII.

Na Sala dos Actos, o púlpito é do século XVIII, sendo ornado com diversos símbolos, dominados pelas armas dos Carmelitas. Circunda as paredes, um lambril de azulejos recortados, de grandes composições arquitectónicas, de fabrico coimbrão, do segundo terço do século XVIII, com temas emblemáticos, explicados por legendas.

Do lado da sacristia, há uma pequena quadra com armários, que tem no topo um altar com retábulo de talha de duas épocas do século XVIII.

Nos armários, estão imagens que eram usadas na Procissão de cinzas, adquiridas entre 1735 e 1748 e feitas em Lisboa por Manuel Dias. São de roca e do mesmo género das que existem nos Terceiros de Faro.<sup>44</sup>

#### Convento dos Carmelitas, Figueiró dos Vinhos, Leiria

Data de 1601, mas possui elementos decorativos do século XVIII, como o altar-mor e os dois colaterais, de talha dourada. O altar-mor tem quatro nichos e no central está uma maquineta com a imagem de «Nossa Senhora do Carmo»; os outros têm imagens de outros santos carmelitas, tudo esculturas em madeira do século XVIII<sup>45</sup>.

### Convento de Nossa Senhora do Carmo, Évora

A entrada principal é feita por um pórtico de arco de volta perfeita, ladeado por pilastras, com empena em cuja tabela central, em rectângulo de mármore, está o escudo da Ordem Carmelita, encimado por cruz. É obra datada de 1716, feita em granito escuro.

O interior é da época de D. Pedro II, mas o retábulo apresenta tabelas, florões e volutas acrescentados no período joanino. Em nichos laterais, estão imagens de «S. Francisco» e «S. Vicente Ferrer» de madeira estofada e policromada do período barroco.

O camarim tem as paredes e tecto em caixotões rectangulares pintados a fresco, com ornatos naturalistas; o trono é de talha dourada. Valorizam-no dois anjos candelários e outros esvoaçantes, de madeira colorida e dourada, datáveis de cerca de 1715.

Restos de um cadeirado e cadeira episcopal dourada, com pés de garra, são também do período joanino.

A Capela de Nossa Senhora da Piedade, com retábulo de finais do século XVII, tem os tímpanos encimados por baldaquino de pingentes do segundo terço do século XVIII.

O altar de Santa Ana tem retábulo, caracteristicamente joanino, de talha com colunas salomónicas, revestidas de grinaldas, e outros ornatos, e tem baldaquino axial. As esculturas são da mesma época.

Oliveira Bernardes.<sup>47</sup>

lembram o estilo de António Pereira ou de António de Senhora do Carmo». São dos primeiros anos do século XVIII e figurados. Estes painéis representam a «Aparição de Nossa as paredes laterais têm um lambрил, com dois painéis Na capela de S. Pedro, que dá para o claustro maior, golfinhos, com cercadura de acantos.

Na igreja tem azulejos ornamentais de jarras e Convento do Carmo, colares, sintra

nas celas, onde se vêem outros azulejos ornamentais<sup>46</sup>. corredores e escada há azulejos de figura avulsa, assim como historiados, que parecem anteriores aos da nave. Nos Ainda no locutório está outro silhar de azulejos Maria.

azulejos do baixo coro, onde está o túmulo da Infanta D. está a data: «ANNO DE 1725». Da mesma época devem ser os Na sacristia, está um registo, com uma cartela, onde de Santa Teresaa».

meados do século XVIII, azuis e brancos, com passos da «Vida Na nave e transepto da igreja, estão painéis de azulejos dos séculos XVII e XVIII.

Portugal e data de 1642. Possui uma notável colecção de Foi o segundo convento de Carmelitas Descalças em Convento de Santa Teresaa de Carnide, Lisboa

O altar de Santa Luzia tem retábulo de meados do século, com marmorados e elementos rococó, mas mantém o baldaquino de pingentes. As imagens são de período anterior. A capela de Santo Alberto (actual Senhor dos Passos) tem retábulo de colunas torsas com uvas, parras e pássaros, e arquivoltas concêntricas, ainda se enquadrando no "estilo nacional"; é de cerca de 1720.

Na sacristia, está uma mesa de cálices, com aventais de talha dourada e pés de garra, estilo "D. João V".

Na sala da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, estão dois cerofários de madeira dourada, também joaninos. O convento foi também ampliado no século XVIII.

A sala que comunica com a portaria é coberta por tecto de penetrações, em cujo centro está um fresco simbólico da Ordem, envolvido por anjos segurando cornucópias com flores, obra anónima da primeira metade do século XVIII.

Na sala de conferências, está uma tela conventual, do período joanino, representando a «Sagrada Família e Anjos»<sup>48</sup>.

### Cistercienses

Entraram pela primeira vez em Portugal pouco antes de 1144, instalando-se no mosteiro beneditino de Tarouca. Durante o final deste século e no seguinte a reforma expande-se, nomeadamente os mosteiros femininos de Lorvão (1206), Celas (1214) e Arouca (1223), protegidos respectivamente pelas infantas Teresa, Sancha e Mafalda.

No século XVI renovaram-se as tentativas de reforma e fundaram-se os mosteiros femininos de Tavira e Portalegre - dos raros mosteiros cistercienses ao sul do Tejo - e o Colégio do Espírito Santo, em Coimbra. Em 1567, criou-se a Congregação Portuguesa, separada do resto da Ordem, e novos mosteiros se fundaram. A partir do século XVIII, acentuam-se os sintomas de decadência<sup>49</sup>.

### Mosteiro de Santa Maria de Bouro, Amares, Braga

Este mosteiro remonta ao século XII, mas foi muito modificado no século XVIII.

A fachada da igreja, ladeada por torres, tem, ao centro, as armas do reino e as de Cister, sobre as esculturas de S. Bernardo e S. Bento, que datam do século XVIII.

No altar-mor, do século XVIII, surgem também episódios da vida dos dois santos em cinco painéis.

O cadeiral é do século XVII, mas foi aumentado no período joanino, época a que pertencem a cadeira abacial,

duas filas de cadeiras de pau-preto, e um lambrequim com sanefa, em castanho dourado.

No patamar da escadaria que dá acesso à sacristia, está um lavabo datado de 1718. A sacristia tem um tecto apainelado e pintado, do período joanino. Da mesma época é o revestimento azulejar, com painéis da vida de S. Bernardo e outros ornamentais, com medalhões ladeados de anjos e grinaldas. Robert C. Smith atribuiu estes azulejos ao monogramista P.M.P. e a uma data próxima de 1713<sup>50</sup>. Santos Simões considerou-os de oficina lisbonense e de cerca de 1720<sup>51</sup>. Em contrapartida, eles foram mais recentemente considerados como obra de Teotónio dos Santos, de cerca de 1715, constituindo "uma das primeiras manifestações da chamada «grande produção joanina», pelo tratamento mais leve e estereotipado da pintura e dos ornatos das cercaduras influenciados pela obra do mestre P.M.P."<sup>52</sup>.

#### Mosteiro de Santo André de Rendufe, Amares, Braga

Remonta ao século XI, foi reformado em 1551 e totalmente remodelado entre 1716 e 1719.

A obra de talha foi iniciada em 1719-25, mas prolongou-se pela segunda metade do século. A fachada tem um portal central, encimado por três janelas no piso intermédio e três nichos na zona superior, os quais têm esculturas já do final do século XVIII.

No interior do templo, as obras iniciaram-se em 1725-28, tendo então sido retirada a abóbada da capela-mor e

construída uma capela sob uma das torres dos sinos ( a do Senhor dos Passos ou a da Senhora do Desterro).

Do cadeiral, executado, em 1722, restam apenas algumas cadeiras. Entre as imagens, contam-se uma «Nossa Senhora da Conceição», atribuída a Marceliano de Araújo, um «Santo Cristo» de 1719 e, no retábulo da capela-mor, as imagens de «Santo André», «S. Bento» e «S. Bernardo» (1722).

O dormitório foi edificado entre 1728 e 1731, mas grande parte do convento desapareceu, vítima de um incêndio que ocorreu em 1877. Resta o claustro, em ruínas, com arcaria toscana e alguns azulejos de 1725-28, um chafariz de carrancas, da primeira metade do século, e a Fonte do Terreiro, de 1740-43, com as armas da Ordem<sup>53</sup>.

### Igreja do Antigo Convento de Salzedas

A igreja deste convento tinha sido sagrada em 1225, mas tudo foi remodelado no século XVIII.

Desta época são os revestimentos azulejares. No corredor que faz a ligação da igreja com a sacristia, está um silhar de figura avulsa, sem cantos, com grandes flores e barra a condizer.

Na cerca, encontra-se uma capelinha dedicada a Jesus-Maria-José, de planta sextavada. As paredes e a porta têm paramento azulejar, com cenas da vida da Sagrada Família. São azulejos datáveis de cerca de 1740<sup>54</sup>.

### Igreja do Antigo Convento de S. João de Tarouca

Foi o primeiro mosteiro cisterciense implantado em Portugal, o qual remonta a 1152. Dele resta a igreja, onde encontramos talha e azulejos do século XVIII.

No transepto da igreja, junto do altar da Sagrada Família, estão painéis representando o «Descanso» e a «Fuga para o Egipto». Junto da porta travessa, estão três painéis relativos à «Vida de S. João Baptista». São azulejos datáveis de cerca de 1745, com cercaduras onde se vêem pilastras e anjos, mas também já motivos concheados.

As paredes da capela-mor estão igualmente revestidas por grandes painéis de azulejo, um dos quais tem a inscrição: "FVLGVS DE CAELO / CADENS DEMONSTRAT / LOCVM / ANNO / 1718".

o autor do projecto foi Carlos Gimac, que tinha vindo para Portugal em 1695, ao serviço de D. António Correia Montenegro, bailio de Lega e de Negroponto, para quem iniciou um palácio rural; é um dos architectos estrangeiros que se encontrava em Portugal quando D. João V subiu ao trono, tendo sido logo aproveitado para as festas de recepção à rainha D. Maria Ana de Austria, ao construir o arco triumphal da nação Inglesa. Partiu para Roma em 1712, se tivessem aguentado.

Em 22 de Fevereiro de 1725, o convento foi vítima de um incêndio, que pôz a igreja e um lango do novo dormitório, que era abobadado, mas é provável que as paredes ao culto; seguiu-se-lhe o coro.

Da época Joana é portanto a igreja e coro, sendo a primeira construída entre 1704 e 1718, ano em que foi aberta restante é já da segunda metade do século<sup>56</sup>.

Este convento foi reconstruído e ampliado entre os fins do século XVII e os do século XVIII: o corpo poente com o do norte, que confina com a igreja, é dos fins do século XVII, incios do XVIII; a igreja e o coro foram iniciados em 1704 mas as obras prolongaram-se pelo primeiro terço do século; o lango sul é de meados do século XVIII; a parte

#### Mosteiro de Arouca, Aveiro

Na sacristia, sobre o lavabo, está uma pedra, com a data de 1710. Nas paredes, um silhar de azulejos de figura avulsa, sem cantos<sup>55</sup>.

integrado na embaixada do marquês de Fontes<sup>57</sup>, como foi oportunamente referido.

No entanto, a sua intervenção neste mosteiro não rompe com a estrutura tradicional em Portugal, de nave ampla, abobadada, com altares laterais, a que só a talha empresta carácter verdadeiramente barroco.

Assim, a nave é rectangular, sem transepto, e a capela-mor bastante mais estreita e quadrada. O alçado está dividido em três partes, as duas inferiores correspondentes aos arcos retabulares, a superior às janelas das galerias altas, com nichos intermédios, coroada por uma zona de ático. As pilastras que separam os tramos prolongam-se na abóbada.

O coro é mais estreito e um pouco mais baixo que a nave, mas um pouco mais extenso. A diferença de largura justifica-se porque aqui as galerias envolventes são mais largas que as da nave, para melhor circulação das freiras<sup>58</sup>.

Muito interessante é o conjunto de vinte esculturas colocadas nos altos nichos da igreja e do coro, obra do escultor bracarense Jacinto Vieira, encomendadas em 1721 e realizadas entre 1723 e 1725, data em que recebeu o pagamento.

São esculturas de tamanho maior que o natural, feitas em pedra de ançã, e representando santas da Ordem beneditina e cisterciense, no coro, monges e bispos na capela-mor. Embora pouco se saiba de Jacinto Vieira, a sua obra revela um escultor popular, ligado às concepções do

período anterior, o que de modo nenhum retira beleza à sua obra. São notáveis sobretudo as figuras femininas, todas vestidas com escapulário branco de Cister e com o véu negro, sendo o rosto, a nível dos olhos e lábios, realçado por toques de policromia. As pregas finas dos hábitos caindo verticalmente, a ausência de gestos e os rostos serenos dão a estas esculturas um encanto clássico. O mesmo espírito anima a «Anunciação», feita pelo mesmo escultor, que se encontra na capela-mor.

A talha, no seu conjunto, engloba o «estilo nacional» e o «joanino».

O retábulo da capela-mor foi executado pelo entalhador Luis Vieira da Cruz, de Braga, sendo o contrato de 1723, e o douramento é dez anos posterior, feito por João Nunes Abreu e Manuel Cerqueira Mendes<sup>59</sup>. A composição, de colunas pseudo-salomónicas que se continuam em arquivoltas, com ampla tribuna onde se ergue o trono com a imagem da padroeira, ainda é integrável no «estilo nacional».

Da mesma época, serão os dois altares colaterais, apenas com duas colunas e um arco. Os altares da nave são já «joaninos», sendo de notar capelas e arcos rematados por sanefas de talha e o arco triunfal, também revestido de talha. O púlpito é da mesma época.

O cadeiral é do tipo que apresenta pinturas devocionais, envolvidas por talha dourada. É obra dos entalhadores António Gomes e Filipe da Silva, que o realizaram entre 1722 e 1725, data que está assinalada:

«ANNO 1725». As pinturas, que devem ser posteriores, representam cenas da vida de S. Bernardo e Santa Mafalda. Um total de 104 cadeiras distribuem-se em duas séries, na cor natural de madeira do Brasil. Os espaldares são em castanho, entalhados e dourados, com folhagem, meninos e pássaros<sup>60</sup>.

O órgão foi iniciado em Lisboa em 1739 e assente em 1743, data que se lê na base, pintada a marmoreados. A caixa foi executada por Manuel Bento Gomes. É típico do joanino, com sanefas e lambrequins, além de figuras alegóricas<sup>61</sup>.

No coro, junto à grade, encontram-se dois retábulos de talha dourada, «joaninos», com dossel, lambrequins e cortinas.

Também no corredor norte existem vários retábulos. Dois são da fase de transição da época de D. Pedro II para a de D. João V, com duas colunas pseudo-salomónicas prolongando-se num arco. O último retábulo deste lado e os dois primeiros do outro, são claramente «joaninos», estando dois datados: "ANNO/1733". As colunas já apresentam o terço inferior diferenciado e apoiam-se em mísulas com meninos-atlantes. O camarim é coberto por pavilhão circular, do qual caem cortinas seguras por dois adolescentes. No retábulo de «S. Bernardo» surgem, de cada lado, duas telas de oficina lisboeta da primeira metade do século XVIII, representando «Virgem com o Menino aparece a S. Bernardo» e «Cristo desprega-se da cruz e abraça S. Bernardo»<sup>62</sup>.

O retábulo de S. Bento é de uma última fase do período joanino, com folhagem de acanto pormenorizada e

cabecinhas de querubins. Foi executado, em 1743, por José da Fonseca Lima, do Porto, a quem também é atribuído o de S. Bernardo que estilisticamente parece anterior<sup>63</sup>.

Em relação à pintura, abrange diversas épocas, sendo de mencionar as quatro cenas da «Vida de S. Bernardo» no alto das paredes laterais da capela-mor, do século XVIII; e dois quadros da oficina de André Gonçalves, «Anjo Custódio do Mosteiro», assinado e datado - "And. Glz' F 1745" - e «S. Miguel dominando o demónio»<sup>64</sup>.

As torres, na parte inferior, têm dois nichos de inspiração gótica, com as imagens de «S. Bento» e «S. Bernardo»; acima, no lugar das frestas iniciais, estão janelas de sugestão manuelina; e no cimo, as sineiras em ao gosto barroco.

representando as Virtudes Cardeais, de roupagens ondulantes, vêm-se quatro esculturas alegóricas, piso inferior corre um varandim e, no enfiamento das andares, nas torres e na edícula central, criando certa lisas, com capitéis compostos, que se repetem nos dois A fachada foi dividida em três panos por pilastras aberturas góticas, nomeadamente o portal e a rosácea.

Trata-se do mais notável edifício do gótico cisterciense existente em Portugal, que sofreu uma importante intervenção, no século XVIII, a nível da fachada principal, que data de 1725, conservando no entanto as

#### Abadia de Santa Maria de Alcobaca, Leiria

Embora muito alterado pela utilização actual, este colégio dos frades bernardos conserva alguns azulejos do século XVIII. Os azulejos primitivos do claustro são tapetes de figura avulsas, enquadrados por barra no azul. São todos de fabrico coimbrão, da primeira metade do século XVIII<sup>65</sup>.

#### Colégio do Espírito Santo, Coimbra

arco de volta perfeita, apresentam pináculos nos ângulos e são cobertas por cúpulas coroadas por elementos prismáticos, encimados por uma esfera. Ao centro, o nicho com a imagem da Virgem, é enquadrado por volutas e termina em frontão curvo interrompido, sobre o qual descansam dois anjinhos, tendo ao centro uma cruz.

Este conjunto eleva-se sobre um adro escadeado, perfilado de pirâmides ornamentais. A fachada do convento, que o templo interrompe, mostra o tipo característico da residência nobre do primeiro quartel do século XVIII<sup>66</sup>.

O mosteiro de Alcobaça tinha sido, durante o século XVII, um importante centro de escultura barroca. De 1732 a 1735, existe outro núcleo escultórico, correspondente ao governo do mosteiro por Frei Manuel da Rocha. É um conjunto de imagens de santas, de que se destaca Santa Umbelina e, sobretudo, as infantas Teresa e Sancha, que tinham sido beatificadas em 1705. Na última, são de salientar as roupagens em ritmo agitado, enquanto D. Teresa apresenta uma expressão de êxtase, evocativa da escultura italiana, como a «Santa Teresa» de Bernini<sup>67</sup>.

Na Capela de Nossa Senhora do Desterro, situada no âmbito das dependências do Mosteiro, existe um revestimento azulejar até à cornija. São painéis historiados, com enquadramento de pilastras e anjos, de cerca de 1740. São divididos por pilastras e assentes em rodapés formados por medalhões figurados, ladeados por anjos sentados. As cenas respeitam à «Fuga e Desterro no Egipto». Sobre a porta,

Família». Na parte inferior da capela-mor, estão duas cenas da «Adoração dos Anjos»<sup>68</sup>.

No interior, existem várias imagens do século XVIII, entre as quais uma «Virgem do Rosário», obra dos escultores alcobacenses<sup>69</sup>.

#### Convento de Santa Maria de Cós, Alcobaça, Leiria

Foi fundado no século XIII, mas só no século XVI se transformou em casa conventual de freiras da Ordem de Cister.

Do século XVIII, destaca-se a decoração azulejar. No corpo da igreja, está um silhar ornamental de cor pálida.

O coro tem as paredes totalmente revestidas de azulejos com grandes estrelas e ramagens. No topo, numa composição caprichosa, que imita o emolduramento da janela, está a data de 1716. Este revestimento, cujo motivo principal são as estrelas de oito pontas, é único no género.

Na sacristia, vêem-se composições historiadas, que representam em dez painéis, cenas da «Vida de S. Bernardo»<sup>70</sup>. Mais recentemente, tanto os azulejos do coro como os da sacristia foram atribuídos a Teotónio dos Santos<sup>71</sup>.

#### Antigo Convento de S. Bernardo, Peniche

Possui, à entrada, quatro grandes painéis de azulejo, datados de MDCCXXXIX, que representam: «Baptismo de Cristo» e «Sermão da Montanha»; caçadas; cena de paisagem

«Baptismo de Cristo», a «Pregação de S. João Baptista» ou o representando cenas de caça e de viagem, mas também o painéis de azulejos, recortados, com largas cercaduras, nos conduz a uma alpendrada, cujas paredes são decoradas com Da acesso ao templo uma escada de seis de graus que

algumas das quais na primeira metade do século XVIII. Fundado em 1518, mas sofreu modificações posteriores, Do ramo feminino da ordem de S. Bernardo, foi

Convento de Nossa Senhora da Conceição, Portalegre

de «estrelinha»<sup>74</sup>.

Na sala do capítulo, existe também um silhar de azulejos azuis e brancos, com jarras e golfinhos e azulejos

do século XVIII, azuis e brancos e figurados.

capela colateral do lado do Evangelho, há restos de azulejos Embora possua sobretudo azulejos do século XVII, na

mascarou o edifício gótico ou "templo de fora"<sup>73</sup>.

alvenaria e a construção de um "templo de dentro" que consistiu no arranjo das cimalthas com decorações de ficou assinalada no extradorso do arco da capela-mor e convento com talhas e azulejos. A grande reforma de 1709 Nos inícios do século XVIII, decorou-se este

Foi fundado em 1289 para freiras bernardas.

Convento de Santa Maria de Almoester, Santarém

Bernardo<sup>72</sup>.

com architecturas; uma sege e a aparição da Virgem a S.

«Sermão da Montanha». Em rótulos, na cercadura inferior, está repetida, a data de 1739. Estes azulejos já têm sido atribuídos a Policarpo de Oliveira Bernardes<sup>75</sup>.

Junto à entrada da igreja está um painel do mesmo estilo, com dois anjos que sustentam um escudo com as armas de Portugal e da Ordem de S. Bernardo.

No interior, a nave é decorada com azulejos de albarradas, da mesma época, e as capelas com azulejos historiados, representando cenas da «Vida de S. Bernardo» e outras alegorias religiosas.

Na capela-mor, dois painéis de outro artista, representam a «Ceia» e a «Ascensão». Junto ao coro de baixo estão ainda azulejos com passos da «Vida da Virgem». Aqui se encontram, embutidos na parede, quatro nichos com moldura de talha dourada do século XVIII. Da mesma época, são dois cadeirais de madeira, com vinte assentos cada.

No coro de cima, dos dois lados estão cadeirais duplos com 54 assentos, tendo os inferiores respaldos simples e os superiores grandes encostos e espaldares altos e recortados.

Na igreja existem ainda os baldaquinos de talha dourada que decoram arcos, sobreportas e grades do coro de cima.

O convento também sofreu modificações no século XVIII e aí se encontram, emoldurando o pórtico, painéis da mesma feição dos da galeria<sup>76</sup>.

### Cónegos regrantes de Santo Agostinho

No início do Cristianismo, os bispos recrutavam o clero entre aqueles que, de acordo com o Evangelho, viviam de bens possuídos em comum. Com o andar dos tempos, alguns cónegos fizeram voto de pobreza, passando a ser conhecidos como Cónegos Regulares ou Regrantes. É desta orientação que nascem os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, construído e dotado por Afonso Henriques e Sancho I. Adoptou este mosteiro a regra de Santo Agostinho, normalmente seguida pelos Cabidos das catedrais.

Também o Mosteiro de Grijó, na primeira metade do século XII, adoptou a regra de Santa Cruz. Em 1537, devido à humidade do local, mudaram estes cónegos para a Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, onde D. João III lhes mandou construir um mosteiro, mas alguns regressaram a Grijó, que se manteve. Outro dos célebres mosteiros de cónegos regrantes, fundado por Afonso Henriques, foi S. Vicente de Fora, ao qual já nos referimos. Este, desde 1556 a 1772, fez parte da Congregação de Santa Cruz de Coimbra. Em 1630, pertenciam a esta Congregação vinte mosteiros, entre os quais o já referido de S. Salvador de Grijó, S. Salvador de Moreira, S. Simão da Junqueira e Santo Agostinho da Serra do Pilar. Em 1770, já estavam limitados a treze, mas a pedido de D. José foi extinto o de Grijó e os seus bens passaram para Mafra, concedido então aos Cónegos regrantes<sup>77</sup>, projecto que, como a seu tempo dissémos, já faria parte dos planos de D. João V para Mafra.

### Igreja de Santa Cruz, Coimbra

No século XVIII, esta igreja sofreu modificações a nível da fachada . O vão da porta, com óculo oval deitado, em ligação com ele, pertence aos meados do século.

A nave da igreja é revestida por um silhar de azulejos historiados, do lado do evangelho, alusivos à «Lenda da Invenção da Cruz»; e do lado da epístola, relativos à «Vida de Santo Agostinho». É desenho característico da década de 1730-40, provavelmente do mesmo pintor que realizou os azulejos do claustro superior da Sé do Porto, ou seja, António Vital Rifarto.

Nas capelas laterais, há azulejos do mesmo tipo. A Capela do Coração de Jesus foi do Sacramento, pelo que os azulejos são alusivos a este tema: o painel maior mostra o véu do templo rasgado e a ressurreição dos mortos e os outros, motivos da Paixão. A actual capela de S. João Baptista deve ter sido dedicada a Santo Agostinho, pois os azulejos lhe são dedicados. A capela do Santo Sepulcro tem figuras com emblemas da Paixão. A Capela do Senhor dos Passos tem três cenas da «Vida de Santa Ana e S. Joaquim» e elementos decorativos.

O retábulo da capela-mor é do século XVIII, da segunda sagração da igreja, tendo um amplo trono em madeira dourada e policromada. No remate e aos lados, estão quatro anjos gesticulantes, mostrando os símbolos da Paixão. Junto ao arco cruzeiro, estão pequenos quadros de azulejo alusivos

a «S. Teotónio» e, dos lados do altar, cenas mostrando Afonso Henriques em relação com a Santa Cruz.

Sobre a capela de Santo António está o órgão, cuja caixa é em talha, da primeira metade do século XVIII. O retábulo desta capela é da mesma época. Os azulejos representam três cenas da vida do santo e motivos decorativos.

Na escada de acesso ao coro, vêem-se azulejos de figura avulsa. No vão da janela do coro, tal como na capela-mor, estão painéis relativos à vida de Afonso Henriques, da mesma época dos da igreja<sup>78</sup>. Os do coro representam a «Tomada de Santarém» e os Agostinhos rezando por essa intenção.<sup>79</sup>

A quinta de Santa Cruz data do segundo quartel do século XVIII, do tempo em que era reformador da Congregação D. Gaspar da Encarnação. Destinava-se a recreio dos religiosos nos dias e horas que estão previstos num Breve de Bento XIV, de 1747.

De destacar o Jogo da Bola e a escadaria de acesso à fonte da Nogueira. O primeiro tem uma entrada de três arcadas entre dois torreões, sendo a central mais larga. O conjunto é dominado por três esculturas, da «Fé», «Esperança» e «Caridade». Os arcos e pilares são revestidos de concreções calcárias, de modo a terem um aspecto rusticado. Os torreões são quadrados e coroados por uma espécie de mansardas, sendo pintados a fresco com imitação

de arquitecturas e medalhões com temas relativos a Santo Agostinho, S. Teotónio e Afonso Henriques.

O Jogo da Bola é uma avenida, tendo ao fundo uma cascata; a parte principal é dividida em três ruas por dois muros baixos, formando assento, tendo nas extremidades pilares com urnas que se repetem nas paredes laterais onde o espaldar do assento é revestido de azulejos azuis e brancos, imitando painéis arquitectónicos. Cinco degrausem cujos topos estão azulejos com cenas campestres, levam ao plano da cascata. Em frente, está uma taça de água com repuxo.

A cascata tem três corpos, o central de concreções calcáreas, tem por cima outro corpo que enquadra uma escultura da Virgem e é rematado por pirâmide e urnas. Nos corpos laterais, recuados, uma oval de cantaria serve de moldura a azulejos, representando «Sara e Agar no deserto» e o «Profeta Eliseu lançando sal nas águas de Jericó».

Nos espaldares dos bancos do segundo patamar da escadaria, estão azulejos ornamentais, de produção coimbrã, de 1749<sup>80</sup>; o original datado está no Museu, estando no local uma cópia. A segunda taça está no quarto patamar, onde os muros também mostram azulejos com paisagens e animais. O sexto patamar, de plano circular, tem azulejos com paisagens cortadas por composições arquitectónicas. Finalmente o sétimo patamar corresponde à Fonte da Nogueira, também chamada pelo povo Fonte da Sereia, por causa de um tritão esculpido que ali se encontra. Sobre o muro está um nicho, com uma imagem da Virgem. Nos espaldares do banco corrido,

estão azulejos de composições arquitectónicas, com fontes e chafarizes, que ilustram legendas bíblicas<sup>81</sup>.

### Dominicanos

Ordem fundada por S. Domingos de Gusmão, foi introduzida em Portugal ainda este vivia, no século XIII. O primeiro convento foi fundado na Serra de Montejunto, perto de Alenquer e transferido depois para Santarém. A primeira pedra do Convento de Coimbra foi lançada em 1242.

No século XIV-XV, a acção da ordem intensificou-se, tendo Fr. Vicente de Lisboa, confessor de D. João I, fundado nos Paços de Benfica o Convento de S. Domingos. A esta Ordem foi, como é do conhecimento geral, entregue o Mosteiro da Batalha, fundação régia. Também à generosidade do infante D. Pedro se ficou a dever a fundação de conventos, como o de Nossa Senhora da Misericórdia, em Aveiro.

No século XVI, e como em relação a outras ordens, também D. João III se interessou pela reforma dos dominicanos, que vieram a colaborar na missionação<sup>82</sup>.

Os Dominicanos tiveram também importância através do Tribunal do Santo Ofício e no tempo de D. João V é conhecida a influência do Prior de S. Domingos na Corte.

### Igreja de S. Domingos, Viana do Castelo

Mandada edificar por D. Frei Bartolomeu dos Mártires, esta igreja estava concluída em 1576.

Uma das mais célebres capelas desta igreja é a de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1615, mas para a qual Manuel Pinto Vilalobos desenhou um retábulo que Domingos Magalhães executou, na primeira metade do século XVIII.

Ainda actualmente existe a grade da capela-mor, desenhada por Manuel Pinto Vilalobos (III) e executada por Domingos Magalhães, para ser colocada no retábulo da Árvore de Jessé<sup>83</sup>.

Segundo documentos encontrados na mesma igreja, a realização do actual retábulo foi autorizada a 9 de Agosto de 1760 e a 15 de Janeiro de 1764, foi resolvido dourá-lo<sup>84</sup>.

Mosteiro de Santa Rosa, Guimarães (ramo feminino)

De acordo com notícia do «Mercúrio Histórico de Lisboa» de 12 de Março de 1746, este mosteiro encontrava-se em obras, estando então a construir-se o segundo lanço dos seus dormitórios<sup>85</sup>.

Igreja do Convento de S. Domingos (actual Sé),

Aveiro

Do período joanino é a construção da nova fachada, em 1719. Em meados do século XVIII foi feita a obra do coro alto e do tecto e reformada a capela-mor.

Esta ficou vasta, pela necessidade de incluir um cadeiral, e foram-lhe abertas quatro janelas; fez-se também novo arco cruzeiro.

O cadeiral era do terceiro quartel do século XVII, mas os panos das cadeiras foram preenchidos, na primeira metade do século XVIII, com telas de oficina lisbonense, representando oito santas e catorze santos da Ordem dominicana.

O tecto, refeito em meados do século, é de estuque e tem em cada tramo, um óculo oval deitado.

O coro alto ocupa o primeiro tramo da entrada e assenta em três arcos.

A fachada da igreja, alta e estreita, abrange apenas a nave, excluindo as capelas. É decorada por dois pares de pilastras dóricas, que suportam entablamento direito. Na prumada das pilastras, estão remates bulbosos. A meio está o portal idêntico ao do Colégio de S. Pedro de Coimbra, ladeado por dois pares de colunas torsas, sendo as centrais mais avançadas. Sobre o entablamento, arranques de frontão enquadram o remate, ladeado de pilastras misuladas, destinado a conter o brasão da Ordem. Nos arranques de frontão e no remate, apoiam-se as figuras da «Fé»,

«Esperança» e «Caridade». Entre as pilastras, rasgam-se frestas. O óculo sobre o portal deve ser da reforma de meados do século XVIII.

No interior, um dos púlpitos tem a data de 1745, mas parece ter sido feito à imitação do fronteiro, do século XVII.

O frontal do altar, em talha dourada, é de meados do século XVIII; imita os bordados da época e tem ao centro o escudo da Ordem<sup>86</sup>.

#### Convento de Jesus, Aveiro (ramo feminino)

O convento data do século XV, mas sofreu importantes intervenções no final do século XVII e no século XVIII, sobretudo depois da beatificação da Infanta D. Joana, a 4 de Abril de 1693.

Já no último quartel do século XVII, surgem contratos com o entalhador do Porto, Domingos Lopes, para a decoração da igreja<sup>87</sup>.

Em 1699, João Antunes refez o coro interior, destinado a receber o túmulo, de mármore embutidos, da princesa Santa Joana<sup>88</sup>, obras que se prolongaram até 1711<sup>89</sup>.

Em 1725, inicia-se o revestimento a talha dourada da capela-mor da igreja, que a transforma, tal como acontece com as igrejas franciscanas do Porto, numa «igreja toda de ouro», embora aqui também haja intervenção da pintura e do azulejo. A obra é entregue a António Gomes e a José Correia. De acordo com a escritura (terminada a 19 de Fevereiro desse

ano) a talha devia seguir a do desaparecido convento de S. Bento da Avé Maria, no Porto. A obra não deve ter sido terminada nos prazos previstos, pelo que foi feita nova escritura a 14 de Fevereiro de 1728, estando a 1 de Maio a obra já concluída<sup>90</sup>. A 2 de Abril de 1729, os pintores Manuel da Silva, de Coimbra, e António José Correia, do Porto, responsabilizaram-se pelo douramento e estofos da capela-mor. Deste mesmo ano, são os seis painéis laterais com cenas da vida da princesa Santa Joana, da autoria do pintor portuense Manuel Ferreira e Sousa, assinados: "EMMANUEL FERREIRA E SOUZA FECIT ANNO 1729"<sup>91</sup>.

O retábulo do altar-mor enquadra-se no chamado «estilo nacional», ou seja, com colunas pseudo-salomónicas, que se continuam nas arquivoltas do coroamento. Sobre o trono, uma imagem de Cristo na cruz. A cobertura que imita as estruturas polinervadas do gótico final, é toda em talha dourada, com os fechos pendentes, característica dos entalhadores portuenses<sup>92</sup>, que se encontra também em S. Pedro de Miragaia e em Santa Clara, como já observara Robert Smith<sup>93</sup>. O arco de triunfo e as pilastras em que se apoia são igualmente revestidos a talha que, no entanto, não lhes altera a estrutura arquitectónica. Este revestimento deve ser da época do órgão<sup>94</sup>.

Na capela-mor existem ainda azulejos de oficina lisboeta de cerca de 1720-30, que representam cenas da vida da Infanta D. Joana; são provavelmente do monogramista P.M.P..

Os retábulos laterais da nave são de estilo nacional e o tecto é de caixotões enquadrandos pinturas, mas as sanefas que encimam as capelas devem ser posteriores. Na nave, os azulejos acompanham a talha; são de tipo corrente, de cerca de 1740, provavelmente de fabrico colimbrão<sup>95</sup>. O órgão está datado de 1739 e, na decoração de concheados, anuncia o rococó<sup>96</sup>. A ornamentação do coro alto foi completada nos fins do 1º terço do século XVIII, altura em que revestiram de talha os espaços acima dos cadeirais e os topos. Fortes medidas rectangulares separaram os quadros, intercalados com janelas. No topo, fizeram uma composição retabular, e aproveitando um Cristo antigo compuseram uma cena do Calvário, com a Virgem, S. João e a Madalena, em baixo-relevo policromo.

A pintura do novo revestimento, cadeirais e tecto, esta datada num dos caixotões: "ANNOD/1731"; no friso do espaldar do topo, a inscrição é mais completa: "FEITO NA ERA DE 1731. SENDO PRIORSA A REVERENDA M[ADR]E SOROR CATERINA DE IBZUZ MARIA"<sup>97</sup>. Nos espaldares, pintaram uma imitação de acharrado, de fundo vermelho, decorado a ouro, preto e verde, com figuras orientais e europeias; no tecto, estão rótulos com alegorias e acantos enrolados, dourados e policromos.

relievo policromo.

Ligada ao ante-coro, está a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que foi construída no século XVIII, mas cujo retábulo relicário data da 2ª metade do século.

No claustro, vêem-se azulejos, em losetas, brancos, azuis e verdes, de oficina coimbrã, de início do século XVIII. Os do banco corrido do chafariz são mais tardios, mas ainda da primeira metade do século, e também de Coimbra. Revestindo os canteiros, estão azulejos historiados, com cenas campestres.

Datada de 1734 na porta de entrada, é a cela de Santa Joana, na ala poente, onde esta faleceu, em que se repetem alguns dos motivos da igreja de Santa Clara, no Porto<sup>98</sup>. Na parte inferior, o lambril é formado de panos com rótulos e acantos; na superior, as molduras das pinturas são feitas com pilastras misuladas, suportando arcos, encobertos por sanefas. Num dos lados, uma mesa de altar e uma tela maior, na vez de retábulo. As telas representam cenas da vida da princesa, mas as personagens vestem-se à moda do século XVIII. De cada lado, duas maquiuetas, já da segunda metade do mesmo século.

A decoração do Convento de Jesus integra-se, de maneira geral, em concepções do primeiro quartel do século XVIII, ainda na continuidade do século anterior, embora certos elementos decorativos tenham sido acrescentados na década de trinta, mais ao gosto joanino.

#### Convento de S. Domingos, Santarém

O convento de S. Domingos foi fundado no século XIII, no sítio da Madalena, no alto, junto à vila, ficando-lhe a sul o convento de S. Francisco.

Em 1604, igreja e claustro ameaçavam ruína, pelo que foram reedificados, tendo-se o claustro iniciado em 1620.

A igreja era de três naves, havendo capelas junto ao cruzeiro e outras no corpo da igreja<sup>99</sup>.

Segundo o «Mercúrio Histórico de Lisboa», em 1746, estava pronta a Casa do Despacho dos Irmãos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário, junto à Capela de S. Bartolomeu. Entretanto, estava em obras a Casa do Despacho dos Irmãos Terceiros de S. Domingos, que comunicava com a Capela de S. Pedro<sup>100</sup>.

O terramoto de 1755 arruinou a torre e rachou as paredes de algumas capelas. Depois da extinção dos conventos, este serviu de matadouro e, desde 1890, como tauródromo<sup>101</sup>.

#### Mosteiro de S. Domingos das Donas, Santarém

Em Junho de 1746, estavam a ser reconstruídos os dormitórios deste convento, que se tinham arruinado em Janeiro de 1746, quando uma parte de novo caiu. Logo o Provincial da Ordem, Frei Manuel Coelho, tratou da sua reedificação, ampliando-os ainda para Norte. Esta obra foi possível não só graças aos dotes das noviças, mas também a

esmolas de D. João V que, em duas vezes, ofereceu para a obra a quantia de dez mil cruzados<sup>102</sup>.

### Convento de S. Domingos de Benfica, Lisboa

Embora os principais elementos decorativos barrocos que encontramos neste convento pertençam ainda ao século XVII, as paredes laterais do altar-mor e o cruzeiro do transepto foram revestidos com painéis de azulejos representando cenas da «Vida de S. Domingos», combinando-se com outros, de carácter ornamental, com festões, anjinhos e figuras alegóricas.

Num dos painéis do cruzeiro está a assinatura "*Ant<sup>to</sup> do liueira / Berd<sup>es</sup> fecit*", embora Santos Simões considere que nem todo o revestimento é deste pintor, sendo, o painel inferior da capela-mor de outro autor<sup>103</sup>. Mais recentemente considera-se que o revestimento do transepto, que está assinado, é de António de Oliveira Bernardes, assim como os painéis intermédios das paredes da capela-mor, enquanto os painéis inferiores da capela-mor, as cercaduras e os que ladeiam as janelas serão de António Pereira e de cerca de 1710<sup>104</sup>.

### Convento de S. Domingos, Lisboa

Para além das transformações sofridas a nível da capela-mor da igreja, por intervenção régia e a que já nos referimos em devido tempo, há que referir que na portaria que dá acesso à sacristia, onde está o túmulo de Frei Luis de Granada, se encontram quatro painéis de azulejos, com alguns episódios da «Vida de S. Domingos», com cercadura de anjinhos e folhagens, datáveis de cerca de 1720-25<sup>105</sup>.

Convento do Sacramento a Alcântara, Lisboa

Transformado em dependência do Ministério do Exército é este antigo convento dominicano de ramo feminino, fundado em 1605 pela Condessa de Vimioso, D. Joana de Castro, que depois aqui professaria<sup>106</sup>.

No convento ainda existem alguns painéis de azulejos do século XVIII. Assim no local do antigo coro baixo, está um lavabo envolvido por azulejos azuis, com anjos segurando reposteiros, datáveis de cerca de 1720 e de fraca qualidade.

Nos corredores e numa sala, há azulejos de padrão, a azul e branco, do tipo «camélias» e com outros motivos ornamentais.

De cerca de 1730 são os azulejos de vasos e cestos que decoram a escada e os corredores que lhe dão acesso. Na escada há ainda dois painéis de simbologia religiosa, um com as armas da Ordem dominicana e outro com uma coroa de nós.

No antigo refeitório e sala antecedente, vêem-se azulejos de «estrelinha» com motivos variados<sup>107</sup>.

A nave é coberta por abóbada de berço, totalmente revestida de pintura mural, de inícios do século XVIII. Representa cenas da vida do padroeiro, numa composição de nove quadros emoldurados em tabelas geométricas, divididos por arquitectura de perspectivas, atlantes e

Ermita de S. Domingos, Vila Vigosa

de 1745-50<sup>109</sup>.

A cercadura, barroca, apresenta já alguns elementos em «asa-de-morcego», embora discretos. São datáveis de cerca entre os quais as armas da Inquisição.

Na parte superior dos painéis estão vários emblemas, representando todos passos da «Vida de S. Domingos».

Na nave desta igreja existiam seis painéis de azulejos recortados, azuis, de que três foram mutilados,

Estremoz, do século XVIII.<sup>108</sup>

No interior, os altares laterais são de mármore de lados, vêm-se volutas e coruchéus.

A imagem de «S. Domingos pregando» e, no remate, a cruz. Aos coroados ela também por frontão; ao centro está um nicho com coruchéus e três janelas constituem a decoração da fachada, cora real. Dois portais mais pequenos, com frontões e por anjos que mostram o escudo com as armas dominicanas e a O pórtico é de estilo barroco, com frontão ladeado

segunda metade do século, fizeram-se obras importantes. A igreja remonta ao século XIII, mas em 1725 e na

Igreja de S. Domingos, Elvas

quimeras, e com legendas em português. Os painéis centrais são os maiores, com a «Aparição da Virgem a S. Domingos», «Instituição do Culto do Rosário» e «S. Francisco de Assis e S. Domingos de Gusmão, sustentáculos da Igreja. Os retábulos laterais representam episódios tradicionais ou lendários da vida de S. Domingos.

Sobre a entrada, está uma pintura profana com paisagens, caçadas e edifícios imaginários, muito semelhante à que existe na ermida de S. Bento, trabalho datado de 1711.

No topo do arco triunfal, entre albarradas de flores, formando pórtico arquitectónico, está o escudo de armas dominicano<sup>110</sup>.

### Franciscanos

A Regra de S. Francisco foi seguida por diversas congregações.

A Ordem Franciscana foi fundada por S. Francisco de Assis, tendo os seus membros o nome de Frades Menores. A «Regra de S. Francisco» foi aprovada em 1210 por Inocêncio III e confirmada, em 1223, por Honório III. Logo no início do século XIII os franciscanos se instalaram em Portugal, tendo fundado eremitérios cerca de Alenquer e Guimarães e nos Olivais, em Coimbra.

A partir de meados do século XIII, os Franciscanos começaram a valorizar os estudos teológicos e instalaram-se nos povoados, remontando a este período conventos como os de S. Francisco em Guimarães e no Porto. As Escolas de Teologia dos Conventos de S. Francisco de Lisboa e de Coimbra foram célebres.

Nos fins do século XIV, com o movimento da Observância, surgem de novo os eremitérios, sobretudo na orla marinha entre Valença (Mosteirô) e Atouguia da Baleia (S. Bernardino), assim como nas Ilhas do Atlântico.

Nos fins do século XIV, os Franciscanos portugueses organizaram-se em província autónoma, a que pertenciam os da Conventualidade e os da Observância, mas a partir de 1567 todos são obrigados a seguir a observância. É neste século que eles se expandem muito em Portugal, de tal forma que a província de Portugal se desmembrou: com os conventos do sul formou-se a província dos Algarves (1532), com os da sua

recolecção (Capuchos) a província de Santo António (1568), com os conventos dos Açores a província de S. João Evangelista (1639) e com os antoninos do Norte a província da Conceição (1706).

Ao mesmo tempo, alguns franciscanos quiseram viver na mais estreita observância de pobreza e penitência e instalaram-se em retiros como os da Piedade (Vila Viçosa) e da Arrábida. Destes saem as províncias capuchas da Piedade (1517), da Arrábida (1560) e a da Soledade, desmembrada da primeira (1673)<sup>111</sup>.

Também fora de Portugal surgiram movimentos idênticos, um dos quais em Itália, com Fr. Mateus de Bassis, em 1525. Uma das suas características era o uso de capuz e da barba crescida ao natural, donde as designações de *capuchinhos* e *barbadinhos*. Estes frades não se fixaram em Portugal, mas por aqui passaram a caminho das missões, em África e no Brasil. É para estes frades que surgem os hospícios, como o dos Barbadinhos, na travessa do mesmo nome<sup>112</sup>.

No século XVII, os franciscanos começaram a entrar em decadência, verificando-se então tentativas de renovação do fervor religioso, como a de Fr. António das Chagas, que em 1680 fundou o Seminário Apostólico do Varatojo, ou desenvolvimentos dos estudos, como os que os Arrábidos empreenderam no Convento que D. João V para eles fundou em Mafra.

## DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

### Igreja do Convento de Santo António dos Frades ou dos Capuchos, Ponte de Lima

A sacristia desta igreja é de planta aproximadamente quadrada, tendo na parede de fundo, uma obra de talha, com relicários em nichos, separados por pilastras ornamentadas, assentando sobre um vestiário simples, com ferragens do século XVII.

O tecto, de madeira, de moldura circular, está dividido em oito sectores apainelados, tendo ao centro um florão de talha. Ao alto das paredes, as molduras em cornija, têm, nos cantos, querubins, e no meio uma concha com um pássaro. Os sectores do tecto têm pintura de ornatos barrocos, com conchas e brutescos, a azul, vermelho e castanho. Sobre o vestiário há caixotões rectangulares, com pinturas semelhantes.

É provável que o vestiário, relicários em talha, e parte correspondente do tecto, sejam ainda do século XVII, mas todo o resto da sacristia é da primeira metade do século XVIII<sup>113</sup>.

Aqui se encontram painéis com azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinha», com cercadura própria, atribuíveis a 1743-44, com fabrico de Viana do Castelo<sup>114</sup>. No entanto, Flávio Gonçalves considera que poderão ser de fabricação lisboeta<sup>115</sup>. Em contrapartida, Feliciano Guimarães, por comparação estilística, e técnica (o mesmo

esmalte e a mesma tinta azul ultramar-cobalto), considera-os

obra de oficinas colimbrãs<sup>116</sup>.

Igreja do Antigo Convento de S. Francisco, Arcos de

Valdevez

As paredes da igreja são forradas de alto a baixo por azulejos de figura avulsas, do tipo «estrelinha», que também formam lambris no pórtico de entrada e no corredor que conduz à sacristia. Santos símbolos atribuídos estes azulejos a uma oficina que teria existido em Viana do Castelo, no segundo quartel do século XVIII. No entanto, segundo Flávio Gonçalves, é muito provável que todos estes azulejos tivessem vindo de Lisboa<sup>117</sup>.

Feliciano Guimarães considerava-os da mesma proveniência que os da sacristia do Convento de Santo António de Ponte de Lima e, portanto, de oficina colimbrã e da primeira metade do século XVIII<sup>118</sup>.

Na grade do pórtico, datado de 1726, está ainda uma cena de «Martírio de um dos mártires de Marrocos».

Igreja do Antigo Convento de Santa Clara, Caminha

Nesta igreja, conservam-se tapetes de azulejo, com barra de folhagem branca sobre fundo azul. E nas barras que se integram três painéis figurados, representando «Nossa Senhora da Conceição», «Santa Clara» e «S. Francisco», tendo este último a data de 1716<sup>119</sup>.

Igreja do Convento Franciscano de Santo António,

Viana do Castelo

A capela-mor tem um silhar de azulejos de figura avulsa, tipo «estrelinha», com cercadura de um azulejo de folhas de acanto. Tal como acontece em relação a outras igrejas da zona, já referidas, Santos Simões atribuiu estes azulejos a uma hipotética oficina de Viana do Castelo, mas de facto tal oficina parece não ter existido, sendo os azulejos provenientes de Lisboa.

Também na sacristia se encontra um silhar de azulejos de figura avulsa<sup>120</sup>.

DISTRITO DE BRAGA

Igreja das Capuchinhas e Convento da Madre de Deus,

Guimarães

Fundado em 1681, conserva o claustro, com um chafariz do século XVIII, e na capela-mor da igreja, seis painéis de azulejos historiados, com temas marianos, datáveis de 1717<sup>121</sup>.

Igreja de S. Francisco, Guimarães

De origem gótica, este templo foi reconstruído no século XVIII. Desta época são os azulejos que revestem a nave, e a capela-mor, onde figuram painéis da «vida de Santo António», que se combinam com o retábulo barroco, em talha dourada.

Os azulejos são notáveis e, pelos emolduramentos, tonalidades e tipo de desenho, são datáveis de cerca de 1720-30 e atribuíveis ao ciclo oficial dos Oliveira Bernardes<sup>122</sup>.

Convento de Santa Clara, Guimarães

A câmara Municipal encontra-se instalada no edifício deste antigo convento. Conserva a frontaria barroca, datada de 1741, com a imagem de Santa Clara, ao centro, e o claustro<sup>123</sup>.

## DISTRITO DO PORTO

### Igreja de S. Francisco, Porto

É uma igreja gótica, do final do século XIV, inícios do século XV (tradicionalmente datada de 1383-1425), embora possa ser anterior<sup>124</sup>, e que na época joanina foi revestida interiormente de talha dourada, criando assim uma estética barroca num espaço gótico - a «igreja toda de ouro».

Devido ao tempo que as obras demoraram, combinam-se aqui elementos da talha joanina, com motivos rococó. A decoração documentada foi realizada entre 1718 e 1764 e compreende retábulos, púlpitos e sanefas, preenche as capelas das naves e transepto, reveste colunas e arcadas da nave principal, coro e abóbadas<sup>125</sup>.

O retábulo da capela-mor é inspirado no da Sé do Porto, mas ganha especial efeito cenográfico por ser directamente iluminado pelas janelas góticas da ábside. Trata-se, portanto de um retábulo de tipo "joanino", que utiliza as colunas salomónicas em vários planos e é rematado por um dossel de que pendem sanefas. Ao centro, está o trono directamente iluminado, sobre o qual se destaca, em contraluz, a imagem do crucificado.

Notável é também a decoração do arco de triunfo, com arranques de frontão em forma de volutas com concheados, sobre os quais se sentam anjos. Sobre o entablamento curvo, o emblema da ordem é coroado por frontão segmentar, com prolongamentos. Do mesmo entablamento pendem sanefas. Esta

decoração continua-se, com nichos com estátuas, até aos altares colaterais.

Os pilares góticos da nave são totalmente revestidos de talha profusamente decorada, mas suficientemente delicada para aproveitar o efeito decorativo da estrutura compósita dos pilares. Na abóbada, também a talha sublinha as nervuras e as chaves da abóbada gótica.

Os seis retábulos laterais, embora com estrutura seiscentista de dois andares, são decorados com grinaldas, anjos e conchas marinhas.

Notável é a capela com a «Árvore de Jessé», cuja estrutura se deveria conformar à da desaparecida igreja do Convento beneditino de Avé-Maria, no Porto. Foi Flávio Gonçalves quem revelou os contratos para a execução desta obra, datados de 1718 e 1719, e envolvendo os entalhadores portuenses Filipe da Silva e António Gomes e o escultor Manuel Carneiro Adão<sup>126</sup>.

António Gomes era um importante entalhador, que irá realizar a talha do coro e cadeiral da igreja de Arouca<sup>127</sup> e da capela-mor da igreja de Jesus, em Aveiro<sup>128</sup>. Filipe da Silva tinha realizado, em 1707, a talha do referido convento da Avé-Maria, que serviu de modelo para esta<sup>129</sup>.

A 10 de Abril de 1724, é feito o contrato para a talha da capela de Santo António, com Luis Ferreira da Costa que, juntamente com Miguel Francisco da Silva, irá executar o retábulo-mor da Sé. Segundo o mesmo contrato, o retábulo seria igual ao de S. Vicente Ferrer na igreja dominicana do

Porto, e a talha do arco seria idêntica ao da Capela da Árvore de Jessé<sup>130</sup>, o que demonstra certa preocupação de uniformidade na decoração desta igreja.

Depois de uma interrupção de alguns anos, na década de 40 prossegue a decoração dos retábulos laterais. O primeiro foi o de Nossa Senhora do Rosário dos Escravos (actualmente de Nossa Senhora do Socorro), cujo contrato foi arrematado, em 11 de Janeiro de 1740, pelo entalhador portuense Manuel da Costa de Andrade, sendo a planta do arquitecto Francisco do Couto e Azevedo. Em 24 de Abril de 1743, os mesmos artistas foram encarregues da decoração da capela de Nossa Senhora da Graça (actualmente de Nossa Senhora da Rosa)<sup>131</sup>.

Em 1750, foi Manuel Pereira da Costa e Noronha, filho do referido Luis Pereira da Costa, que a 20 de Outubro rematou o retábulo de Nossa Senhora da Encarnação (actualmente de Nossa Senhora da Anunciação), vindo também a realizar o de Nossa Senhora da Conceição (actualmente dos Santos Mártires de Marrocos). Nestes dois retábulos, embora tardiamente, atingiu o ponto culminante a talha joanina.

De 1764, e de gosto rococó, é o último retábulo cujo contrato se conhece, o de Nossa Senhora da Soledade, feito por Francisco Pereira Campanhã<sup>132</sup>.

Não obstante as diferentes épocas e estilos em que foram projectados os seus retábulos, a impressão geral que nos dá a decoração da igreja de S. Francisco é a da unidade do seu interior, revestido a ouro.

### Igreja de Santa Clara, Porto

Esta igreja pertenceu ao convento fundado em 1416 por D. João I.

Ao contrário da igreja de S. Francisco, a decoração desta foi concebida como um todo, em que todos os elementos se identificam, como já fora salientado por Robert Smith<sup>133</sup>.

O seu autor foi Miguel Francisco da Silva, o entalhador que, como foi oportunamente referido, veio de Lisboa para executar o retábulo-mor da Sé, e a obra data de 1730-31<sup>134</sup>.

Santa Clara é, sem dúvida, menos espectacular que S. Francisco, mas tem-se salientado a qualidade da sua talha, quer pela unidade estilística, quer pelo requinte da execução. A verdade é que as duas igrejas são estruturalmente diferentes. S. Francisco é uma igreja de três naves que mantém as suas arcadas góticas e, como vimos, as janelas da ábside combinam-se com o retábulo do altar-mor. Santa Clara é uma igreja de nave única com altares laterais e nela toda a estrutura gótica desapareceu, com excepção do revestimento da cobertura, que imita uma abóbada do gótico final.

Na verdade, a obra de talha completa aqui reformas que tinham sido feitas na estrutura arquitectónica, tendo-se, em 1730 completado as obras de pedraria da capela-mor<sup>135</sup>. Desconhece-se, de facto, o autor do risco do retábulo-mor, que Miguel Francisco da Silva se comprometeu a seguir no contrato assinado em 30 de Abril de 1730. Nele se

determina também que o frontal seria idêntico ao altar-mor da igreja dos Terceiros de S. Domingos<sup>136</sup>.

A verdade é que este retábulo nos parece realizar um compromisso entre os de Lisboa (Nossa Senhora da Pena e Paulistas) e o da Sé do Porto. As colunas salomónicas (embora com querubins combinando-se com as grinaldas que revestem os sucos) ainda estão colocadas por ordem decrescente e a composição do arco, embora integre arcanques e segmentos de frontão, é mais fechada e menos dinâmica que as dos retábulos da Sé e de S. Francisco. Como na Sé do Porto, surgem as sanefas com borlas e os cortinados seguros por anjos evocam os que emolduram o retrato de D. João V em Coimbra.

Na nave, os altares são encimados por sanefa direita, com borlas, o que contribui para a unidade do conjunto, e na moldura das janelas surgem também as sanefas. O tecto da nave combina com talha e pinturas, enquanto o da capela-mor é artesado, com os painéis unidos em torno de um pendente.

Segundo Robert Smith, a talha da capela-mor de Santa Clara aproxima-se dos lambris característicos dos salões da França e Alemanha de meados do século XVIII, pelo luxo e formação dos pormenores, embora aqui ainda não se encontrem elementos do vocabulário rocaille<sup>137</sup>.

DISTRITO DE VILA REAL

Antigo Convento de S. Francisco, Chaves

Na sacristia da igreja, estão azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinha».

Além disso, foram retirados da cozinha conventual painéis historiados de cerca de 1740, de oficina lisboeta<sup>138</sup>.

## DISTRITO DE VISEU

### Igreja do antigo Convento de S. Francisco, Lamego

A igreja é modesta, com silhar de azulejo branco, limitado por cercadura de folhas azuis.

Na capela lateral da invocação de Nossa Senhora das Dores, as paredes laterais têm dois painéis de azulejos, representando «Descida da Cruz» e «Passo de Verónica», em moldura rectangular de anjinhos; na base, emblemas da Paixão. São azulejos de cerca de 1725, atribuíveis ao monogramista P.M.P.<sup>139</sup>.

### Igreja do antigo Convento de S. Francisco, Orgens

#### Viseu

A nave e a capela-mor possuem um alizar de azulejos de figura avulsa, com cantos de quatro pintas, trabalho de Coimbra ou do Porto<sup>140</sup>.

## DISTRITO DE AVEIRO

### Igreja do antigo Convento de Santo António, Serém, Águeda

Sobre a porta de entrada da igreja está um nicho enquadrado por azulejos, com anjinhos, sanefas e vasos recortados, de oficina coimbrã.

Na nave e capela-mor, estão silhares de azulejo branco, limitados por moldura azul<sup>141</sup>.

### Igreja do Antigo Convento de Santo António, Aveiro

Este convento foi fundado em 1524, mas a frontaria data do século XVIII. É dividida verticalmente por pilastras toscanas e tem ao centro um arco abatido e contíguo, um átrio aberto. Sobre este, abre-se uma larga janela de iluminação do coro alto. No nicho do remate, está uma imagem de barro, também setecentista, representando «Nossa Senhora da Conceição».

O interior é de uma só nave, com capelas, e coberta por abóbada de berço. Sobre o átrio, ergue-se o coro, onde está colocado um cadeiral setecentista.

A capela-mor tem um retábulo de «estilo joanino» final, entalhado nos anos quarenta do século XVIII, com decoração de acantos, querubins e colunas torsas, com o terço inferior assinalado por um anel e grinaldas nos sulcos. Nos intercolúnios estão imagens de «Nossa Senhora da Conceição», anterior, e «S. Francisco».

Os azulejos que decoram a capela-mor e ladeiam os altares colaterais, são de fabrico coimbrão, mas nas molduras revelam influência da decoração lisboeta, de cerca de 1740. Representam «Aparição do Menino Jesus a Santo António» e «Pregação aos Peixes». São atribuíveis à oficina de António Vital Rifarto.

Junto aos altares colaterais, estão dois panos de azulejos decorativos, de meados do século XVIII.

A sacristia tem tecto apainelado, revestido de talha dourada que enquadra telas e nichos. Nas paredes, azulejos do tipo dos da capela-mor, com «Milagres de Santo António»<sup>142</sup>. O arcaz é setecentista, de madeira exótica e bronzes recortados.

A Capela da Ordem Terceira faz parte do conjunto arquitectónico do convento, e foi construída no século XVII.

O retábulo principal de período anterior, é envolvido por ampla sanefa de talha dourada setecentista. O revestimento do arco cruzeiro que se limita aos pés direitos e ao arco, é da fase joanina. A nave tinha quatro retábulos, mas um foi suprimido para fazer a ligação à igreja conventual. Estes retábulos têm a particularidade de ter a abertura do camarim de forma trilobada; cada um tem duas colunas torsas, com grinaldas nos sulcos e larga sanefa ondulada no coroamento.

As esculturas são de vestir, de épocas diversas.

Os espaços livres entre retábulos foram preenchidos por azulejos de fabrico coimbrão, do segundo quartel do

século XVIII, atribuíveis à oficina de António Vital Rifarto. Santos Simões considerou-os de 1745-50<sup>143</sup>. São enquadrados por composição arquitectónica, adaptando-se as cenas aos espaços disponíveis. Nos espaços ao lado do arco cruzeiro estão «S. Francisco e S. Domingos» e «S. Francisco amparado por anjos». Junto à porta, paisagens com eremitas.

O tecto do corpo tem pintura decorativa a ouro e policromia, com rótulos arquitectónicos de que saem acantos, e é da época dos retábulos.<sup>144</sup>

#### Recolhimento de S. Bernardino, Aveiro

##### Capuchinhas de Jesus

O edifício primitivo foi melhorado no século XVIII, tendo a primeira pedra da actual igreja sido lançada a 21 de Setembro de 1735, enquanto a trasladação do Santíssimo para a nova igreja teve lugar, segundo notícias da «Gazeta de Lisboa» e do «Mercúrio Histórico de Lisboa», a 7 de Dezembro de 1743<sup>145</sup>. A trasladação foi acompanhada, como era uso na época, de magnífica procissão, tendo-se as festas prolongado num oitavário<sup>146</sup>.

Ao mesmo tempo, fizeram-se obras no edifício monástico, que constava de um pequeno claustro quadrado, com oito arcadas em cada lanço, todas abobadadas; no segundo piso, abriam-se janelas para o pátio, que correspondiam a um corredor de acesso às celas e outras dependências. Este edifício foi demolido, restando apenas a igreja<sup>147</sup>.

Como acontece nas casas conventuais femininas, a fachada de aparato era a lateral, acompanhando a rua paralela às muralhas da cidade. É dividida em três panos por pilastras sem capitel, que terminam na arquitrave; o pano da direita corresponde à portaria e coro alto, e os da esquerda à igreja. Tem janelas amplas de arco abatido. Na parte correspondente à igreja, existe apenas uma fiada de janelas, que interiormente penetram nas lunetas da abóbada, e outra sobre a porta. No pano sul, há duas fiadas, servindo a inferior para iluminação do coro, enquanto a superior continua a da fachada da igreja, numa preocupação com a simetria. Esta fiada continua-se nos topos e na parte posterior.

A porta da igreja abre-se no pano central, sendo de moldura de cantaria rectangular, coroada por frontão interrompido, enrolando-se em volutas.

Interiormente, a igreja, de nave única, divide-se em quatro tramos desiguais: o maior, de entrada; o segundo, destinado aos púlpitos; o terceiro, com arcos nas paredes, destinados a retábulos, e o quarto, correspondente à capela-mor, que tinha um grande retábulo.

Os tramos são divididos por pilastras de cantaria, que se prolongam até à cimalha. A cobertura é de abóbada de tijolo, onde se abrem as lunetas para a inserção das janelas.

O edifício sofreu modificações ao ser adaptado a prisão. A parte inferior das paredes era revestida por

azulejos - hoje no Museu regional - de oficina coimbrã, do segundo terço do século XVIII, da autoria de António Vital Rifarto<sup>148</sup>.

Exteriormente, o edifício eleva-se acima do casario, sendo coroado por altos pináculos nos ângulos e no enfiamento das pilastras.

## DISTRITO DE COIMBRA

### Igreja do antigo Convento de Santo António, Penela

É um velho convento capucho da Província de Santo António, já muito arruinado. Conserva, no entanto, alguns azulejos do século XVIII.

Ladeando a porta de entrada, estão duas cruzes, pintadas a azul e manganês.

No interior, a capela-mor tem painéis com cenas da «Vida de Santo António», trabalho de Coimbra de cerca de 1740, muito rude. Na nave da igreja conservam-se cinco de seis painéis recortados, com passos da «Vida de S. Francisco», já com elementos *rocaille* no enquadramento, provavelmente de 1750-55, também de oficina coimbrã<sup>149</sup>.

### Convento de Santo António, Vila Cova de Alva,

Arganil

Em 1712, o desembargador Luis da Costa Faria, de Arganil, fundou aqui um convento que pertenceu aos Franciscanos e é actualmente propriedade particular<sup>150</sup>.

### Mosteiro Novo de Santa Clara, Coimbra

Embora a sua construção se iniciasse na centúria anterior, no princípio do século XVIII faltava construir o claustro, a enfermaria e as casa da portaria.

O empreiteiro do claustro foi Gaspar Ferreira, que em 1737 assinava mandatos de pagamento e, mais tarde, em 1761, era encarregue de fazer a portaria, segundo plano e

modelos de Carlos Mardel. Se este chegou a Portugal por volta de 1733, poderia ser o autor do projecto do claustro, embora se saiba que o próprio Gaspar Ferreira também fez alguns projectos.

Este situa-se entre a igreja e a colina imediata e tem, em cada lanço, sete arcos separados por intercolúnios dóricos; no piso superior, estão janelas rasgadas com resguardo de pedra, na prumada dos arcos, e intercolúnios jónicos, suportando frontão e enquadrando nichos sem imagens. Os ângulos são curvos, tendo no piso inferior grandes nichos vazios, sobrepostos a tanques onde golfinhos entrelaçados derramariam a água; por cima estão emblemas alusivos à fundadora.

Para além do claustro, algumas transformações se fizeram na igreja no período joanino.

Assim, a capela-mor tem as cantarias pintadas com brutescos do século XVIII, obra de Manuel da Silva, que os contratou a 18 de Abril de 1727.

Sobre os retábulos, à altura das janelas, estão quatro telas do século XVIII, com os «Doutores da Igreja», obra de oficina lisbonense; sabe-se que a arrematação da douradura das molduras foi feita pelos douradores Gabriel Ferreira e António Vidal, a 26 de Março de 1737.

No coro baixo, está um órgão, com aplicações de talha dourada, e um letreiro pintado a ouro, onde se lê:

"ESTE . ORGAÕ . MANDOV . FAZER . A S<sup>A</sup> . D. MARIANA  
FERRAS . DA PURIFICASAÕ . SENDO . PRESIDENTE . / NO ANNO DE  
1745".

A mesma madre é responsável pela encomenda de outro  
órgão, de caixa de madeira entalhada, que tem pintado o  
letreiro: "ESTE . ORGAÕ . MANDOV . FAZER . A SRA . D.  
MARIANA FERRAS . DA PURIFICASAÕ . SENDO . ABADESA . NO ANNO  
. DE 1749. P<sup>A</sup> . O SS<sup>MO</sup>. SACRAM<sup>TO</sup>".

Na nave lateral do lado da epístola, estão cinco  
quadros, cópias de outros anteriores, lendo-se na pedra:

ESTE . RETABVLO. MANDO . FAZER . A . M<sup>E</sup> D. /  
MARIANNA VALLASQVES . NO ANNO . DE. 1740". De facto, o  
retábulo já não existe.

Encostados à parede da epístola, estão três pequenos  
retábulos: um, da primeira metade do século XVIII, tem  
colunas torsas, com rosas nos sulcos; outro, do século XVII,  
completado com elementos do seguinte, como o nicho central,  
a cercadura e a banquetta, tem pintada a data de 1726, que é  
da douradura.

Do lado do evangelho está outro retábulo, ainda  
característico do final do século XVII, com o fundo pintado,  
a imitar um tecido.

No basamento de pedra tem pintada a indicação de que  
a pintura foi feita por Manuel Nunes de Oliveira, da cidade  
do Porto e encomendada por D. Antónia de Mendonça, em 1707.

A portaria do convento é, como se disse, obra de  
Carlos Mardel, da segunda metade do século.

O dormitório é constituído por dois corredores sobrepostos, limitados por torreões. Perpendicular a este e paralelo ao lanço norte do claustro, está o refeitório, com uma ante-sala de lavabos. Ambos são revestidos de azulejos de albarradas, de fabrico coimbrão de início do século XVIII<sup>151</sup>.

#### Colégio de Santo António da Estrela, Coimbra

Em 1705 foi criada a Província da Conceição, abrangendo os Conventos Capuchos da Beira e do Minho.

A 17 de Janeiro de 1707, D. João V autorizou, por alvará, o provincial Fr. Ambrósio de Santo Agostinho, a fundar um colégio, em Coimbra, nas casas cedidas pelo Conde de Santa Cruz, D. Martinho de Mascarenhas.

A primeira pedra foi lançada pelo bispo-conde D. António de Vasconcelos e Sousa, a 29 de Março de 1715, tomando o Colégio o nome de uma imagem que há muito era venerada em capelinha na casa do doador.

O edifício foi demolido, mas era modesto, apenas constituído por dois corpos perpendiculares.

Resta a igreja, de uma só nave e capela-mor, com abóbadas de tijolo.

A fachada é enquadrada por cunhais rusticados e encimada por uma espécie de frontão, onde se abre um óculo oval deitado. Ao nível do coro, há duas janelas rectangulares enquadrando o nicho central, sem imagem.

No Refeitório, há quadros com cenas de caça e campestres, enquadrados por concheados, também de fabrico colimbrão, do segundo terço do século XVIII<sup>153</sup>.

mesma época e todos de colimbra. No corredor de acesso à sacristia, estão azulejos de figura avulsa, de inícios do século XVIII. Na sacristia há um lambril com milagres do santo. Estes azulejos são da

relativos à vida de Santo António e temas de paisagem com temas arquitectónicos e pequenos rótulos com assuntos. No arco, são composições de anjos atlantes e, nas paredes, da primeira metade do século XVIII, de carácter decorativo. O arco do coro alto e o corpo da igreja tem azulejos

dos séculos XVII e XVIII. Os retábulos laterais são adaptações de fragmentos de talha XVIII, tal como as janelas laterais do corpo e capela-mor. A porta da igreja e a janela superior são do século inícios do seguinte.

O edifício foi reformado nos fins do século XVII e Colégio de Santo António da Pedreira, Colimbra

as armas de Portugal<sup>152</sup>. Senhora da Conceição, cercada do cordão franciscano, sobre remate, está um rótulo com o emblema da Congregação: a remate de motivos barrocos e frontão interrompido; a meio do encostada à igreja. É de arco abatido entre pilstras com A porta do colégio foi aproveitada para uma capela

Avançando sobre a fachada do templo, do lado direito, está um corpo, onde estão as várias dependências da Capela da Ordem Terceira, que tem na parede da frente, de cantaria recortada, uma pedra de armas com as Chagas de S. Francisco e as quinas; na parte inferior, está a legenda: "ANNO DE 1719"; foi obra do bispo D. Frei Miguel de Bulhões<sup>155</sup>. A sacristia, refatório e cozinha eram revestidos com azulejos historiados da primeira metade do

conservando-se alguns altares do século XVIII.

No interior, uma só nave, com o coro sobre a galilé,

rematada por frontão.

característicos da reforma do século XVIII. A fachada é janelões enquadando um nicho com a imagem do santo, da fachada primitiva. A igreja, com galilé, tem dois largos acrescentado um andar. Conserva-se o claustro e as aberturas para instalação da Companhia Leiriana de Moagem, sendo-lhe uma nova igreja. Desde 1921, o velho convento foi adaptado entregue novamente aos Franciscanos, que vieram a construir partir de 1855, foi utilizado como cadeia e, em 1861, foi Depois da extinção dos conventos, o edifício, a

Dezembro de 1748, pelo padre Fr. Bernardo de Noronha<sup>154</sup>.

A primeira pedra do novo convento foi lançada a 8 de

segunda metade do século XVIII.

só tinha sido sagrada em 1562, vindo a ser remodelado na Este convento remontava à Idade Média, mas a igreja

Convento de S. Francisco, Leiria

DISTRITO DE LEIRIA

século XVIII, com cenas da vida de S. Francisco e Santo António, e os tectos, apainelados, tinham pinturas policromas, da mesma época<sup>156</sup>.

### Convento de S. Miguel de Gaeiras, Óbidos

Pertencente outrora aos Franciscanos, este templo ostenta na fachada um nicho com uma escultura setecentista de «S. Miguel», em maquineta envidraçada. É também na fachada e galilé que surgem, metidos em nichos, painéis hagiológicos de santos. Ladeiam o portal dois nichos, tendo o da direita «S. João Baptista» e o da esquerda uma alegoria à Ordem (monge mendicante, com cadeado na boca, olhos vendados e fechadura no coração), com a legenda «Tipus Religiones». O janelão do coro é ladeado por dois embutidos cerâmicos, representando «S. Roque» e «S. Benedito» (ou «S. Barnabé?»).

No interior, a nave apresenta um silhar de azulejos setecentistas, de cerca de 1745, alusivos a S. Miguel (Santos Simões) ou cenas da iconografia antoniana e franciscana<sup>157</sup>.

Na capela-mor, estão dois painéis com passos da vida de S. Francisco, datáveis de cerca de 1720. Na capela de S. Francisco, estão azulejos de vasos e estrelinhas.

Na igreja, existe ainda um grupo escultórico representando a «Morte de S. Francisco», em imagens modeladas em barro<sup>158</sup>.

Na sacristia, sobre o arcaz, está um retábulo de talha barroca, com imagens de «Santa Clara» e «S. Bernardo».

## DISTRITO DE SANTARÉM

### Igreja de S. Francisco, Santarém

Franciscanos, província de Portugal

Esta igreja gótica foi reparada no final da década de trinta do século XVIII, tendo então sido destruído um pórtico que pertencia à antiga igreja dos Templários<sup>159</sup>.

### Convento de Santa Clara, Santarém

Franciscano, ramo feminino

Trata-se igualmente de um Convento gótico, onde, segundo notícia do «Mercúrio Histórico de Lisboa», foram abertas, pelo ano de 1745-46, umas janelas mais espaçosas no coro, para melhor o iluminar, e se fez um sobre coro para que as religiosas ouvissem missa com mais comodidade<sup>160</sup>. Estas modificações devem ter sido abolidas pelo restauro efectuado pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que pretendeu repor o edifício na sua pureza primitiva<sup>161</sup>.

### Antigo Convento das Capuchas (Asilo), Santarém

O portal, entre volutas e ornatos barroquistas está datado de 1753, mas conserva alguns azulejos da primeira metade do século XVIII. Na antiga portaria, está um painel com as armas franciscanas. Na sacristia mantém-se um silhar de azulejo de figura avulsa, tipo «estrelinha». Ainda na sala de visitas, está um silhar figurado, representando ermitões<sup>162</sup>. No tecto, tem pintado o brasão real e a

insígnia franciscana. Sobre a antiga "roda", está uma cartouche de azulejos com a legenda: "CARIDADE / E AMOR DE/VINO".

O refeitório está intacto e conserva, além de azulejos azuis e brancos, o púlpito e um painel de "Alminhas", em azulejo, com o dístico: "P.N. AVE Mã. PELAS ALMAS 1750".

No coro, está uma imagem de «Nossa Senhora da Cadeira», em madeira estofada, do século XVIII.

Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da

Caridade, sardoal

Fundado em 1571 por franciscanos, foi adaptado a hospital a partir do século XIX.

A igreja, de uma só nave, tem, do lado do Evangelho, um pequeno revestimento azulejar, de pintura azul, com azuleiros e emolduramento concheado enquadrando um nicho.

A entrada, do lado direito, encontra-se a Capela do Senhor dos Passos, onde se pode ver um silhar de azulejos recortados, em painéis que representam passos da Paixão e azuleiros portadores dos instrumentos de martírio<sup>163</sup>.

## DISTRITO DE LISBOA

Convento de Santo António do Varatojo, Torres Vedras

Franciscanos Missionários

Este convento data do século XV.<sup>164</sup> No entanto,

sofreu remodelações durante o século XVIII, que consistiram em grande parte no revestimento azulejar da nave, capelas e outras dependências. Essas obras continuavam em meados do século, conforme notícia do «Mercúrio Histórico de Lisboa» de 6 de Abril de 1748, que refere as obras efectuadas na casa do capítulo, com esmolas enviadas pelo antigo religioso do convento, então Arcebispo primaz de Goa, D. Fr. Lourenço de Santa Maria<sup>165</sup>.

Quanto aos azulejos, na nave da igreja encontram-se silhares do século XVIII e nichos para confessionários, com azulejos relativos à confissão, representando a confissão do pecador, sua morte, juízo e castigo no inferno.

Na Capela de Nossa Senhora das Dores, existe sobre o arco, uma cartela com a data de 1740. Tem altar de talha rocaille e azulejos setecentistas, azuis e brancos, representando cenas da «Paixão de Cristo». A tela de mármore é de meados do século XVIII.

Na capela-mor, as paredes também são revestidas de azulejos, com cenas da «Vida de Santo António», emolduradas por largas cercaduras; são de cerca de 1715 e atribuíveis ao monogramista P.M.P. O retábulo é de talha, de «estilo nacional», com quatro colunas pseudo-salomónicas, com anjos e aves, e tem ao centro a tela atribuída a Bacarelili

(anterior, portanto, a 1719), que representa «Santo António perante a Virgem que lhe entrega o Menino», obra que juntamente com o tecto da portaria de S. Vicente, são as únicas realizações que até nós chegaram daquele mestre italiano, a que nos referimos noutros pontos deste trabalho.

Na sacristia, encontra-se um arcaz setecentista e azulejos com medalhões envolvidos por largas molduras perspectivadas e curiosas legendas em espanhol.

Na referida Sala do Capítulo, encontram-se azulejos de albarradas do século XVIII e telas, algumas do final do século XVII, com retratos de figuras ilustres na história do mosteiro.<sup>166</sup>

Antigo Convento de Nossa Senhora dos Anjos, Torres Vedras

É um antigo convento franciscano, adaptado a sanatório, de que apenas resta a capela. Esta conserva silhares de azulejo, com barra de folhagens e anjnhos e cartela central. Representam cenas da «Vida da Virgem» e são atribuíveis ao monogramista P.M.P.<sup>167</sup>.

Convento de Barro, Torres Vedras

Trata-se de um velho convento quinhentista de frades arrábidos, hoje adaptado a sanatório.

Na capela-mor, há dois painéis de azulejos do século XVIII, que representam o «Presépio» e a «Visitação», este datado de 1714<sup>168</sup>

Convento de S. Francisco, Alenquer

Foi mandado edificar em 1222 por D. Sancha, filha de D. Sancho I.

No topo da capela-mor, no exterior, existe um nicho datado de 1739, com a imagem de S. Francisco<sup>169</sup>.

Envolvendo a porta da antiga portaria, até à altura do lintel, estão azulejos azuis e brancos, figurados. Segundo José de Queirós, o quadro superior da esquerda representa o «Aparecimento dos Cinco Mártires de Marrocos à infanta D. Sancha» e o da direita, o «Beato Frei Zacarias ajoelhado diante do Crucificado». Para Santos Simões, os

azulejos têm desenho característico dos trabalhos de Policarpo de Oliveira Bernardes.

Numa das capelas do claustro, a porta é guarnecida por azulejos ornamentados com anjinhos, idênticos aos da fachada da portaria.

No exterior, forrando as paredes das rampas da escada, vêem-se ainda azulejos de figura avulsa.<sup>170</sup>

O enquadramento figurativo da porta do convento e os restos do painel no claustro, foram atribuídos a Policarpo de Oliveira Bernardes<sup>171</sup>.

Antigo Convento de Santa Catarina da Carnota (Quinta da Carnota), Alenquer

Trata-se de um antigo convento de frades Capuchos.

Conserva alguns azulejos do século XVIII. Assim, no átrio da capela, vêem-se silhares de vasos e, no seu interior, painéis com cenas da «Vida de Santa Catarina», de cerca de 1715. A abóbada é inteiramente forrada de azulejos da mesma época, representando a «Coroação da Virgem».

No claustro baixo está um silhar proveniente da antiga Ermida, em que se vê uma procissão conduzida por um negro, e também um silhar de vasos e golfinhos. Os azulejos figurados devem datar de cerca de 1730. No claustro superior, estão representadas cenas da «Vida da Virgem» e também uma procissão e uma legenda, contando o roubo de uma imagem. Estão datados de 1727.

Na Casa do Capítulo, os azulejos representam anjos e emblemas franciscanos<sup>172</sup>.

Na quinta, há ainda uma Fonte da Samaritana, revestida de azulejos do século XVIII, que representam várias cenas do Novo Testamento<sup>173</sup>.

#### Convento de Charnais, Alenquer

Tem igreja de uma só nave, com painéis de azulejo recortados, com concheados nos emolduramentos e urnas nas extremidades, representando passos da vida de S. Francisco.

Na capela-mor também surgem painéis de azulejos que devem ser anteriores. A talha dos retábulos e o púlpito têm características já da segunda metade do século XVIII, o que está de acordo com a data da porta: 1760<sup>174</sup>.

No claustro, existem azulejos decorativos, do tipo «albarradas».

As instalações da Ordem Terceira compreendem uma capela, cujas paredes são revestidas por painéis lisos, em cujos centros se representam passos da edificação da Ordem Terceira.

Do lado direito da entrada ficava a portaria, que tinha acesso por um corredor guarnecido de azulejos de figura avulsa, de tipo muito raro, com desenhos centrais de flores, limitadas por círculos, à maneira da azulejaria holandesa.

Numa capela, ao fundo do corredor, vêem-se ainda dois painéis representando milagres franciscanos.

Na Casa do Capítulo, como na escadaria que leva ao piso superior do claustro, estão azulejos de figura avulsa. Santos Simões considera todos estes azulejos anteriores aos meados do século XVIII<sup>175</sup>.

### Igreja do antigo Convento de Santo António, Cascais

Lamentavelmente, esta igreja foi destruída por um incêndio, que afectou grande parte dos seus azulejos, restando apenas os da galilé e do adro.

Na galilé, o silhar de vasos floridos ladeados de anjinhos, serve de espaldar às bancadas. Na parede onde se abre a porta da igreja, está um revestimento figurado, enquadrado por emolduramento barroco, em que já aparece o motivo em «asa-de-morcego». Na parte inferior estão cartelas ladeadas de anjinhos. Os painéis representam «Santo António em glória» e um milagre em que o Santo descobre um anel perdido na barriga de um peixe. Santos Simões situa estes azulejos em 1750, embora um documento refira o fornecimento de azulejos a um convento de Santo António de Cascais, em 1761.

No muro e poiais do adro, estão azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinha». Um azulejo aí existente com a data de 1719, desapareceu<sup>176</sup>.

### Convento de Santo António dos Capuchos, Lisboa

Foi fundado em 1570 pelos Religiosos Capuchos da Província de Santo António, a noroeste do Campo do Curral (Campo Mártires da Pátria)<sup>177</sup>.

No átrio ou galilé, as paredes são revestidas com azulejos figurados de emolduramento barroco. Nas paredes laterais, ladeando as portas, estão «s. DIOGO» e «S. P<sup>RO</sup> DEALCANTARA» e anjos com os instrumentos da Paixão.

Ladeando a porta principal, estão dois painéis, com milagres de Santo António: «Pregação aos Peixes» e «Milagre da Mula», datáveis de 1740.

Das obras feitas no claustro, resta o silhar de vasos e golfinhos, sobre rodapé marmoreado roxo<sup>178</sup>.

#### Convento de Nossa Senhora de Jesus, Xabregas

Este convento foi cabeça da Província dos Algarves da primeira Ordem Franciscana reformada. Um incêndio nos finais do século XVIII destruiu as construções deste século e do anterior.

Por notícia do «Mercúrio Histórico de Lisboa» sabemos que, em Março de 1748, os religiosos deste convento estavam a construir uma "torre de pedraria", idêntica à do Convento da Graça, da mesma cidade<sup>179</sup>.

## DISTRITO DE SETÚBAL

### Convento de Santo António, Alcácer do Sal

Foi fundado em 1524 por D. Fernão Martins Mascarenhas.

A capela-mor, onde estão sepultados os Mascarenhas, é forrada até à sanca, com azulejos do século XVIII, mas de épocas diferentes. A parte inferior, de paisagens separadas por cariátides, é de cerca de 1740. Na parte superior, estão os grandes painéis representando «S. Francisco dando as regras da Ordem» e «Milagre de Santo António», pintura de cerca de 1720, atribuível a um discípulo de António de Oliveira Bernardes.

O interior do arco triunfal tem azulejos da mesma época. Na nave, está um silhar de albarradas, com a parte inferior de acantos<sup>180</sup>.

## DISTRITO DE PORTALEGRE

### Igreja do Asilo de Nossa Senhora da Esperança

(Convento franciscano), Castelo de Vide

No altar-mor da igreja, está um silhar de azulejo azul e branco, de inícios do século XVIII.

A entrada para o convento faz-se por uma portaria do lado esquerdo, decorada com painéis de azulejos do século XVIII, representando «Milagres de Santo António».

Junto à porta para o claustro, está uma «figura de convite», um franciscano de bordão e rosário, convidando a entrar<sup>181</sup>.

### Convento de Nossa Senhora da Estrela, Marvão

Convento franciscano, foi fundado cerca de 1448.

Na fachada, encontra-se uma janela, já do século XVIII, decorada com medalhões, uma estrela e os emblemas da Ordem. No interior, são também do século XVIII os três altares de alvenaria, aí existentes.

A capela colateral, onde, segundo a tradição, apareceu a imagem da Virgem, foi transformada em 1726 e depois em 1772<sup>182</sup>. O tecto é ovalado e as paredes são revestidas com painéis de azulejos, azuis e brancos, com cenas marianas, elucidadas por legendas em latim. Na sacristia estão representados um «Milagre de Nossa Senhora» e um «Assalto à Vila»<sup>183</sup>.

#### Igreja do Convento do Bom Jesus, Monforte

Foi fundada em 1515 e reconstruída, em parte, no século XVIII.

A igreja tem capela-mor e dois altares laterais. Notável é o revestimento azulejar que cobre as paredes até à sanca, de painéis do início do século XVIII, mas mandados ali colocar em 1749 pelo desembargador Plácido de Almeida Moutoso, natural da vila e descendente da família do fundador. Os painéis estão dispostos em duas ordens e representam cenas da «Vida de Santa Isabel, Rainha de Portugal»<sup>184</sup>.

#### Igreja de S. Francisco, Portalegre

Cosntruída em 1275 e alterada nos séculos XVI, XVII e XVIII, actualmente foi profanada. A igreja foi restaurada em 1711, tendo planta em cruz latina, e a fachada conserva a decoração de alvenaria do século XVIII<sup>185</sup>.

Na capela-mor conserva silhares de recortados, de azulejos figurados, azuis e brancos, representando cenas franciscanas. Na parte inferior, estão anjos com medalhões, contendo elementos do martírio<sup>186</sup>.

#### Convento de Santa Clara, Portalegre

Foi fundado no século XIV, mas na primeira metade do século XVIII e em 1797 sofreu profundas modificações. As janelas e frestas são desta centúria.

Ao centro do claustro está uma fonte triangular, em mármore, do mesmo século.

No piso inferior do claustro, debaixo de uma escada de acesso, está uma capela com pinturas murais e a legenda: "*Esta obra se fez no ano de 1749 sendo dignissima Abbê a Rê M<sup>e</sup> Ighes de Santa Clara*".

Na igreja existe ainda um órgão portátil, pintado de vermelho e acharoadado, também do século XVIII<sup>187</sup>.

Igreja do Convento de Santo António, Alter do Chão,  
Portalegre

Foi fundada em 1617, mas sofreu sucessivas modificações e acrescentamentos no século XVIII.

Na fachada, na parte superior da janela central está um grande painel de azulejo representando «Santo António».

No interior, sobre o arco cruzeiro, assenta um baldaquino de talha dourada, com as armas reais, já com motivos concheados de meados do século.

A teia de madeira entalhada é da mesma época e o púlpito tem uma grade de ferro, incompleta, do século XVIII<sup>188</sup>.

Igreja do Convento de Santo António, Sousel,  
Portalegre

Foi fundado em 1605, mas a decoração dominante é da centúria seguinte.

A igreja tem nave única com seis altares laterais; o do Senhor dos Passos e o de Santa Luzia têm talha dourada do começo do século XVIII. Do lado direito, o altar da Senhora da Soledade tem ainda talha da mesma época e o da Senhora do Carmo, um pouco mais tardia, mas ainda da primeira metade do século. Deste mesmo século é o altar da Senhora da Conceição, em mármore branco e cinzento.

O altar-mor é também de talha dourada barroca. As paredes da capela estão revestidas com azulejos azuis e brancos com passos da «Vida de S. Paulo Eremita» e rodapé de albarradas. Tem ainda uma janela fingida em azulejo.<sup>189</sup>

## DISTRITO DE ÉVORA

### Igreja do antigo Convento de Santo António, Estremoz

O convento dos Capuchos ficava nos arredores da cidade, mas dele resta apenas a igreja, em cuja nave se conserva um silhar de azulejos ornamentais, de vasos floridos, separados por jarros.

Sabe-se que existiram azulejos na capela-mor, representando «Milagres de Santo António». Eram painéis recortados, de emolduramento barroco, datáveis de cerca de 1740-50<sup>190</sup>.

### Igreja do antigo Convento de S. Francisco, Estremoz

Tem, na sacristia, um silhar de pintura azul sobre rodapé marmoreado roxo, representando «Santa Isabel da Hungria e o Milagre das Rosas»; «S. Francisco recebendo um peregrino» e «Santa Isabel de Portugal dando dinheiro a um pobre». São azulejos de cerca de 1750<sup>191</sup>.

### Convento de S. Francisco (actual igreja do

Cemitério), Montemor-o-Novo

A igreja tem um silhar de vasos e golfinhos, sobre rodapé de dois azulejos de figura avulsa, de cerca de 1740. O coroamento recortado deve ter sido acrescentado posteriormente, cerca de 1750.

Na Capela da Ordem Terceira, construída no final do século XVII, estão painéis com passos da «Vida de S. Francisco», imediatos à construção da capela, ou seja, dos

primeiros anos do século XVIII. A ligação entre a nave e esta capela é feita por composições figuradas, com molduras com elementos concheados. São azulejos de meados do século XVIII, com cenas da «Vida franciscana» e legendas em latim. De cada lado do arco da mesma capela, estão painéis com franciscanos, de cerca de 1730<sup>192</sup>.

#### Igreja de S. Francisco, Évora

Apesar de construída no século XV, apresenta intervenções importantes do período joanino.

A capela baptismal ostenta uma notável decoração barroca, em que se destaca um friso de talha dourada, com cariátides e volutas, e um tabernáculo suspenso na parede, com colunas salomónicas, com parras e uvas, e a efígie de Jesus na porta. Com estes elementos se combina um revestimento azulejar do século XVIII, com silhar de figura avulsa e um tapete floral azul e branco.

A capela de S. José tem um retábulo do "joanino" final, proveniente da igreja da Graça, com colunas torsas e frontão entrecortado com fachos rococó.

Na capela de Nossa Senhora da Guia, a imagem da padroeira, em nicho com dossel e sentada, com o Menino nos braços, é uma escultura de madeira estofada e policroma da primeira metade do século XVIII. Ainda na mesma capela, em maquete envidraçada, está uma «Santa Ana e a Virgem», também joanina, mas mais tardia.

A capela de Santo António ostenta um retábulo de meados do século, de talha dourada e marmoreada, com colunas de fustes coríntios, decoradas com palmetas e outros elementos vegetais.

O altar da capela de Nossa Senhora das Necessidades, também proveniente da igreja da Graça, tem um pequeno retábulo de talha, com colunas salomónicas, feito entre 1701 e 1712.

A capela do transepto, do lado do Evangelho, inaugurada antes de 1750 pela Irmandade da Penitência da Ordem Terceira de S. Francisco, tem retábulo de talha dourada e policromada, da transição barroco-rococó, que se abre como um pórtico. Colunas berninianas apoiam-se em atlantes; o tímpano de volutas é decorado com anjos esvoaçando ou brincando, virtudes empunhando símbolos do martírio, e um medalhão elíptico, envolvido por querubins, com um baixo-relevo com o Cristo em magestade no acto de abençoar. A tribuna é totalmente forrada de talha e nas paredes laterais tem relevos alusivos ao Calvário. No trono, seis anjos candelários de madeira estofada ladeiam o Cristo, também de madeira. Nas zonas colaterais do altar, sob baldaquinos estão as imagens de roca de «S. Francisco» e «Santa Rosa de Viterbo».

O sacrário também tem colunas salomónicas e um baixo-relevo com «Cristo Salvador». Na capela ainda está uma imagem da «Senhora da Conceição», trazida de Roma.

Azulejos de oficina lisbonense - talvez dos Oliveira Bernardes - de 1735, revestem um terço das paredes, com as armas da Ordem Terceira de S. Francisco e quatro painéis historiados, com barra de brutescos e quimeras.

Na parte superior da capela, talha dos finais do reinado joanino enquadra composições pintadas em tela de formato octogonal, representando santos da Reforma da Penitência.

O arco gótico da capela está igualmente revestido de talha que nasce de bases de mármore embrechados e termina numa cartela amparada por dois querubins, com as armas da Irmandade e o emblema da regra de S. Francisco.

As dependências da Irmandade foram também ampliadas no período joanino, no prolongamento do transepto da igreja e com comunicação com o exterior. É uma sala rectangular, com azulejos com motivos de santos e emblemas da Ordem de penitência, emoldurados por golfinhos, vieiras e flores, obra do primeiro quartel do século XVIII. O altar tem colunas torsas, revestidas de aves e folhagem que se prolongam em arquivoltas concêntricas, obra de cerca de 1725.<sup>193</sup>

#### Convento de Santo António, Redondo

De frades capuchos, este convento foi fundado em 1605, mas a igreja foi reformada no século XVIII.

No cruzeiro do transepto, estão arcos-sólios revestidos de azulejos de figura avulsa, sem cantos. Do lado

do evangelho, está um painel representando o «Milagre da Mula», atribuível ao monogramista P.M.P. e de cerca de 1725.

Ainda na capela da Piedade, o frontal é de azulejos azuis e brancos, com sanefa de franjas e sebastos com carrancas ornamentais; ao centro está uma «Piedade». À volta do corpo da capela um silhar de cestos, com frutas e jarras<sup>194</sup>.

Convento de S. Francisco dos Capuchos, Vila Viçosa

O alpendre tem ao centro as armas reais de Portugal do tipo característico do reinado de D. João V. Embora a sua construção seja do final do século, o pórtico e o rodapé com azulejos de figura avulsa são anteriores. Azulejos do mesmo tipo aparecem no frontal do altar do corredor principal das celas.

Na Sala do Capítulo foram colocados painéis de azulejos da época de D. João V, uns de figura avulsa, outros figurados, representando «Apresentação da Virgem», «S. Francisco de Assis» e «Monges do deserto».

Na capela de Nossa Senhora dos Anjos possui um retábulo azulejar dos últimos anos do reinado joanino, já de estilo rococó.

O claustro tem rodapé azulejar de figura avulsa e uma «Via Sacra», em azulejo recortado envolvido por frescos. Os quatro oratórios aqui existentes têm todos frontais de altar de azulejo azul e branco.

Pinturas parietais do século XVIII conservam-se na Livraria, com sanefas e ornatos barrocos de meados do século, tendo ao centro o medalhão do Espírito Santo.

Na sacristia, estão telas pintadas de carácter popular, representando a «Estigmatização de S. Francisco e Santo António» e a «Coroação da Virgem», também do século XVIII<sup>195</sup>.

DISTRITO DE BEJA

Igreja do Bom Pastor (do antigo Convento de S. Francisco), Serpa

A sacristia possui revestimentos azulejares, sobre rodapé de três azulejos esponjados a azul, tendo barra de folhagens e anjinhos. Representam cenas da «Vida de S. Francisco» e são atribuíveis à oficina dos Oliveira Bernardes (António, com a colaboração de Policarpo) e datáveis de 1720-25. Sobre as portas, está um medalhão com «S. Luis de França»<sup>196</sup>.

## DISTRITO DE FARO

### Igreja de Santo António dos Capuchos, Faro

A primeira pedra foi lançada em 15 de Dezembro de 1620.

O retábulo da capela-mor é de estilo nacional e foi feito no primeiro quartel do século XVIII. Tem duas colunas pseudo-salomónicas separadas por pilastras, colocadas no mesmo plano e prolongando-se no coroamento. Ao centro, a tribuna, que está tapada por tela recente.<sup>197</sup>

No século XVIII, em 1747, segundo se vê no escudete do arco triunfal, foi-lhe acrescentado este arco e os dois altares colaterais. Estes são iguais, excepto nos pormenores relativos às respectivas invocações. Ao centro, está um nicho protegido por baldaquino, ladeado por duas colunas torsas, com anjos e pâmpanos, as quais suportam uma cornija e um frontão, em cujos ângulos esvoaçam anjos. No da esquerda, o tímpano é ocupado por um alto-relevo da Verónica, e, no da direita, está o monograma «Ave-Maria».

No arco triunfal, quatro meninos negros ornam as bases das pilastras. Nas faces exteriores das pilastras, anjinhos alternam com águias, enquanto nas interiores meninos sustentam cestos de frutos, ornamentação que se repete no intradorso do arco<sup>198</sup>.

Mais ou menos contemporâneos da talha são os azulejos. Na nave, há um silhar de taças floridas, tendo ao centro da nave, um vaso recortado. Nas paredes laterais, junto aos altares que ladeiam o arco triunfal, estão grandes

composições, sobre uma base com cartela central com paisagens. Os painéis representam, de um lado, a «Morte de Santo António» e do outro a «Descida da Cruz», baseada em estampa do célebre quadro de Rubens, mas invertida. Estes quadros aproximam-se dos do claustro da Sé do Porto, pelo que foram atribuídos a Valentim de Almeida, sendo de cerca de 1730<sup>199</sup>.

A capela-mor é revestida de azulejos até à sanca, os quais certamente depois do Terramoto, foram deficientemente colocados. Do lado do evangelho, estão passos da «Vida de Santo António», enquanto do lado oposto, em vez de um quadro, está uma janela fingida, enquadrada por volutas. Também em simetria com a porta da sacristia, está uma falsa porta em manganês. Este conjunto deve ser de oficina lisboeta, de cerca de 1740<sup>200</sup>.

#### Antigo Convento de S. Francisco, Monchique

Embora completamente arruinada, ainda conserva alguns silhares de azulejos. Dispersos, estão azulejos de figura avulsa, com cercadura de acantos. No refeitório, está um painel representando a «Ceia de Cristo», muito mutilado, mas de qualidade atribuível ao ciclo dos Bernardes e de cerca de 1720<sup>201</sup>.

#### Igreja do Convento de S. Francisco, Tavira

Do século XVIII, há que salientar a torre sineira, com ventanas de arco de volta perfeita, coroadas por

cornija, que se eleva em frontão segmentar, na parte central, servindo de base a remate bulboso de contorno piramidal, desdobrado em degraus<sup>202</sup>.

No interior, o retábulo de talha dourada pode ser considerado uma variante do estilo joanino, tendo, de cada lado, duas colunas torsas, sem o terço inferior diferenciado, mas decoradas apenas nos sulcos. O remate é feito por um elevado ático, enquadrado por pilastras e volutas, em cujo centro se vê um brasão de armas coroado por querubim, que devia identificar o encomendador. No enfiamento das pilastras, estão dois anjinhos de pé. As colunas são suportadas por pequenos atlantes. A imagem de Nossa Senhora é também do século XVIII<sup>203</sup>.

Nesta igreja, existem ainda doze nichos de talha dourada, datáveis do quarto decénio do século XVIII, ladeados por pilastras com ornamentos de folhagem barroca, terminando em arranques de frontão em forma de voluta e tendo ao centro uma cartela com o nome do santo, sobre a qual assenta uma cornija que suporta duas volutas servindo de base a uma coroa<sup>204</sup>.

### Jerónimos

Esta ordem teve origem em Itália, no século XIV, com Tomasuccio de Sena, que pretendia levar vida eremítica, à imitação de S. Jerónimo. Passados a Espanha e a Portugal, os seus discípulos obtiveram do Papa Gregório XI a aprovação da Ordem, sob o título de S. Jerónimo e seguindo a regra de Santo Agostinho.

Durante as guerras com Castela, no reinado de D. João I, os eremitas portugueses conseguiram do Papa a erecção do Eremitério da Penha Longa em Mosteiro de S. Jerónimo. Em 1448, finalmente, o papa Nicolau V fez deste mosteiro de Penha Longa cabeça de toda a Ordem em Portugal.

Os mosteiros de S. Jerónimo tiveram a protecção da Corte portuguesa, tendo D. Manuel conseguido que o Papa Alexandre VI, em 1496, entregasse a estes frades o Eremitério de Santa Maria de Belém, pertencente à Ordem de Cristo. Aí surgiria o famoso mosteiro que, a partir de 1517, foi cabeça da ordem em Portugal.

Durante o domínio filipino, as congregações de Espanha e Portugal foram unidas, mas depois de 1640 recuperaram os nossos a sua independência.

Entre os mosteiros protegidos pela Corte, conta-se precisamente o de Santa Marinha da Costa, que a pedido de D. Jaime duque de Bragança, passou dos Cónegos Regrantes para os Jerónimos. A partir de 1536, ministraram-se aí cursos de

Filosofia e chegou o mosteiro a ter o privilégio de conceder graus em Artes, Filosofia e Teologia.

Em 1550, mandava D. João III construir em Coimbra um colégio universitário para os Jerónimos<sup>205</sup>.

#### Santa Marinha da Costa, Guimarães

Este mosteiro, fundado pela rainha D. Mafalda, em 1154, foi originalmente doado aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, mas no século XVI, foi entregue aos frades Jerónimos, que empreenderam a reconstrução do mosteiro.

A igreja só foi iniciada em 1748, pelo que apresenta uma fachada rococó. Aqui estão três esculturas de granito, representando «Santa Marinha», «S. Jerónimo» e «Santa Paula».

O interior apresenta também uma decoração em talha rococó, no coro, púlpito e órgão, com decoração de anjos e figuras mitológicas de formas agigantadas.

Do período joanino, é a decoração azulejar. Na escadaria, que liga o claustro à Sala do Capítulo, as paredes estão forradas de painéis recortados, separados por pilastras e representando cenas guerreiras. Na antiga Sala do Capítulo, os azulejos representam alegorias às Artes e aos Elementos. No salão seguinte, há um silhar de cabeceiras lisas, com cenas pastoris, datável de cerca de 1740-50<sup>206</sup>.

O antigo dormitório foi destruído por um incêndio em 1951. Aí se encontravam 50 painéis de azulejos com cenas profanas. Por cima das portas das celas, havia também

sobreportas azulejadas e, numa delas, lia-se a data de 1747. Existem ainda dois painéis recortados na chamada «varanda de S. Jerónimo». Alfredo Guimarães atribuiu estes azulejos a Policarpo de Oliveira Bernardes<sup>207</sup>, artista do qual não se conhece obra assinada ou documentada deste período.

A verdade é que, num manuscrito vimaranense de 1748 se declara que o azulejo da galeria das celas, da varanda, da Sala do Capítulo e da escadaria, era "do melhor de Lisboa"<sup>208</sup>.

#### Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

A escadaria é do século XVIII. A fachada divide-se em três partes, sendo a do Norte ligeiramente saliente, da mesma época. A porta de entrada, que fica na zona central, é enquadrada por composição arquitectónica de meados do século XVIII, com duas colunas colocadas de ângulo, verga curva e as armas portuguesas, envolvidas por ornatos concheados, com frontão ondulado, interrompido. Ladeiam-na dois óculos ovais e encimam-no três sacadas de verga curva com cimalha quadrada e varandas de balaústres.

O claustro também sofreu alterações no século XVIII.

No refeitório, o tecto de estuque, a porta de entrada e as do púlpito são do século XVIII. Teve azulejos que foram retirados e substituídos pelos actuais, com jarrões floridos, vindos dos edifícios hospitalares.

À esquerda do vestíbulo, uma porta dá acesso a um corredor, paralelo à galeria do claustro, que tem um

revestimento de azulejos da primeira metade do século XVIII, com vasos floridos.<sup>209</sup>

Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa

O retábulo do altar de Nossa Senhora de Belém, situado na segunda capela colateral ao arco triunfal, do lado do Evangelho, apresenta um retábulo joanino, de planta convexa, ladeado por colunas salomónicas e coroado por um baldaquino com sanefa, encimado pelas armas reais. Este retábulo foi oferecido ao Mosteiro por D. João V, que era juiz da sua Irmandade.

§

§ Francisco Ildefonso Lameira, "A talha do Mosteiro de Santa Maria de Belém" in Jerónimos. 4 Séculos de Pintura, Catálogo da Exposição, Lisboa, 1992

### Jesuítas

Os primeiros Jesuítas, dos quais fazia parte S. Francisco Xavier, chegaram a Portugal em 1540, no mesmo ano em que o Papa Paulo III aprovava a ordem.

Um dos companheiros de S. Francisco Xavier, Simão Rodrigues, ficou em Portugal e aqui fundou a primeira província da Ordem, que se desenvolveu rapidamente, descendo o seu crescimento para um por ano, no século XVII, e aumentando de novo para dois, no século XVIII. Os seus membros eram, em 1754, 818.

Para além da missionação, tiveram grande importância a nível do ensino, que tornaram público, inaugurando classes de Latim por todo o país.

A partir do final do século XVII, começaram a promover os estudos matemáticos, com duas classes, uma em

Évora, e outra em Coimbra. Também a partir de 1740, deram mais atenção aos tratados científicos incluídos no curso das Artes. O ensino da Matemática alcançou bom nível neste período, com Luis Gonzaga (falecido em 1747), Inácio Vieira (falecido em 1739) e Manuel de Campos (falecido em 1758), que foi professor em Madrid<sup>210</sup>.

### Seminário de Filosofia (Antigo Colégio de S. Paulo), Braga

Foi mandado edificar por D. Frei Bartolomeu dos Mártires para os Jesuítas e na sua posse permaneceu até à expulsão, em 1759.

A igreja integra-se na arquitectura característica da Companhia de Jesus, com uma só nave e altares laterais onde ao longo do século XVIII vão ser colocados magníficos retábulos de talha. É o caso do de Nossa Senhora dos Prazeres, de Marceliano de Araújo, mas modificado por André Soares em 1754, do de Nossa Senhora da Boa Morte, de Luis Vieira da Cruz (1710) ou do de S. Francisco Xavier, de Francisco Ferreira (1730).

Na capela-mor, o revestimento azulejar combina-se com a talha dourada e sublinha a arquitectura. Sobre um silhar ornamental, com cartelas onde se vêem pequenas paisagens, assentam duas grandes composições, em que dominam os fundos de paisagem, uma das quais com duas figuras junto a uma fonte, enquanto na outra estão um pescador e um velho.

Robert Smith atribuiu estes azulejos ao monogramista P.M.P. e a cerca de 1722<sup>211</sup> e a atribuição de Santos Simões é próxima, considerando-os precisamente do mesmo pintor e de cerca de 1720<sup>212</sup>.

#### Sé Nova, Coimbra

Trata-se de facto da igreja que a Companhia de Jesus construiu em Coimbra entre o final do século XVI e o final do século seguinte, e que compreendia também o conjunto dos edifícios do Colégio das Onze Mil Virgens.

Dada a época em que foi terminada, possui diversos elementos decorativos do período joanino.

No transepto, o retábulo do Evangelho tem na parte inferior um nicho alongado, com a «Senhora da Boa Morte», de inícios do século XVIII. De cada lado da capela-mor, há dois retábulos mais pequenos, da mesma época.

Do lado da epístola, a última capela, junto à fachada, é dedicada a Nossa Senhora das Neves. O retábulo é "joanino", com colunas torsas com grinaldas nos sulcos, tendo, no nicho central, a padroeira, em tamanho natural e, de cada lado, «Santa Ana» e «S. Miguel».

A segunda capela do lado do evangelho tem uma imagem da mártir «Santa Comba», também da primeira metade do século.

Na sacristia, estão duas telas com os evangelistas do pintor Manuel da Silva. Do mesmo pintor e do mesmo motivo são outras duas telas que estão no espaldar do cadeiral, acrescento do século XVIII.

O guarda-vento, de madeira entalhada, com folhagens nas pilastras e almofadas e, nos remates, esculturas de anjos, é de princípios do século XVIII.<sup>213</sup>

Há ainda a referir dois sinos da época joanina, um com legendas religiosas e o símbolo da Companhia, datado de 1709, e outro apenas com o símbolo jesuítico e a data de 1748.

### Colégio das Artes, Coimbra

O Colégio das Artes, fundado por D. João III, foi em 1555 entregue à Companhia de Jesus. No entanto, uma parte do edifício, que chegou até nós, é do século XVIII.

No lado sul, o portal de entrada, rectangular, é ladeado por dois pares de colunas dóricas assentes em pedestais. O frontão ondulado é interrompido e, sobre ele, surgem duas figuras alegóricas femininas, tendo a da direita um globo sobre um livro e a da esquerda, um caduceu. Deveria o conjunto ser rematado por um escudo, pelo que está incompleto. Na verga da porta, está a data: "ANNO - 1715".

Conserva-se também o pátio nos seus lados norte e sul, com colunas dóricas assentes em pedestais. As quatro do centro são emparelhadas, assentando num mesmo pedestal. Nos outros dois lados, os intercolúnios são iguais, sendo o do lado poente cortado pela escada.

A Capela tem acesso por um pequeno átrio quadrado, coberto por abóbada de aresta, onde se vê um lambril de azulejo, da primeira metade do século XVIII, representando cenas da vida de S. Francisco Xavier. A porta da capela tem a data de 1720. De cada lado da entrada, duas conchas de mármore róseo são as pias de água benta.

No interior, encontramos uma decoração cara a esta fase do barroco, combinando talha, azulejos, pintura do tecto e pintura sobre tela. A parte inferior das paredes é acompanhada por um banco corrido, assente em mísulas e tendo como espaldar um lambril de azulejos, também da primeira

metade do século XVIII, com cenas da vida de Santo Inácio. De notar que estes azulejos, pela temática representada, obedecem a um programa, com carácter didáctico, pelo que Reynaldo dos Santos os aproximou de outras séries Jesuítas, como os de Santo Antão de Lisboa, ou os da Universidade de Évora<sup>214</sup>.

A parte superior da parede apresenta duas janelas de cada lado (que actualmente não têm luz directa), entre as quais surgem pinturas sobre tela, representando passos da vida de Santo Inácio e de outros santos jesuítas. Por cima das aberturas, sobre-portas em talha dourada, do primeiro terço do século XVIII.

O altar de talha dourada é da mesma época, apresentando quatro colunas torsas, envolvidas por parras e cachos de uvas, e tendo ao centro um grande nicho, onde se encontra uma imagem da Virgem com o Menino.

De cada lado, entre as colunas, estão imagens da mesma época, representando a «Virgem com o Menino» e «S. Miguel», assentes em mísulas e protegidas por baldaquinos com sanefas.

O tecto é pintado com arquitecturas em perspectiva e tem, ao centro, «Judite» e uma legenda alusiva.

Trata-se portanto de um conjunto homogéneo de decoração joanina.

A sacristia é uma pequena divisão do lado direito do átrio. Aí se destaca um arcaz, do primeiro terço do século XVIII, em madeira encerada, com três gavetões centrais e

dois armários laterais, separados por consolas terminadas em bustos femininos, pintadas e douradas. Os espelhos das fechaduras, puxadores e outros elementos decorativos dos armários, em bronze, são de grande qualidade. O espaldar é dividido em panos por mísulas com meninos-atlantes e, nos dois cantos, dois grupos com «Trabalhos de Hércules» - «Hércules e Anteu» e «Hércules matando a Hidra de Lerna». Ao centro, está um Cristo crucificado, protegido por sanefa<sup>215</sup>.

Seminário Patriarcal, Santarém

É a igreja da Companhia de Jesus, que ficou concluída em 1676.

O retábulo da capela-mor é de mármore embutidos, com colunas torsas, e deve-se ao artista milanês Carlos Baptista Garvo, estando datado de 1713. As esculturas são atribuídas a Claude Laprade.

A Capela da Senhora da Glória, do lado da epístola, tem um altar de talha dourada, em que o tímpano tem representada uma cena do Apocalipse, em que é invocado o Livro da Verdade Eterna.

A segunda capela do mesmo lado, de Nossa Senhora da Boa Morte, é obra do artista italiano João Antonio Bellini de Pádua. Tem um baixo-relevo em que é representada a «Ascensão da Virgem», enquadrada por colunas coríntias. Os mármore são ao gosto barroco, de cores diversas: branco, rosa, amarelo e preto. Na prumada das colunas, estão arranques de frontão nos quais se apoiam figuras de anjos; são também anjinhos esvoaçantes que seguram a cartela central no coroamento. Esta obra foi identificada pelo padre de Santarém, Luiz Montez Matozo e foi colocada em 1747<sup>216</sup>.

### Igreja de S. Roque, Lisboa

Construída no século XVI, segundo o projecto de nave única com capelas laterais, caro à Companhia, porque criava um espaço unificado, propício à pregação, proporcionava também transformações pontuais, a nível da decoração das capelas, como aconteceu com a de S. João Baptista (1747), fundação régia que já abordámos<sup>217</sup>.

No entanto, antes desta, fizeram-se outras intervenções durante o período joanino, nomeadamente na Capela de Nossa Senhora da Piedade, que data de 1711, seguida pelas do Santíssimo e de Nossa Senhora da Doutrina, que apresentam, no entanto, certo carácter estereotipado<sup>218</sup>.

Na primeira aparecem, pela primeira vez, modelos que serão desenvolvidos a nível da «talha joanina»<sup>219</sup>. A parte inferior é decorada com mármore embrechados e o retábulo ainda apresenta a estrutura básica do «estilo nacional», com colunas pseudo-salomónicas e coroamento de arquivoltas concêntricas, mas sobre o entablamento surgem volutas terminais; por outro lado, as estátuas gesticulantes de Santa Verónica e S. Longuinhos parecem espectadores da cena central, em que a Virgem segura nos joelhos o Filho morto, concepção teatral cara ao barroco<sup>220</sup>.

A talha invade completamente as paredes da capela, aonde se inserem relicários, e reveste igualmente a abóbada, num pequeno ensaio de «igreja toda de ouro».

Na Capela de Santo António, encontram-se, dois quadros alusivos à vida do santo - «Santo António pregando aos peixes» e o «Santo prostrado diante da Virgem» - que Cirilo atribui ao estilo inicial de Vieira Lusitano, "menos acabado, e mais pintoresco"<sup>221</sup>. Do mesmo pintor são os painéis intermédios da Sacristia, dedicados à vida de Cristo<sup>222</sup>.

São ainda setecentistas algumas imagens existentes na igreja, como o «S. José», «Maria» e «Jesus», da Capela da Sagrada Família, em madeira estofada e policromada.

#### Igreja e Colégio de Santo Antão, Lisboa

A igreja jesuíta de Santo Antão foi fundada no ano de 1613 pela Condessa de Linhares. No entanto, ainda no final do século XVII, as obras prosseguiam e um documento revelado por Ayres de Carvalho e datado de 1696, confirma que o projecto da Sacristia estava entregue ao arquitecto João Antunes<sup>223</sup>.

Sabemos ainda que Ludovice foi contratado em Roma, pelos Jesuítas, para fazer o sacrário da capela-mor desta igreja, obra que interrompeu, em 1701, tendo-a retomado em 1705, e concluído em 1706, embora em proporção mais modesta do que a inicialmente prevista<sup>224</sup>.

As obras da sacristia prosseguiram até aos inícios do reinado joanino, sabendo-se que em 1707 já estava bastante adiantada<sup>225</sup>.

E se João Antunes, falecido em 1712, foi o seu arquitecto, Ayres de Carvalho sugere que o retábulo de mármore, tal como o lavatório, sejam obra de Ludovice<sup>226</sup>, o que não repugna admitir, já que o retábulo apresenta semelhanças com o da sacristia de Mafra, embora aquele nos pareça mais preso a modelos seiscentistas.

Sabe-se também por documentos que os arcazes da sacristia, com as suas ferragens douradas e ornatos escultóricos em bronze, foram iniciados já em 1719 e, embora não seja revelado o seu autor, Ayres de Carvalho atribui a parte escultórica a Claude Laprade<sup>227</sup>. Os arcazes estavam prontos em 1722 e logo se iniciaram os armários dos amitos, terminados em 1724. Finalmente as duas portas da sacristia foram executadas no ano de 1727<sup>228</sup>.

Estas últimas beneficiações têm lugar já depois da chegada dos Padres João Baptista Carbone e Domingos Capasso, a cuja influência se deve a montagem do Observatório astronómico de Santo Antão<sup>229</sup>. No entanto, não devemos ignorar que o Padre Carbone foi também o intermediário das encomendas feitas em Roma para a Patriarcal e Capela de S. João Baptista, pelo que devia ser ele próprio interessado em artes e, certamente, um dos principais dinamizadores das obras realizadas em Santo Antão durante o reinado de D. João V, pelo que, à sua morte, o rei se compromete a mandá-las continuar<sup>230</sup>.

A este período pertencem os revestimentos azulejares, considerados notáveis pela sua unidade, e que

decoram o átrio e escadaria do convento, a Sala dos Actos, e ainda um átrio cujo lado sul entestava com a cabeceira da desaparecida igreja. Estes últimos, no entanto, embora contemporâneos dos outros, revelam artista de menor qualidade<sup>231</sup>.

Todos os autores são concordes em datá-los do final da primeira metade do século XVIII, ou seja, dos anos 40-50, que Santos Simões classificou de fase da «grande produção» que coincide com obras de grande monumentalidade, mas artisticamente inferiores. A verdade é que os azulejos do Colégio de Santo Antão são considerados dos melhores da sua época, pelo que Reynaldo dos Santos os atribuiu a Policarpo de Oliveira Bernardes<sup>232</sup>, artista do qual não se conhece produção assinada destes anos, que medeiam entre 1740 e o seu falecimento em 1778.

Em contrapartida, mais recentemente foi sugerido o nome de Teotónio dos Santos, como autor do conjunto da escadaria, enquanto os silhares do átrio seriam de Nicolau de Freitas<sup>233</sup>, sendo decididamente afastada a hipótese de Policarpo ser o seu autor.

As molduras são características desta década, embora não apresentem ainda elementos *rocaille*: são recortadas na parte superior e enquadradas por pilastras perspectivadas de volutas e acantos, coroadas por urnas. O entablamento desenha uma curva que acentua a sugestão de profundidade.

No átrio da capela, existe um silhar recortado com azulejo historiado, vendo-se cenas marinhas, com bandeiras holandesas.

No átrio principal, estão representadas cenas bíblicas, datáveis, para Santos Simões, de 1740, enquanto na escadaria, que a partir do patamar se bifurca em dois lanços, surgem cenas profanas, de batalhas, navais e terrestres, e caçadas. À esquerda do átrio, houve também uma escadaria com azulejos, de que restam quatro painéis, com cenas pitorescas. Na Sala dos Actos, onde a moldura é recta, as cenas são de carácter didáctico, e alegórico, alusivos ao «Espelho de Arquimedes», à «Geometria» e também cenas de batalhas. Para Santos Simões, estes são de 1720-30 e evocam o trabalho officinal posterior a António de Oliveira Bernardes<sup>234</sup>.

É curiosa, embora não susceptível de ser provada, a hipótese lançada por Reynaldo dos Santos, de que as encomendas para uma mesma ordem religiosa sejam comuns, encontrando assim afinidades entre os azulejos de Santo Antão de Lisboa, do Seminário de Santarém e da Universidade de Évora<sup>235</sup>. Se esse facto não pode ser comprovado a nível de autoria, ele é-o muito provavelmente ao nível do programa iconográfico, cujo carácter didáctico é evidente nos revestimentos das salas de aula da Universidade de Évora.

Não sabemos exactamente a dimensão de todas as obras levadas a cabo durante o tempo em que o Padre Carbone esteve no Colégio de Santo Antão. Não deixa de ser interessante a

informação de Luis Gonzaga Pereira de que o Convento foi feito de novo em 1723<sup>236</sup>, precisamente a seguir à chegada do Jesuíta italiano. A atenção dada à obra de João Antunes parece ter ofuscado o estudo de outros aspectos do edifício, nomeadamente a espectacular escadaria barroca, que pode ter sido revestida de azulejos logo depois da sua construção.

Documentos da época confirmam-nos ainda que, em 1744, estava concluída uma das torres da igreja, e que, em 1745, se fazia uma capela dedicada a Santo Inácio, cujos mármorees vinham de Itália<sup>237</sup>.

Na verdade, segundo João Bautista de Castro, o convento tinha sido renovado e aumentado em "primorosa sacristia, excellentes torres, espaçosos dormitórios e em todas as mais partes, que ornão um magnifico artefacto, tudo por actividade do padre João Bautista Carbone (...) reitor do dito collegio" e falecido a 5 de Abril de 1750<sup>238</sup>.

De referir ainda o projecto de juntar a este o vizinho convento do Desterro, que serviria para os Missionários que se preparavam no Colégio de Santo Antão<sup>239</sup>. Na verdade, os Jesuítas preparavam os seus missionários do Oriente no Convento de Arroios, cuja fundação data de 1701.

Este também conservou decorações azulejares, como as da portaria, que serão de cerca de 1740, de cabeceiras recortadas, com urnas nos extremos. Conservam-se quatro painéis, alusivos à vida de Santo Inácio.

No andar nobre, onde provavelmente funcionava a Aula Magna do Colégio, existe um silhar de azulejos de época

posterior, talvez de 1745-50, e, na antecâmara, apenas os motivos ornamentais das cercaduras e centros de paisagens com pastores. Os da sala narram cenas das vidas paralelas de S. Francisco Xavier e de S. Estanislau Kostka, com legendas em latim<sup>240</sup>.

A ruína causada pelo Terramoto e a posterior adaptação a Hospital, para não falar da destruição da igreja, são factores que nos impedem de ter uma visão clara do que teria sido este Colégio Jesuíta.

O mesmo se poderá dizer do desaparecido Noviciado da Cotovia, fundado em 1705, e no qual funcionou o Colégio dos Nobres, depois da expulsão dos Jesuítas, e que sofreu diversas modificações ao nível da fachada, obra de Carlos Mardel<sup>241</sup>.

Igreja do antigo Colégio dos Jesuítas, Elvas

Na capela colateral do lado da Epístola, existe um pequeno silhar de azulejos de dois tons de azul, com cercadura concheada, com motivos em «asa-de-morcego», em tom mais escuro. Representa uma cena portuária, em que se vê um fidalgo recebendo um cesto de flores e frutos de cerca de uma rapariga. São produção lisboeta de cerca de 1750<sup>242</sup>.

Universidade do Espírito Santo, Évora

Apesar de ser uma construção do século XVI, teve intervenções do período joanino, nomeadamente a fachada da Sala dos Actos (1715-1725). Esta tem acesso por larga escadaria de comunicação com o pátio, que dá para um átrio, na continuidade das galerias claustrais, por três arcos de volta perfeita, com as chaves em forma de mísula canelada e mais amplos que os restantes. A cada arco corresponde uma porta rectangular, sendo a central mais larga e com moldura de recorte barroco, para além da cantaria que envolve o vão; as laterais têm cornija direita sobre a qual assentam igualmente ornatos barrocos. O segundo andar, enquadrado por pilastras jónicas, que assentam nas toscanas do inferior, tem três janelas rectangulares de sacada, com balaústres de pedra, separadas por almofadados de mármore cinzento. O entablamento jónico tem friso liso, também de mármore cinzento, sendo suportado na parte central por duas mísulas barrocas. A cornija apresenta, a nível do coroamento das pilastras e mísulas, zonas salientes, que criam certa movimentação. A parte mais rica é a do coroamento, que apresenta na parte central uma placa quadrangular, onde, em cartela elíptica, se vêem as armas reais, usadas pelo Cardeal D. Henrique, ladeadas por duas meias figuras femininas. De cada lado, volumosas mísulas com acantos suportam o frontão interrompido, curvo, sobre o qual se sentam dois anjinhos que seguram o emblema da Companhia - IHS - em cartela circular. De cada lado, volutas barrocas

escondem a parede inclinada das águas do telhado. No enfiamento das pilastras, sentam-se duas figuras alegóricas femininas, alusivas à magestade régia e pontifícia, uma com o sol e outra com a lua, além do ceptro e báculo<sup>243</sup>.

Ao centro da quadra fica o fontenário, em mármore, feito em 1718, e que era encimado por uma escultura de Minerva.

Importante é a decoração azulejar, sendo os azulejos da galeria do claustro do tipo de vasos e balaústres, completados no enquadramento das portas da Sala dos Actos por «porteiros» ou «figuras de convite», não recortadas. Estes azulejos não serão todos da mesma época, tendo os da portaria a data de 1701 na cercadura; numa das salas, alternam dois tipos de vasos diferentes, ligados por grinaldas<sup>244</sup>. Os que envolvem a galeria inferior do pátio, de modelo mais simples e fácil de repetir, são atribuíveis ao monogramista P.M.P.<sup>245</sup>, que será também o autor das «figuras de convite», que pelo facto de não serem recortadas, e pelo tipo de traje e cabeleira, mostram datar do início do século XVIII, podendo aproximar-se dos azulejos da escada da Irmandade do Corpo Santo, em Setúbal, de 1714<sup>246</sup>.

Os azulejos que decoram as salas de aula são da década de quarenta, entre 1744 e 1749, e atribuíveis a Velentim de Almeida<sup>247</sup>.

Na actual Secretaria e Reitoria, os azulejos historiados estão datados de 1747 e representam as quatro

partes do Mundo e os quatro Elementos, completados pelas quatro Estações, agora em compartimentos separados. Na Reitoria, representam-se paisagens de inspiração holandesa. Na escada está a data de 1746.

A sala 12 apresenta motivos alegóricos cujo significado não é bem claro, mas que pode estar relacionado com a ciência e a indústria, já que num painel está uma máquina de fiação. A sala 11 tem temas relacionados com a Física, nomeadamente os Espelhos de Arquimedes e as esferas de Magdeburgo. A sala 10 seria de Filosofia e Retórica, nela surgindo a Academia de Platão, Sócrates ou o Pórtico de Zenão. Na sala 9 vêem-se temas da «Eneida» e da «Vida de Lavinia e de Camila», relativos portanto às origens de Roma (História Antiga). Na sala 8, é representada a «História de José no Egipto» (História Sagrada) e os azulejos estão datados de 1749.

Na sala 7, em cujo interior também estão dois «porteiros», vê-se a «História de Abraão». A sala 6 é dedicada a personagens da Arcádia e, na sala 5, estão simbolizados os géneros literários.

As salas 3-4 têm representados os 12 meses do ano, figuração usada por vezes com intenções decorativas; o mesmo acontece com a Sala 2, onde figuram caçadas, a 1, datada de 1744, com cenas pastoris, e a sala dos professores, também com caçadas e paisagens.

De qualquer forma, e pelo menos no que se refere talvez às classes mais adiantadas<sup>1</sup>, os azulejos obedecem

claramente a um programa iconográfico pré-estabelecido, e revelando unidade oficial a nível das cercaduras<sup>248</sup>.

A primitiva livraria, que depois foi Aula das Disputas dos Teólogos, foi coberta de abóbada em 1723.

A cozinha, situada junto ao refeitório, foi abobadada cerca de 1724.

Também no corredor da portaria, a abóbada actual deveu-se ao padre reitor Francisco Gomes e foi fechada em 1724, à custa do rendimento da botica.

A torre cruzeira, designada de Panteão, de planta octogonal e iluminada por um lanternim de cúpula semicircular, foi terminada em 1726. Em quatro nichos, estão quatro anjos, em terra-cota policromada, que ostentam as armas de Portugal, do Cardeal D. Henrique, de Cidade de Évora e da Companhia de Jesus. No rodapé, estão azulejos com molduras de remate rococó, representando os «Quatro Elementos», obra de cerca de 1740.

A capela, com excepção da cobertura, é da reforma de 1716, embora se tenha perdido o retábulo.

O tecto da Sala dos Actos e do Refeitório, feito em 1708, era decorado com pinturas a fresco, representando atributos de Minerva e emblemas planetários, símbolos da Justiça e da Mitologia, mas arruinou-se há já alguns anos.

A decoração da Capelinha de Nossa Senhora da Conceição foi feita com os rendimentos da Farmácia. O portal de mármore embrechados é enquadrado por duas colunas toscanas, e encimado por tímpano de aletas, com cornucópias

ondulantes. No eixo, estão as armas da Companhia de Jesus. Esta obra foi feita em 1723.

No interior, estão dois painéis de azulejos com temas relativos a «Esther» e «Judith», dos inícios do rococó e do segundo terço do século XVIII.

O Noviciado, dos inícios do século XVIII, foi guarnecido de azulejos em 1745, sendo os painéis divididos por faixas barrocas, compostas por sanefas e guarnições vegetalistas<sup>249</sup>.

#### Igreja do Colégio do Espírito Santo, Évora

Construída no século XVI, foi enriquecida com novas decorações nos fins do século XVII e inícios do XVIII, obras que prosseguiram até cerca de 1730. Esta reforma deveu-se aos reitores, padres António de Sousa (1708), Domingos Fernandes (1712), António Correia (1718), dr. Frutuoso Correia (1719), Francisco Gomes (1723) e Sebastião Henriques (1727).

Na capela-mor, está uma lâmpada de prata branca, da época joanina, que veio da capela do Seminário.

O altar de Santo António tem retábulo e escultura de cerca de 1715. O de Santa Ana, consagrado em 1721, conserva uma imagem da mesma época, dourada e policromada.

O altar de S. Bento ou S. José tem um retábulo que foi dourado por volta de 1726, com colunas salomónicas e baldaquinos, sendo coroado por entablamento policromo,

sobrepujado por anjos, sobre volutas e grinaldas concêntricas.

O altar de S. Sebastião de risco análogo ao anterior, tem decoração da última época joanina.

Do lado oposto, o altar de Nossa Senhora da Boa Morte tem retábulo de talha dourada e policromada de cerca de 1725, enquadrado por elementos naturalistas e zoomórficos: figuras humanas, atlantes, serafins, aves e quimeras, volutas e ramagens, com legendas latinas. O retábulo é coroado por um medalhão com a «Coroação da Virgem», em baixo-relevo policromo.

O altar do Senhor Jesus Crucificado tem retábulo com apainelados divididos por anjos e colunas salomónicas e data do primeiro período da renovação (1707-8).

O altar do Senhor da Cana Verde possui o mais rico conjunto de talhas e mármore embrechados da igreja. É uma obra de cerca de 1725, em que avultam elementos simbólicos e alegóricos.

O altar do Senhor dos Passos, onde jaz a Marquesa de Fontes, falecida em 1699, data de cerca de 1708 e foi feito a expensas do marido, D. Rodrigo de Sá Meneses. É todo em mármore policromo, com retábulo de colunata salomónica, rematado por anjos, e é obra de mestre Pedro Carreira (falecido em 1709), talvez espanhol. A grade que fecha o altar é da mesma época.

O retábulo de Santo Inácio é do barroco joanino, com baldaquino e colunas salomónicas e contém alegorias jesuítas. É de cerca de 1715.

A Irmandade do Senhor dos Passos possuía uma lâmpada de prata cinzelada, com ornatos vegetalistas, oferecida pelo 12 Marquês de Abrantes cerca de 1715<sup>250</sup>.

#### Real Colégio de Nossa Senhora da Purificação

(Seminário Maior), Évora

A capela tem retábulo, que assenta em mesa de mármore embrechados, é um exemplo de "talha joanina" de meados do século XVIII, constituído por colunata salomónica revestida de folhagem e frontão com dossel de pingentes. O crucifixo do altar é trabalho italianizante da mesma época<sup>251</sup>.

Casa Professa de S. João Evangelista, Vila Viçosa  
(freguesia de S. Bartolomeu)

As portas de madeira, com pregaria de estanho, são de 1713, data que se vê no espelho principal.

No ano de 1735, um sino rachou e teve de ser refundido à custa da confraria, sob a direcção de Solano Riva e Pedro de Azevedo Marques. Na outra torre, há três sinos, sendo o maior e o mais pequeno pagos pela congregação inaciana em 1742, e foram encomendados a Augusto Marques da Silva e seu filho Jacinto Marques, fundidores de Portalegre. O sino médio é de 1735.

No interior, grande parte das capelas foi decorada no período joanino. A de Santa Quitéria tem um retábulo barroco arcaizante, feito pelo mestre Bartolomeu Gomes, entre 1723 e a Páscoa de 1725, pela quantia de 160000 réis. Ao centro está uma tela da época, de carácter popular, representando o «Martírio de Santa Quitéria»; nos alçados, estão outras duas telas, com «Santo Inácio» e «Nossa Senhora do Pilar». O tecto é de apainelados murais, com ornatos, anjos e quimeras.

A Capela de Santa Ana tem retábulo de talha de finais do reinado joanino, anunciando o rococó. A imagem da santa em madeira estofada é da mesma época. Em mísulas laterais, estão «S. Luis Gonzaga» e «S. Joaquim». Nos alçados pinturas sobre tela, com molduras de talha dourada, representam «Veneração da Virgem por Santa Ana e S. Joaquim»

e «Morte de Santa Ana». São de carácter popular e de cerca de 1740.

No cruzeiro da igreja estão os púlpitos, de mármore branco, de caixas quadrangulares, iguais, mas um do século XVII e outro de 1734.

Na capela-mor, estão azulejos de oficina lisbonense, de meados do século XVIII, com albarradas e grinaldas, perfeitamente adaptados à arquitectura. O retábulo é de talha dourada, feito pelo artista local Bartolomeu Gomes em 1726-27, pela quantia de 72000 réis. O douramento do retábulo e a encarnação dos anjos atlantes e ceroférários foi contratada a 16 de Maio de 1735, com os pintores-douradores locais, Domingo Gonçalves e Bento Charrua. O retábulo é de quatro colunas salomónicas, sendo fechado no tímpano por composição em que o emblema IHS é ladeado por anjos, quimeras, meninos e duas virtudes. O sacrário é da época, sendo sustentado por duas figuras vestidas ao gosto profano. O frontal é também de talha, com motivos florais, aletas e volutas.

Do património da igreja fazem parte três tamboretas, seis castiçais rococó e uma cruz processional joanina, com marca de Guimarães<sup>252</sup>.

### Igreja do Colégio da Companhia de Jesus, Portimão

O retábulo da capela-mor desta igreja, de estilo nacional, é obra do escultor e entalhador algarvio Manuel Martins e data de 1717. É um retábulo formado por duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por uma pilastra na qual se insere uma imagem, estando as colunas colocadas em plano decrescente e prolongando-se nas arquivoltas do coroamento. Na tribuna central, está o sacrário e o trono. Nos pedestais que suportam o conjunto, atlantes policromos, característicos deste escultor. É ele também o autor dos dois retábulos colaterais, realizados em 1718 e 1719, em cujo contrato os responsáveis pedem que ele os fizesse "com aquela perfeição de talha que ele costuma fazer as suas obras e fez o retábulo da capela-mor do mesmo Colégio"<sup>253</sup>. Estes retábulos são enquadrados por uma única coluna pseudo-salomónica, que se prolonga no coroamento, acompanhando a abóbada. No tímpano, pilastras com volutas enquadram o emblema IHS entre ornatos barrocos. O nicho central é também enquadrado por duas pequenas colunas pseudo-salomónicas e tem de cada lado duas imagens sobre mísulas. Todas as colunas são suportadas pelos característicos atlantes policromos<sup>254</sup>.

### Lóios

Esta congregação também é conhecida por Cónegos Azuis, devido à cor do seu hábito, e Cónegos de S. João Evangelista. Foi fundada no segundo quartel do século XV, por mestre João Vicente, médico de D. João I e do Infante D. Pedro. Os fundamentos da Congregação foram lançados precisamente em Vilar de Frades. Foi o arcebispo de Braga, D. Fernando, que lhes concedeu este mosteiro, tendo o papa Martinho V autorizado a concessão do hábito a mestre João Vicente e a seus companheiros, segundo a regra de Santo Agostinho.

Problemas diversos, que não cabem no âmbito desta notícia, levaram, em 1462, à transferência da casa-mãe da congregação para Lisboa e à mudança do título de Cónegos de S. Salvador de Vilar de Frades para Congregação de S. João Evangelista de Xabregas. Tinha sido a rainha D. Isabel, mulher de Afonso V, que deixara em testamento bens para transformar o ermitério de S. Bento de Xabregas, pertencente ao Mosteiro de Alcobaça, em casa da congregação com o título de S. João Evangelista, doação confirmada pelo Papa.

A fundação da casa de Xabregas outras se seguiram, nos séculos XV, XVI e XVII, em Évora, Porto, Arraiolos, Coimbra, Lamego e Vila da Feira.<sup>255</sup>

De notar que durante a primeira metade do século XVIII, a maioria destes conventos foi enriquecida com notáveis decorações azulejares. Não podemos esquecer, para

além dos que abaixo referimos, por se integrarem na época joanina, os Lóios de Arraiolos, que foram em 1700 decorados com azulejos assinados por Gabriel del Barco<sup>256</sup>.

Igreja do Mosteiro de Vilar de Frades, Barcelos

É um antigo convento beneditino que no século XV passou para os frades evangelistas. Nos séculos XVII e XVIII, foi um dos mais ricos mosteiros da região.

A igreja é de nave única com capelas. É precisamente em duas capelas do lado da Epístola, que encontramos notáveis revestimentos azulejares, assinados e datados. Na Capela das Almas, do lado direito está: *Nicolau de Freitas a Pintou*, enquanto do lado esquerdo se lê: *Bartholomeu Antunes a fes em Lixê no anno de 1.7.3.6..*

Na última capela, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, também se encontra um revestimento total, com painéis representando a «Natividade» e a «Adoração dos Magos»: *"Bartholomeu Antunes / a fes em Lxê nas olarias / no anno de 1742"*<sup>257</sup>.

Mas além destes azulejos, Santos Simões alertou para a existência de outros, que se encontram nas capelas laterais do lado do Evangelho, com longas inscrições referentes aos santos que representam. Aquele investigador considerou estes azulejos, de menor qualidade artística, mas importantes por serem de inícios do século XVIII e talvez de fabrico nortenho<sup>258</sup>.

### Igreja do Convento de Santa Cruz, Lamego

Este convento foi fundado, em 1596, pelo Dr. Lourenço Mourão Homem, que o doou aos frades lóios, que aqui se instalaram em 1632.

O convento é actualmente ocupado por um quartel. Conserva-se a igreja, com retábulos de talha dourada e azulejos do século XVIII.

Na parte conventual, apenas há azulejos na escada que conduz do claustro ao primeiro andar: é um silhar de azulejos de figura avulsa, tipo «estrelinha», com barra de folhagens azuis. A figuração está na diagonal, adaptando-se à inclinação da escada; são de Lisboa e dos inícios do século XVIII.

A capela-mor da igreja é decorada com azulejos de temática profana, representando jardins e grupos de fidalgos. Na parte superior, entre as janelas, em painéis de moldura barroca, estão os «Quatro Evangelistas». São azulejos de cerca de 1735, atribuíveis ao ciclo de Bartolomeu Antunes.

No transepto, do lado do evangelho, servindo de espaldar à arca tumular do Bailio Manuel Pinto da Fonseca, está um paramento cerâmico, com cenas da «Vida de S. Bento». Ao centro, na parte inferior, está o brasão de armas dos Pintos, Manueis, Coutinhos (ou FONSECAS) e bordadura de castelos; sobre este, anjos trombeteiros seguram uma tarja onde se lê: «ANNO DE 1727 LAMEGO». Santos Simões atribuiu-os a Policarpo de Oliveira Bernardes.

Do lado oposto, junto ao túmulo de João de Brito e Vasconcelos, que faleceu em 1718, está outra composição azulejar, com as mesmas dimensões, representando «Milagres de Santo António». São azulejos de oficina lisbonense e de cerca de 1730<sup>259</sup>.

### Igreja do antigo Convento dos Loios, Évora

Embora remonte ao período gótico-manuelino, esta igreja possui um notável revestimento azulejar do período joanino. Este cobre inteiramente as paredes, entre os pilares manuelinos. Representam passos da «Vida de S. Lourenço Justiniano», o fundador da Ordem de S. João Evangelista, estando o último painel assinado e datado: "*Antonius ab OLiva fecit 1711*"<sup>260</sup>. São envolvidos por largas barras de encordado, laçaria e flores, albarradas alternando com balaústres e crianças com cestos à cabeça, e ainda querubins e águias. Pela sua qualidade e bom estado de conservação, estes azulejos constituem um importante marco no estudo da obra de António de Oliveira Bernardes, então no auge da sua carreira.

No corpo da nave, existiam quatro capelas com altares de talha dourada dos inícios do século XVIII, retiradas em 1957-58.

A capela do Santíssimo, transformação em 1749, da capela tumular de D. Manuel de Melo, tem altar de talha desta época, dos inícios do rococó.

No coro, está, desmontado um órgão de 1730-32, feito à custa do reitor Padre António Bernardo Silva.

No centro do pavimento do alpendre, está a sepultura de D. Diogo de Anunciação, arcebispo de Cangranor, que faleceu a 28 de Outubro de 1713. A pedra tumular mostra o brasão eclesiástico e a águia bicéfala coroada, envolvida por paquife barroco.

O edifício do convento tem fachada principal construída entre 1749 e 1754, de gosto classicizante.

Os dormitórios também foram renovados no segundo quartel do século XVIII, tendo no grande uma janela onde se vê a data de 1737. O corpo seguinte e a galeria de nove arcos que deita para o quintal superior, , foram iniciados pelo Padre Mestre Lourenço Justiniano, em 1739 e terminados já em 1757, como se lê numa tabela inscrita numa chaminé da empena da cozinha<sup>261</sup>.

### Oratorianos

Esta congregação foi fundada em Roma, em 1564, por S. Filipe Néri. Um século mais tarde foi introduzida em Portugal pelo Padre Bartolomeu do Quental, de acordo com o modelo romano.

Um dos principais objectivos desta ordem era a importância dada ao estudo. Talvez por este motivo - e dado o monopólio dos Jesuítas no campo do ensino - teve certa dificuldade em implantar-se.

A primeira fase da sua existência, desde a fundação até aos inícios do reinado de D. João V, foi de multiplicação das sedes através do país, tendo-se implantado no Porto, em Braga, Viseu, Freixo de Espada à Cinta e, ainda, Goa e Pernambuco.

A segunda fase, de luta pela supremacia dura até ao terramoto de 1755, coincidindo *grosso modo* com o reinado joanino. Instalaram-se em Lisboa, no Convento do Espírito Santo, e, a partir de 6 de Maio de 1750, na Casa das Necessidades, que lhes foi dada por D. João V e à qual já fizemos larga referência neste trabalho. Aqui dispõem de excelente biblioteca, gabinete de ciências, aparelhagem científica e tipografia própria.

A ascensão dos Oratorianos não se fez sem conflitos, um dos quais foi a pendência que tiveram com a freguesia de S. Nicolau para o alargamento da sua casa do Espírito Santo (1730) e também a questão da precedência na procissão do Corpo de Deus (1731).

No terramoto ruiu a sua casa do Chiado e eles concentraram-se então nas Necessidades<sup>262</sup>.

Convento dos Congregados do Oratório de S. Filipe

Néri (Câmara Municipal - Registo Civil), Estremoz

O edifício, na maior parte construído entre 1697 e 1698, conserva alguns exemplares de azulejos do século XVIII, sendo os do corredor e refeitório, ainda anteriores ao período joanino.

No andar superior do Colégio está o chamado «Oratório do Arcebispo», em homenagem ao arcebispo de Évora D. Luis da Silva (1691-1703), fundador do Colégio. Esta capela está decorada por um revestimento azulejar da autoria de Manuel dos Santos, que os pintou no Verão de 1706, tendo sido aplicados ainda em Setembro pelo ladrilhador Brás Barradas, conforme documentos descobertos por Túlio Espanca<sup>263</sup>. Estes azulejos representam santos eremitas, cada um identificado por uma inscrição. São importantes na medida em que contribuem para o melhor conhecimento da obra do pintor Manuel dos Santos, já objecto de uma monografia<sup>264</sup>.

Ainda no Convento, na entrada, escadaria e sala de distribuição do primeiro piso, estão azulejos com cenas da vida de «S. Filipe Néri» e caçadas e batalhas<sup>265</sup>.

## Ordens Militares Religiosas

### Ordem de Avis

#### Igreja do Convento de S. Bento de Avis

Sofreu algumas modificações importantes em 1711. A fachada principal, que deita para um largo, tem pórtico simples, de frontão quebrado com duas pirâmides e, ao centro, o escudo das armas de Portugal. Está datado de 1711.

Um janelão com as ombreiras quebradas completa a fachada, que é rematada por uma varanda sobreposta, com balaústres, encimada por um pináculo com a cruz da Ordem.

No interior, sobre as capelas do transepto e sobre as laterais, rasgam-se amplas janelas, do século XVIII, com balaústres e parapeitos.

As duas capelas do transepto são da invocação de S. Bento ou do Senhor dos Passos, e do Coração de Jesus (anteriormente do Carmo) e também foram modificadas no decorrer do século XVIII.

Do lado do Evangelho, a capela de S. Pedro possui altar de talha do século XVIII; a segunda capela tem, no nicho central, maquineta do século XVIII, com a imagem de Nossa Senhora da Orada.

A seguir ao antigo claustro, está um edifício reconstruído em parte nos séculos XVII e XVIII.

Do património do convento, faz parte uma estante de pau santo, com labores e decoração, de meados do século XVIII, que está no coro superior; e uma coroa grande de Nossa Senhora, do começo do século XVIII.<sup>266</sup>

### Ordem de Cristo

No Convento de Cristo, em Tomar, encontram-se alguns azulejos do período joanino. É o caso da Capela dos Portocarreros, acessível pelo Claustro do Cemitério, onde se encontram onze painéis historiados, de princípios do século XVIII, com cenas da vida de Cristo e da Virgem<sup>267</sup>.

Na Sala de Visitas, anexa à Portaria Real, está um painel de azulejos azuis e brancos, com albarradas ladeadas por pequenos leões, evocando a porcelana chinesa, de princípios do século XVIII<sup>268</sup>.

Ainda na sala que foi museu da extinta «União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo», está um painel de azulejos azuis e brancos, representando ao centro, em cartela elíptica, o «Baptismo de Cristo» com moldura de ornatos barrocos<sup>269</sup>.

### Colégio de Tomar, Coimbra

Desapareceu totalmente. Embora tivesse sido iniciado em 1561, a igreja só veio a ser inaugurada a 8 de Maio de 1713, dia em que a benzeu o bispo-conde, D. António de Vasconcelos e Sousa<sup>270</sup>.

### Ordem de Malta

Na Portela do Extremo, junto à fronteira com a Galiza, no Alto Minho, existe uma capela, edificada em 1741 pelos Cavaleiros de Malta<sup>271</sup>.

### Ordens Terceiras

São instituições para-conventuais, em muitos aspectos artísticos próximas dos conventos, que ou tiveram sede nas igrejas das ordens a que estavam ligadas - de S. Francisco ou do Carmo - ou construíram casas próprias, que aqui trataremos.

#### DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, Ponte de  
Lima

Esta igreja data de 1745<sup>272</sup>.

#### DISTRITO DE BRAGA

Igreja dos Terceiros de S. Francisco, Braga

Foi iniciada em 1690, mas só se concluiu muito mais tarde.

As paredes da capela-mor são revestidas de azulejos historiados, assinados e datados: "*Nicoleo de Freytas a fes no anno de 1734*"<sup>273</sup>.

Na década de quarenta, de acordo com o «Mercúrio Histórico de Lisboa», construía-se o convento: em 1747 estavam prontas as paredes do dormitório, que tinha trinta janelas de celas, sendo quatro de sacada e duas varandas, terminando tudo num mirante.

Este mirante ainda estava em conclusão no ano de 1749, mas era considerado "magnifico". De acordo com outra

notícia do referido periódico, a obra orçava em sessenta mil cruzados<sup>274</sup>.

## DISTRITO DO PORTO

### Hospital dos Terceiros de S. Francisco, Porto

De acordo com o «Mercúrio Histórico de Lisboa», este hospital ficou terminado a 26 de Maio de 1743, tendo-se então realizado uma procissão para aí colocar as imagens do Senhor e a Cruz do Santo Lenho<sup>276</sup>.

### Capela dos Terceiros de S. Domingos, Porto

Esta capela foi colocada sob a protecção da rainha D. Maria Ana de Áustria em Outubro de 1744, e por isso puseram sobre o póstico da capela o escudo da mesma rainha, facto que foi festejado com repiques de sinos e iluminações, a que se seguiram festejos durante oito dias.

No entanto, a escolha do escudo levantou problemas, pelo que o mesmo foi retirado e substituído por outro, em que as armas da Rainha coexistiam com as da Ordem.

O caso ainda não ficou por aqui, já que os Religiosos Dominicanos tentaram embargar a obra, o que, na verdade, acabaram por não conseguir.

Toda esta polémica nos chegou através do «Mercúrio Histórico de Lisboa»<sup>277</sup>.

DISTRITO DE AVEIRO

Capela da Ordem Terceira de S. Francisco, Aveiro

Ver: Franciscanos, Convento de Santo António, Aveiro

Tem um corpo azulejado com silhar de pintura azul, datável de cerca de 1745-50.

A figuração inclui o «Trânsito de S. Francisco», o «Encontro de S. Francisco com Santo António», além de figuras de romeiros e ermitões<sup>278</sup>.

## DISTRITO DE VISEU

Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo e

Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, Viseu

A igreja do Carmo foi construída entre 1733 e 1738, sendo decorada com altares de talha dourada e um silhar de azulejos, com moldura lisa e enquadramento concheado, representando cenas profanas, nomeadamente de portos com navios ou pastoris, de fabrico lisbonense, de cerca de 1745-50. Na capela-mor, de planta octogonal, os azulejos guarnecem as portas laterais, em composições ornamentais, concheadas e com anjinhos<sup>279</sup>. O tecto, pintado por Pascoal Parente, é já da segunda metade do século XVIII<sup>280</sup>.

A sacração teve lugar a 13 de Abril de 1738, sendo seguida por tríduo festivo, e por mais quatro dias de festas, com touros, cavalhadas e fogo de artifício<sup>281</sup>.

A primeira pedra da Igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, situada junto ao Convento de Santo António, foi lançada a 9 de Abril de 1746, pelo bispo D. Julio Francisco de Oliveira<sup>282</sup>, mas a igreja só viria a ser concluída em 1763.

A fachada mostra influência de Nasoni. A capela-mor é oitavada, com retábulos de talha já da segunda metade do século XVIII, tal como os azulejos de cercadura policroma, com cenas franciscanas, que decoram a nave da igreja<sup>283</sup>.

Na verdade, a fundação destas duas igrejas está de certo modo relacionada.

A Ordem Terceira de S. Francisco tinha sido instalada na Catedral, em 1557, donde passou para a Misericórdia, em 1596. Mais tarde, passou para uma capelinha do Convento de Santo António de Maçorim, até que, em 1729, se levantou uma grande dissensão entre os frades e os irmãos terceiros, que se mudaram para a capela de Santa Cristina.

Entretanto, em 21 de Maio de 1733, chegou a Viseu o P.<sup>e</sup> Mestre Fr. João de S. Tiago, carmelita, e logo no dia 24 lançou o hábito da Ordem Terceira do Carmo a mais de 120 pessoas, na Capela de Santa Cristina. Nos dias seguintes, o facto foi celebrado com festas e procissões de acção de graças.

Resolveram então os confrades fazer um templo mais amplo, para substituir a capela de Santa Cristina e arremataram logo as obras de pedra por 5 mil cruzados. Para conseguirem fundos, foram os mesários pedir de porta em porta e, em oito dias, juntaram 300 mil réis. Só o Cabido da Sé lhes deu mais de 3000 cruzados. Assim a igreja estava terminada a 13 de Julho de 1738, como referimos, vindo a ser ampliada no fim do século XVIII, com nova frontaria e duas torres. Fica no actual largo Alves Martins.

Logo os irmãos Terceiros de S. Francisco decidiram fazer um templo que em nada fosse inferior ao do Carmo. Em 1740, obtiveram do Cabido a doação da capela de Nossa Senhora da Vitória, com intenção de a ampliarem, mas depois fizeram a igreja e a casa no Campo de Maçorim ou passeio de D. Fernando, conservando a Capela da Vitória.

O bispo D. Júlio Francisco de Oliveira ajudou a construção da igreja e fez à sua custa o adro e a bela escadaria, onde pôs as suas armas<sup>284</sup>.

## DISTRITO DE COIMBRA

### Sacro, pontifício e real Colégio de S. Pedro da Ordem Terceira da Penitência de S. Francisco, Coimbra

Embora actualmente o seu portal esteja voltado para o terreiro, encontrava-se originalmente virada para o exterior, junto à Porta Férrea. Data de 1713 e deve ter sido construído porque os Colegiais pretendiam demonstrar a sua supremacia relativamente ao vizinho Colégio de S. Paulo.

A configuração do portal inspira-se nos retábulos de talha, sendo enquadrado por dois pares de colunas assentes em pedestais, em que as do meio, em posição avançada, foram substituídas por cariátides. É coroada por frontão curvilíneo, com terminações em voluta, sobre o qual assentam duas estátuas, da «Esperança» e da «Caridade». Na parte plana, tinha um letreiro em latim, já desaparecido. Em vez do brasão real, tinha os de Paulo III e Pio V, os papas que tinham confirmado as doações do fundador, D. Rodrigo de Cavalho. Este brasão foi substituído por ordem do Marquês de Pombal, pelas armas reais.<sup>285</sup>

### Colégio de S. Pedro dos Religiosos Terceiros,

Coimbra

O edifício do Colégio é do princípio do século XVIII, embora a fachada seja mais tardia.

A escada de quatro lanços tem alisar de azulejos de figura avulsa, tendo um do último lanço, gravado, já depois

da cozedura: "FINIS / LAVS DEO /1707", data do acabamento da colocação.

O claustro é pequeno, com cinco arcos em cada lado, também do século XVIII.

O refeitório tem três janelas de cada lado, em forma de óculo oval e porta de verga ornamentada. Sobre o refeitório, está uma sala da mesma época, com quatro janelas sóbrias.<sup>286</sup>

Capela de Nossa Senhora da Conceição, de Terceiros  
de S. Francisco, Coimbra

Adere pelo topo à igreja do Mosteiro de S. Francisco (desafectada).

A 26 de Setembro de 1739, o provincial autorizou que a Ordem Terceira mudasse para a Capela de S. Pascoal Bailão, a primeira do lado do Evangelho, a seguir à entrada e, no ano seguinte, a 4 de Fevereiro, lavrou-se a escritura. Lançou-se a primeira pedra para o seu prolongamento para o exterior a 9 de Março desse mesmo ano e a obra foi concluída e inaugurada a 28 de Dezembro de 1743.

A capela não era mais do que um extensão da anterior e não tinha porta para a rua, fechando por uma grade de ferro. O átrio corresponde à antiga capela da igreja conventual. A nave tem abóbada de arestas, dividida em duas secções por um arco toral apoiado em mísulas arquitravadas. É iluminada por duas janelas de cada lado.

O arco da capela-mor é envolvido por sanefa de talha dourada e policromada, com motivos concheados.

A capela-mor é também coberta por abóbada de aresta com janelas e por baixo, três nichos desadornados.

O altar-mor, de talha dourada e policromada é da segunda metade do século. 287

## DISTRITO DE SANTARÉM

### Convento de Nossa Senhora de Jesus, Santarém

Religiosos Terceiros de S. Francisco

Trata-se da igreja do Convento de Nossa Senhora de Jesus, do sítio, actualmente conhecida por Igreja do Hospital do Jesus Cristo.

A igreja foi fundada em 1592, decorrendo as obras entre 1615 e 1649, sendo obra de arquitecto desconhecido, característica do «estilo chão»<sup>288</sup>. Sabe-se ainda que teve grandes obras em 1722.

Debaixo do coro, está um fresco datado de 1723.

Segundo notícia do «Mercúrio Histórico de Lisboa», em 1746, estavam em construção os claustros da mesma igreja<sup>289</sup>.

Na Capela da Ordem Terceira de S. Francisco, anexa à Igreja do Hospital de Jesus Cristo, destaca-se a decoração azulejar, composta por seis painéis grandes e quatro mais pequenos, entre as portas e altares laterais. Estão representados temas franciscanos, elucidados por legendas em latim, que alternam, nos painéis estreitos, com figuras alegóricas: «CHARIDADE» e «OBEDIENCIA», do lado do Evangelho; «FACIENCIA» e «ORACAM», do lado da epístola.

Abaixo dos painéis, está um friso ornamental, vendo-se, sob o painel da «Estigmatização de S. Francisco», uma batalha naval entre navio português e turco, este a afundar-se (alusão à batalha de Matapan?).

Estes azulejos são atribuídos por Santos Simões ao monogramista P.M.P. e a cerca de 1720.

Na parte superior das paredes, está um conjunto de dezasseis telas setecentistas, com molduras de talha barroca, alusivas aos santos da Ordem Terceira.

Nas capelas laterais há um silhar, de cada lado do altar, com anjos de corpo inteiro em tamanho natural, mas de épocas diferentes (1730 e 1740). Há ainda azulejos de figura avulsa e de vasos e golfinhos<sup>290</sup>.

Nos altares, estão imagens de madeira, estofadas, também do século XVIII.

Ordem Terceira do Carmo, Tomar

Esta ordem foi novamente fundada nesta cidade, em 1743, sendo o facto assinalado pela colocação de uma imagem da Virgem na igreja de Santa Maria dos Olivais, tendo-a depois conduzido, em procissão solene, para a igreja da Misericórdia, onde ficou até que se lhe erigisse uma nova igreja<sup>291</sup>.

## DISTRITO DE LISBOA

### Igreja de Jesus ou Nossa Senhora das Mercês, Lisboa

O edifício primitivo remontava ao século XVII e pertencia ao convento franciscano das Terceiras de Jesus. Embora tenha sofrido muito com o Terramoto e tenha sido posteriormente reconstruída, ainda conserva alguma coisa do período joanino.

Além dos púlpitos joaninos, que não foram dourados, há a referir os retábulos dos altares situados nos topos do falso transepto, dedicados a «Nossa Senhora do Patrocínio» e a «S. José», executados por um entalhador designado por Robert Smith como Mestre de S. Francisco, activo entre 1735 e 1745<sup>292</sup>. Estes altares apresentam um enquadramento de colunas salomónicas, colocadas de ângulo, a que interiormente se associam pilastras decoradas com mísulas e outros ornatos barrocos. No coroamento, um frontão segmentar borbominesco termina em volutas com concheados e recebe ao centro um baldaquino. O retábulo assenta num fundo de talha, em que pilastras sobrepostas suportam uma cornija na qual assenta um ático com as armas, encimado por uma concha e envolvido por volutas e folhagens barrocas.

Já Santos Simões chamara a atenção para os azulejos que revestem a casa de passagem do corredor para a sacristia, então parcialmente tapados e que atribuiu a António de Oliveira Bernardes, situando-os cerca de 1715<sup>293</sup>.

O revestimento, que cobre a abóbada e uma das extremidades da sala, compreende vários painéis com cenas e

simbologia mariana. Trata-se de uma notável composição barroca, pela sua monumentalidade e complexidade dos elementos que integra, sendo de destacar a sugestão de volume quer a nível dos emolduramentos, quer pelo tratamento escultórico das figuras<sup>294</sup>.

DISTRITO DE SETÚBAL

Ordem Terceira de S. Francisco, Setúbal

Possui painéis de azulejos azuis, em silhares recortados, representando cenas marianas. Santos Simões data-os de 1720, o que nos parece improvável dado tratar-se de painéis recortados<sup>295</sup>.

## DISTRITO DE PORTALEGRE

### Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, Elvas

A sua construção foi iniciada em 1701 e durou, numa primeira fase, até 1719, tendo-se gasto nela 9500 cruzados. Depois do terramoto, ainda se fizeram acrescentos, pelo que o pórtico tem a data de 1761.

A fachada tem remate recortado, encimado por cruz de mármore. Sobre o pórtico apoia-se uma janela com frontão, tendo no peitoril, entre volutas, um medalhão com os emblemas da ordem franciscana. No corpo da torre, abre-se outra porta de verga curva e frontão, também com os emblemas franciscanos. A torre é coroada por cúpula de alvenaria e quatro pináculos. À direita, o edifício prolonga-se numa série de construções, entre elas uma de dois pisos, tendo o superior janelas de sacada com grades de ferro forjado e pequenos frontões de granito.

A igreja é de uma só nave, com capela-mor e quatro altares laterais, todos completamente revestidos de talha dourada, com figuras, aves, folhagens e emblemas que preenchem todo o espaço e envolvem as colunas, e ainda nichos, tronos, arcos e baldaquinos.

Nas paredes, existe um silhar de azulejo azul e branco com rodapé policromo.

O coro assenta num arco de volta abatida e tem balaustrada de mármore. Também de mármore e madeira torneada é a teia da capela-mor. Aqui se encontra uma lâmpada de

prata, com as armas portuguesas cinzeladas, de meados do século XVIII.

Na sacristia, está um arcaz com três corpos e dois armários, nicho central e espaldar. Aí se encontram três sacras de prata cinzelada, de cerca de 1740, decoradas com querubins, festões e anjos. A sacra central está decorada com «S. Lucas» e «S. Marcos» ladeando o texto; no cimo, está o Cordeiro Místico e em baixo um medalhão com emblemas franciscanos. As outras duas têm um medalhão com «S. João Evangelista» e «S. Mateus».

Na sala do Consistório, está um relevo, com «S. Francisco recebendo os estigmas».

Anexo está um pátio com cisterna e, em redor, bancos com azulejos<sup>296</sup>.

#### Igreja da Ordem Terceira, Monforte

Está situada junto ao Convento do Bom Jesus. É um edifício do século XVIII, com fachada enquadrada por cumieiras de granito e encimada por frontão. O pórtico é de verga horizontal com ombreiras duplas. De cada lado da fachada, duas torres estão unidas sobre o frontão com uma galeria de três arcos, servindo de sinetas. As torres terminam em cúpula baixa sobre pedestal octogonal com pequenos corachéus. No interior a nave é coberta por abóbada de berço. A talha do altar é já de fins do século XVIII<sup>297</sup>.

## DISTRITO DE ÉVORA

### Capela da Ordem Terceira de S. Francisco, Évora

As paredes desta capela são revestidas de azulejos e telas com cenas historiadas. O retábulo do altar, de talha dourada e policromada, é enquadrado por colunas salomónicas e tem um coroamento ornamental.

Possui um silhar de azulejos, com cercadura de golfinhos, representando cenas franciscanas de Terceiros, com ermitões e jardins.

Na capela do transepto, estão quatro painéis de cerca de 1725-30, representando, além de um anónimo, Giraldo Maltês, Roberto Malatesta, Gualter, bispo de Treviso, cujas acções são esclarecidas por legendas em português. São atribuíveis ao monogramista P.M.P.<sup>298</sup>.

### Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, Mourão

No frontão, está a data de 1740.

Os azulejos guarnecem a capela-mor e a nave.

Na primeira foram as paredes laterais e a do fundo, dos lados do altar, sobre fundo marmoreado. Na parte inferior, estão emblemas franciscanos e, na superior, santos. Os da nave são já de 1770-80<sup>299</sup>.

### Igreja de Santo António, Vila Viçosa

No ano de 1748 aqui se instalou a Confraria de Nossa Senhora do Carmo.

Igreja de Santo António, Vila Viçosa

No ano de 1748 aqui se instalou a Confraria de Nossa Senhora do Carmo.

A igreja já tinha sofrido algumas intervenções no período joanino. Um sino de bronze fundido, tem a inscrição: "1723-1724 . REX + IOANES + V +".

No interior, o arco triunfal foi ampliado no tempo de D. João V, tendo duplo emolduramento de alvenaria, com ornatos a fresco, de que escapou o escudo régio, com a data de 1727. Mais acima, até à cornija, a parede é preenchida com pintura a fresco, de carácter popular, representando milagres de Santo António, possivelmente da mesma época. Ornatos barrocos perspectivados encimam a fresta do lado norte.

O retábulo de talha, de 1707, apresenta ainda as características da época de D. Pedro II<sup>300</sup>.

## DISTRITO DE FARO

### Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, Loulé

O retábulo da capela-mor é de estilo nacional, tendo sido realizado em 1724 pelo escultor João Amado. Posteriormente, foi alterado o fecho do mesmo retábulo e, numa terceira intervenção, construiu-se o trono e envidraçaram-se os nichos laterais. O sacrário em forma de pelicano, resulta do aproveitamento da talha que revestia outros altares desta igreja<sup>301</sup>.

### Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, Pera

O retábulo da capela-mor é uma versão algarvia do estilo joanino, em talha policroma, em que predominam dourados e vermelhos. Duas colunas salomónicas, separadas por nichos com estátuas, constituem o enquadramento. O coroamento é formado por dossel vermelho e dourado, com cortina, enquadrado e sustentado por anjinhos. O baldaquino existente na tribuna assim como a decoração dos alçados da capela e da cobertura, são já do período *rocaille*<sup>302</sup>.

### Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, Faro

A Ordem Terceira de S. Francisco de Faro foi criada no século XVII, tendo a primeira pedra da igreja sido lançada a 15 de Agosto de 1679. As obras, feitas à custa de esmola, foram lentas, pelo que a igreja só estaria terminada em 1717, data a partir da qual se processaram as decorações acessórias<sup>303</sup>. Essa igreja, na verdade uma capela com uma só

nave, tinha orientação oposta à actual. Depois do terramoto de 1755, o retábulo do altar-mor foi colocado, pelo entalhador Dâmaso Franco, na parte correspondente à anterior porta de entrada<sup>304</sup>.

Conserva-se, da primeira metade do século XVIII, o revestimento azulejar e a cornija de talha dourada. O retábulo de talha apresenta características do "joanino" e combina-se de maneira perfeita com os azulejos que cobrem as paredes e abóbada, onde a parte central também foi refeita depois do Terramoto.

A estrutura do retábulo apresenta semelhanças com o da igreja do Carmo, na medida em que também aqui ele corta os ângulos da capela-mor, criando um recorte poligonal. Estes cantos são enquadrados por colunas salomónicas policromas, em que só estrias, sulcos e capitéis são dourados, e terminam em arranques de frontão segmentar, que, na parte exterior se parecem adaptar mal ao novo espaço; sobre estes, sentam-se anjos também em talha policroma. O coroamento acompanha o arco da abóbada, mas aqui já não aparecem aquivoltas torsas, mas grinaldas, com três querubins na chave. Ao centro, o sacrário e o trono, terminando numa coroa de raios dourados, são cobertos por dossel com sanefa. O encanto desta talha está na policromia, no uso de um azul muito pálido, que se combina com o dourado e joga com o azul e branco do azulejo.

O revestimento azulejar já levantara dúvidas a Santos Simões, que considerara quatro épocas, a última das

quais post-terramoto. Assim, os mais antigos seriam os do transepto, com cercadura de acantos simples, historiados, mas sem nenhuma composição completa; situam-se no primeiro quartel do século XVIII. A abóbada da capela-mor, com excepção da parte central, é atribuída por Santos Simões a Policarpo de Oliveira Bernardes, ainda com intervenção de seu pai, António, em figuras como a «Verdade» e a «Justiça». Finalmente, os azulejos com santos das paredes da capela-mor serão de cerca de 1740<sup>305</sup>.

Mais recentemente o revestimento azulejar, feito entre 1720 e 1730, tem sido atribuído a Policarpo de Oliveira Bernardes<sup>306</sup>. Nos pendentés da abóbada estão representados o «Nascimento de Jesus», «Santo Agostinho», a «Visitação», «S. Jerónimo» e a «Anunciação»; sentadas estão figuras alegóricas da «Justiça» e da «Medicina», de um lado; do outro, está a «Adoração dos Magos», «S. Gregório Magno», «Apresentação no Templo», «Santo Ambrósio» e «Pentecostes» e, sentadas, as figuras alegóricas da «Arquitectura» e da «Hospitalidade»<sup>307</sup>.

Nas paredes da capela, alternam santos da Ordem, com quadros da «Vida de S. Francisco», de que os maiores representam «O beijo do leproso» e a «Morte de S. Francisco». No cruzeiro, ainda continuam os painéis com cenas da vida do Santo e, na parede da porta - certamente para aqui transferidos - estão outros dois quadros: «S. Francisco amparando a igreja» e «O santo rolando-se nos espinhos»<sup>308</sup>.

Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Faro

Ordem Terceira do Carmo, 1713/19 - 1747

Esta é uma das mais notáveis igrejas joaninas construídas fora da capital, justificando-se a sua importância por se situar em Faro, então capital do reino dos Algarves, e por ter sido patrocinada inicialmente, pelo bispo D. António Pereira da Silva. A primeira pedra foi lançada em 1713<sup>309</sup> e, em 1719, já a igreja estava pronta, sendo a trasladação da imagem da Virgem feita a 15 de Julho, numa magnífica procissão<sup>310</sup>. A planta da igreja deve-se ao Padre Fr. Manuel da Conceição, arquitecto carmelita, que para o efeito se deslocou a Faro, orientando a escolha exacta do local e as obras<sup>311</sup>.

A planta é do tipo que se vulgarizou em Portugal a partir da segunda metade do século XVI, de nave única com capelas ou altares laterais, capela-mor profunda e púlpito a meio da nave.

A fachada da igreja é, no entanto, bastante posterior, já do final do período joanino, existindo ainda no templo um projecto assinado por Tavares, ou seja, Diogo Tavares e Ataíde, mestre da oficina de pedreiros que maior importância teve na região<sup>312</sup>. A data do projecto é de 1747 e a sua comparação com a fachada actual permite verificar as alterações e aumentos que a mesma sofreu a nível do último andar e das torres. O desenho mostra também que estes mestres pedreiros algarvios estavam a par do que na altura

se fazia em Lisboa, mostrando influência de desenhos borrominescos na composição das molduras das janelas.

Comparando o desenho<sup>313</sup> com a fachada, verifica-se que a parte do corpo da igreja original não incluía o último andar da fachada e que as torres também são diferentes, não só mais elevadas, acompanhando esse alteamento, mas também com outro desenho, já que as primitivas tinham os janelões mais largos e eram enquadradas por volutas, em vez das actuais pilastras.

A fachada tem certa monumentalidade, com cinco panos definidos pelas três aberturas do corpo central e dois correspondentes às torres, enquadrados por pilastras dóricas, com o respectivo entablamento terminando em cornija saliente, na qual assenta a sineira, actualmente com um corpo intermédio, onde, na torre norte, surge um relógio. As torres têm acesso directo por portas rectangulares, coroadas por frontão segmentar com tímpano decorado e enquadradas por cantaria com almofadados, que corresponde aos pedestais das pilastras. Sobre a porta, um pequeno óculo circular, que não existe no desenho primitivo. Acima, uma janela de sacada apoiada em mísulas, com coroamento em arco abatido e frontão triangular curvo.

O corpo principal tem ao centro o portal rectangular, associado ao janelão superior. De cada lado da porta, colunas com o terço central torso, coroadas por pináculos em forma de pinha. Sobre a porta, o janelão em arco de volta perfeita, com cantarias onduladas, rematado

por frontão triangular curvo, em cujo tímpano se vê o escudo do Carmelo, que no projecto original estava acima da janela, onde está hoje um óculo.

De cada lado da porta, estão dois nichos coroados por baldaquinos e apoiados em mísulas, vazios no projecto e, actualmente com as estátuas de «Santo Elias» e «Santa Teresa»<sup>314</sup>. Sobre cada um dos nichos, está uma janela de arco de volta perfeita, com cantaria recortada e frontão curvilíneo. No enfiamento destas três janelas do primeiro piso, estão três óculos elípticos quadrilobados, dispostos verticalmente; no projecto inicial, o óculo central era substituído pelo escudo, como acima dissémos, e os dois óculos estavam colocados horizontalmente.

No coroamento central da fachada, onde hoje se vêem três janelas de cantaria recortada, pintadas a ocre amarelo, e uma balaustrada direita, também pintada, existia um nicho com a imagem da Virgem com o Menino, inserida num frontão segmentar decorado com grinaldas e tendo prolongamentos nos quais assentavam fogaréus. Uma balaustrada fazia a ligação do nicho às torres.

Notável é a decoração interior desta igreja a nível da talha dourada, que se situa entre o período joanino e o rococó.

Estes retábulos têm características regionais, pelo que não se enquadram directamente nos esquemas em que se integra a talha do centro e norte do país. Ela é obra dos mestres Gaspar, que fez o risco do retábulo-mor, e Manuel

Martins, os quais trabalharam até cerca de 1741<sup>315</sup>. Este mestre é responsável pela execução do retábulo-mor e pelo de Santa Teresa, sendo os restantes executados, após a sua morte, à imitação deste último.

Quem entra na igreja tem a noção de que a capela-mor é totalmente forrada de talha, já que o é o arco de triunfo e as pilastras em que este se apoia, como também o são as duas janelas de cada lado do altar. Abaixo e de cada um dos lados, está um cadeiral joanino, com sete cadeiras.

Curiosa é a composição do retábulo, que dá à capela planta poligonal, ao cortar os ângulos do fundo com revestimento de talha, enquadrado por colunas salomónicas, e onde se inserem nichos com estátuas: em baixo, «Santo Elias» e «Santo Eliseu», e, em cima, «S. Telésforo» e «S. Dionísio»<sup>316</sup>. A tribuna, em arco de volta perfeita, é totalmente revestida de talha, tendo ao centro o trono que suporta a imagem da Virgem. De cada lado da tribuna, dois andares de colunas salomónicas, sendo as superiores, mais pequenas e delgadas, coroadas por anjos policromos. O exterior do retábulo é igualmente rematado por dois andares de colunas que se prolongam numa arquivolta remanescente do "estilo nacional". No tímpano do arco e envolvendo a parte superior da tribuna, um revestimento de talha, do qual se destaca um medalhão circular com a «Coroação da Virgem», suportado por anjos. Anjos policromos suportam igualmente a mesa do altar.

O altar de Santa Teresa, totalmente revestido a talha, apresenta como todos os desta igreja, que lhe seguem o modelo, uma moldura de talha com pilastras torsas, semeadas de meninos e suportadas por atlantes policromos. Toda a parte superior é composta por folhagens enroladas, com medalhão central e um anjo no coroamento.

Importante é actual capela de S. José, que era da invocação de S. Vicente Ferrer e foi mandada construir por legado testamentário aos mestres Tomé da Costa, Francisco Xavier Guedelha e João Baptista, no ano de 1750, à imitação do retábulo fronteiro, de Santa Teresa. O arco é de 1751 e é o primeiro caso de aplicação, no Algarve, de elementos característicos do *rocaille*, com os concheados e assimetrias típicas deste estilo<sup>317</sup>.

Os outros retábulos que utilizam estipites em vez de colunas, são já mais tardios e provavelmente da autoria de Miguel Nobre, que trabalhava na igreja em 1779<sup>318</sup>. Seguem, no entanto, o esquema dos primeiros.

Na Sacristia desta igreja, há ainda a destacar o conjunto de nove imagens esculpidas, colocadas em nichos e relativas à Paixão de Cristo. Eram destinadas à Procissão do Triunfo promovida por esta Ordem Terceira na Quaresma e foram feitas em 1731 por Manuel Martins e encarnadas por Clemente Velho de Sarre<sup>319</sup>. Contribuem para nos dar uma ideia do que seriam os andores nas procissões faustosas da época barroca e ao seu ar sangrento e dolorido não será estranha a influência da vizinha Andaluzia. Clemente Sarre é

também o autor provável das pinturas de ornatos barrocos do tecto da Sacristia, em que apenas variam os motivos dos pequenos medalhões centrais<sup>320</sup>.

A Casa do Despacho e a do Arquivo têm pinturas da mesma época e na primeira, existe um oratório com pinturas sobre madeira, datado de 1720.

Nas dependências da igreja situa-se ainda uma curiosa Capela dos Ossos.

Entre outras preciosidades, existem na igreja um paramento de lhama branca bordada a ouro, oferta do Cardeal D. José Pereira de Lacerda, bispo de Faro entre 1716 e 1738; uma coroa de Nossa Senhora, de prata e pedrarias e um resplendor idêntico; finalmente um missal encadernado em veludo chapeado de prata, anterior a 1712<sup>321</sup>.

### Paulistas

Já nos referimos a esta Congregação de S. Paulo da Serra de Ossa, que teve a sua origem precisamente no Alentejo.

#### DISTRITO DE COIMBRA

##### Colégio de S. Paulo I Eremita, Coimbra

Era o colégio universitário dos antigos eremitas da Serra de Ossa, à qual foi concedida licença para este estabelecimento por provisão de 27 de Setembro de 1779, confirmando outra anterior, de D. João V, de 1745.

O edifício, do último quartel do século XVIII, ficou incompleto<sup>322</sup>.

#### DISTRITO DE LISBOA

##### Igreja de Santa Catarina, Lisboa (Paulistas)

É uma igreja do século XVII, cuja decoração abrange o período joanino.

A igreja é de nave única, com altares laterais, todos eles decorados com retábulos de estilo nacional, de cerca de 1708<sup>323</sup>.

A capela-mor foi decorada por ordem de Frei Pedro da Soledade Caldas<sup>324</sup>, com auxílio da Irmandade do Santíssimo Cristo.

Em 13 de Junho de 1726, foi estabelecido um contrato entre Santos Pacheco e o reitor do Convento de S. Paulo Eremita, para execução das "cadeiras do coro do dito convento com seus respaldos empainelados e pilares entre as

mulduras dos painéis", segundo documento publicado por Ayres de Carvalho<sup>325</sup>. No entanto, e por razões que se desconhecem, este contrato não chegou a ser outorgado.

Cerca de ano e meio mais tarde, a 29 de Dezembro de 1727, e precisamente na cela de Frei Pedro da Soledade Caldas, foi estabelecido novo contrato com Santos Pacheco, para "fazer o retabolo da cappella mór da Igreja do dito Convento e caza da tribuna com seo trono e Ilharguas da dita Cappella", no prazo de ano e meio<sup>326</sup>. O mesmo retábulo seria decorado em 1730. Estava assim justificada a semelhança entre este e o retábulo da Sé do Porto.

O retábulo dos Paulistas é o primeiro que usa, em Lisboa, a coluna salomónica de tipo berniniano, ou seja, aquela que tem o terço inferior estriado e os dois terços superiores decorados nos sulcos por grinaldas de flores. O retábulo é monumental, tendo o trono mais elevado de Lisboa<sup>327</sup>. No coroamento, dois anjos sustentam uma complicada tarja repleta de motivos de origem romana. Nas mísulas que sustentam as colunas, vêem-se quatro atlantes, cujas expressões mostram o esforço realizado de forma teatral. O sacrário é ladeado por colunas salomónicas em miniatura e contém dois nichos com as imagens de Santo Antão e Santo Abedão, além de um baixo-relevo com «Cristo Ressuscitado», na porta. Segundo Robert Smith, este sacrário tornou-se típico do estilo joanino em Lisboa<sup>328</sup>.

Ainda na igreja dos Paulistas, vamos encontrar pinturas de Vieira Lusitano, que ali esteve refugiado, entre

1730 e 1731, depois de levar um tiro do cunhado. Pintou então «Multiplicação dos Pães», «Moisés no Deserto» e "os famosos Eremitas para o Cruzeiro da sua Igreja"<sup>329</sup>.

Excelente é também o órgão da igreja dos Paulistas. Tal como nas Sés de Évora e Faro, aparece colocado num dos lados, junto à balaustrada do coro<sup>330</sup>. A caixa é de talha dourada, imitando bronze. O coreto, com balaústres, apoia-se numa grande mísula, onde se sentam pequenos anjos músicos e três, maiores, tocando trombetas francesas. O órgão propriamente dito é enquadrado por anjinhos cantando e, no coroamento, surgem outros tocando violões, trombetas e outros instrumentos.<sup>331</sup>

Há ainda a mencionar o conjunto de azulejos historiados da portaria, com cercadura de anjinhos e folhagem e representando cenas da «Vida de S. Paulo Eremita». Santos Simões atribuiu-os à oficina de António de Oliveira Bernardes, com intervenção do mestre, e datou-os de cerca de 1718<sup>332</sup>; mais recentemente, foram atribuídos a Policarpo de Oliveira Bernardes, com possível colaboração do monogramista P.M.P., a nível das cercaduras<sup>333</sup>.

Grande parte dos melhoramentos realizados neste convento durante a primeira metade do século XVIII, deveram-se à iniciativa de um dos seus membros, Frei Pedro Caldas, que segundo o «Mercúrio Histórico de Lisboa», quando da sua morte, em 1744, ainda lhe legou a quantia de setecentos mil cruzados<sup>334</sup>.

## DISTRITO DE ÉVORA

### Convento de Nossa Senhora da Luz, Borba

Velho eremitério dos frades paulistas da Serra de Ossa, conserva parte das primitivas construções e respectiva decoração azulejar.

Na capela-mor da igreja, sobre um fundo de padrões, destacam-se quatro painéis, representando cenas da «Vida de S. Paulo eremita», explicadas por legenda em latim. Enquadram-se no estilo do monogramista P.M.P. e parecem próximos de 1720-25.

Na abóbada da capela-mor, está um medalhão representando a «Coroação da Virgem», em pintura sobre a massa e datado de 1714, o que poderia fazer supor que os azulejos eram mais antigos<sup>335</sup>.

### Convento de S. Paulo da Serra d'Ossa, Redondo

Este convento foi ampliado no século XVII, e, no seguinte, foi enriquecido com uma magnífica colecção de azulejos, de oficinas lisbonenses.

No átrio, estão azulejos ornamentais, de vasos.

Na parte superior e na capela-mor, vêem-se painéis com «eremitas» e «os quatro evangelistas».

A porta é revestida lateralmente com figuras alegóricas. A escadaria apresenta um silhar corrido, com cercadura de flores e anjinhos; os centros mostram passos da «Vida de Jesus» e «Milagres de Santo António».

No corredor das celas, o alisar é recortado e tem painéis alusivos a «José no Egipto» e a Jesus.

Ao fundo do corredor, está um pátio forrado de azulejos do mesmo tipo, com a «Vida de Tobias».

No Convento Novo, na primeira sala, está um silhar do mesmo tipo do das escadas, com «Eremitas da Serra d'Ossa». Vê-se também o pai dos eremitas, «Santo Antão», com legenda extraída de Santo Atanásio.

No corredor do Convento Novo, mantém-se o mesmo tipo de painel, iniciando-se aqui a representação da «Vida de José no Egipto».

Na casa de água, outro revestimento figurado mostra cenas com frades da Serra d'Ossa.

Na escada de cima, há um alisar com caçadas e no corredor, paisagens, datáveis de cerca de 1730. Na portaria, o alisar é de cerca de 1720. Na arrecadação, está figurado o «Cântico dos cânticos».

Estes azulejos foram originalmente atribuídos a Oliveira Bernardes ou ao seu ciclo oficial, embora se considerasse que alguns poderiam ser do monogramista P.M.P.<sup>336</sup>. A este artista foi atribuído, mais recentemente, o revestimento da nave da igreja<sup>337</sup>.

DISTRITO DE BEJA

Igreja do Convento Paulista de Nossa Senhora da  
Consolação, Serpa

Esta igreja foi edificada nos finais do século XVII a expensas de Manuel Fialho, capitão dos mares da índia.

Além de azulejos de moldura policroma, certamente da segunda metade do século XVIII, representando «Nossa Senhora da Graça» e «S. Paulo Eremita», circundando o arco triunfal - datado de 1750 e assinado "FRX da Lu<sup>Cam</sup>" - está uma guarnição de azulejos de pintura azul, com medalhões, enquadrando temas paulistas, com a respectiva legenda: «S. GENS», com o brasão da Ordem, «S. MATHEUS ESCANDEI», «S. JOÃO DE CASTRO», entre outros<sup>338</sup>.

## DISTRITO DE FARO

### Igreja do Convento de S. Paulo, Tavira

A sua fundação remonta a 1606, data em que os frades paulistas ou eremitas de Santo Amaro vieram estabelecer-se no convento anexo, já desaparecido.

A Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, sita nesta igreja, é do período joanino. O retábulo e o arco foram contratados em 1730, com o escultor e entalhador algarvio Gaspar Martins<sup>339</sup>. Não foi dourado e enquadra-se no "estilo nacional", com duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por pilastras às quais se adossam esculturas sobre mísulas e prolongando-se nas arquivoltas do coroamento. O enquadramento exterior é idêntico aos das capelas da igreja do Carmo de Faro, com uma decoração que se desdobra em três andares, separados por cornijas salientes e com anjos nas extremidades e no coroamento do eixo central. O efeito barroco é aqui particularmente conseguido pelos diferentes planos que se desdobram das pilastras exteriores ao fundo da tribuna, onde está a imagem de Nossa Senhora do Carmo, de autor desconhecido, mas com certo carácter barroco, pela agitação das roupagens; também do século XVIII, mas mais estáticas são as imagens de madeira policroma, representando um «Santo Papa» e «Santa Teresa».

A Capela das Almas do Purgatório também era administrada pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo<sup>340</sup>. De talha igualmente não dourada, evoca ainda o estilo nacional, enquadrada por pilastras decrescentes,

entre as quais surge uma coluna pseudo-salomónica. O coroamento, ainda em arquivoltas, ostenta um emblema na chave dos arcos e o tímpano decorado com motivos barrocos.

É atribuível ao entalhador Manuel Martins e de cerca de 1716. Em vez da tribuna ou de uma tela, apresenta um painel de talha relevada, alusivo ao tema das Almas, do qual se destaca uma edícula, onde se encontra uma imagem de S. Tomás de Aquino, do século XVII.

Uma segunda Capela dedicada às Almas é obra do entalhador castelhano Domingos Lourenço, que residia temporariamente em Tavira, quando em 1720 fez o contrato para a realização deste retábulo<sup>341</sup>. Pelo que a obra demonstra, sofreu influência da talha portuguesa, apresentando aqui uma solução integrável no "estilo nacional", com duas colunas pseudo-salomónicas, entre pilastras, que se prolongam nas arquivoltas do coroamento. Ao centro, fechando a boca da tribuna, uma tela pintada<sup>342</sup>. A imagem de «S. Miguel Arcanjo» é também do século XVIII.

O retábulo da Capela de Nossa Senhora do Rosário, em talha não dourada, como todos os outros referidos, é também do primeiro quartel do século XVIII e enquadra-se no "estilo nacional", apresentando duas colunas pseudo-salomónicas decrescentes, separadas por pilastras, situação que se prolonga no coroamento. A imagem da Virgem é também do século XVIII<sup>343</sup>.

### Trinitários

Esta ordem foi fundada no século XII por S. João da Mata e S. Félix de Valois e dedicava-se à redenção dos cativos. Teria chegado a Portugal pouco depois, com os cruzados. O seu primeiro convento foi precisamente o de Santarém, e o mosteiro de Lisboa deve ter sido iniciado logo em 1218, por D. Afonso II.

No século XV, atravessaram uma crise, porque lhes retiraram os privilégios sobre a recolha de meios para a redenção dos cativos, mas em 1498, o Papa Alexandre VI restituiu-lhes esses direitos. Também foram abrangidos pelos projectos de reforma das ordens religiosas, de D. João III.

Entre os seus conventos, estão o de Lousa, próximo de Torre de Moncorvo, o que D. Catarina mandou construir em 1562, junto da Universidade de Coimbra, e ainda os de Alvito, Lagos e Setúbal, construídos nos séculos XVI, XVII e XVIII.

As religiosas, chamadas Trinas, dedicavam-se sobretudo à educação de Meninas, nos conventos de Santarém, Lisboa, Campolide e Braga.

O Papa Clemente XIII aprovou ainda a Ordem Terceira dos Trinitários, distinguindo-se, pela sua importância, as casas que possuíam no Porto e em Lisboa<sup>344</sup>.

## CONVENTO DA SANTÍSSIMA TRINDADE, SANTARÉM

Foi em Santarém que esta ordem teve a sua primeira casa, como dissemos, no tempo de D. Afonso II. Já em tempo de D. João III, a igreja ficou arruinada com um terramoto, tendo o rei ordenado a sua reedificação e alargado os domínios do convento. As obras foram concluídas em 1554.

No final do século XVII, já de novo o edifício ameaçava ruína, vindo a ser destruído em 1696, mas logo em 1703 foi iniciada a sua reconstrução.

Duas fontes principais existem para a história deste edifício, ambas escalabitanas: Luis Montês Matoso<sup>345</sup> e Inácio da Piedade Vasconcelos<sup>346</sup>.

O primeiro afirma que foi no ano de 1711, sendo ministro do convento Fr. José de Payva, que se iniciou o corpo da igreja, coberto por abóbada, com um grande cruzeiro com duas capelas, e na nave, cinco de cada lado. A abóbada fechou-se junto ao coro na segunda-feira, dia 17 de Março de 1738.

Inácio da Piedade Vasconcelos, que escreve em 1740, informa que a igreja tinha sido destruída há quarenta anos, o que corresponde sensivelmente ao final do século XVII, e que no seu lugar se erguia uma nova igreja, que já estava construída até à cimalha real, toda em cantaria e de uma só nave.

Segundo o mesmo autor, além da igreja foi construído um dormitório e um refeitório. No momento em que escrevia, e por a igreja ainda não estar acabada, era a portaria que

servia de igreja, o que prejudicava as cerimónias, já que, apesar de ser grande como portaria, era limitada como igreja.

Quanto ao claustro, pertencia ao convento velho; existia, além disso, uma cerca murada e um poço de água, que alimentava uma horta.

O «Folheto de Lisboa», que segundo toda a probabilidade foi redigido também por Luis Montês Matoso, a partir de 1740, dá notícias detalhadas da evolução das obras e da sagração da igreja, que teve lugar a 18 de Novembro de 1740<sup>347</sup>, com uma procissão solene e iluminações, nos dias seguintes, em todos os conventos da cidade.

O Terramoto de 1755 causou alguns estragos na igreja, que no entanto foi reparada. Em 1919, servia de arrecadação geral ao regimento de artilharia nº 3<sup>348</sup>.

Depois, em 1955, o convento foi demolido para a construção do edifício da Escola Prática de Cavalaria, dele apenas restando uma torre-sineira<sup>349</sup>.

## ARQUITECTURA SOB O DOMÍNIO DAS ORDENS RELIGIOSAS NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Não são numerosos os edifícios patrocinados por ordens religiosas no arquipélago da Madeira e nenhum foi construído na primeira metade do século XVIII.

A Igreja do Colégio (ou de S. João Evangelista) é um edifício do século XVII, a que foram acrescentados alguns elementos decorativos no período joanino, como acontece noutros edifícios pertencentes à Companhia de Jesus.

Na verdade, as estátuas que ornamentam a fachada são da primeira metade do século XVIII. Segundo uma carta do Padre Joseph Lopes, datada de 20 de Março de 1752, "pelo que toca às estátuas que adornam o frontespício desta nossa igreja, que he a melhor da ilha, digo, são quatro estátuas de mármore, da grandeza ordinária de hum homem, e representão a Sto Ignacio, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja e Sto Estanislau, as quais incomendou no seu tempo ao Ex<sup>mo</sup> o R. Pe. Ror. Manoel Lobo; mas vierão e se collocarão nos princípios do meu governo"<sup>350</sup>.

Interiormente, trata-se de uma igreja de nave única com capelas laterais, plano normalmente adoptado pelos Jesuítas. Se o altar-mor data de 1660, os retábulos dos altares de S. Miguel e de Santo António são já do "estilo nacional", com colunas pseudo-salomónicas, completamente envolvidas por cachos de uvas, folhas de parreira, meninos e aves. Existem também algumas telas do século XVIII<sup>351</sup>.

Além dos azulejos de tapete do século XVII, existem nesta igreja painéis de azulejos azuis e brancos, no coro<sup>352</sup>. Serviam de espaldar à bancada dos membros do coro. São pinturas a azul, de composição barroca nos enquadramentos e tendo como motivos principais anjos músicos e cantores. Na parte superior das molduras, estão instrumentos musicais e pautas. Parece que os instrumentos estão agrupados, os de corda, os de sopro, os de percussão. São azulejos de cerca de 1735.

Na nave, estão azulejos que devem ser da mesma época, representando vasos floridos destacando-se de fundos arquitectónicos em perspectiva. No bojo dos vasos foram pintadas cenas do Apocalipse, com a cota dos respectivos versículos. Esta decoração continua-se debaixo dos púlpitos e enquadra, nas paredes do fundo, as pias de água benta. Junto a uma destas está a data de 1726, que deve corresponder à pintura mural, anterior a estas.

Na capela de Santa Quitéria, a última a ser ornamentada, está um retábulo de meados do século XVIII, com tela da mesma época, representando a parábola de Cristo e da pecadora. Nas paredes está um silhar de azulejos, originalmente de cabeceiras recortadas, com enquadramento barroco e tendo na parte central a imagem do orago com a legenda na peanha: "S. QVITERIA". São azulejos de cerca de 1750.<sup>353</sup>

A entrada, está colocado um guarda-vento, com embutidos de madeiras ricas e datado de 1720<sup>354</sup>.

Na sacristia, encontra-se um magnífico arcaz de madeira preciosa e bronzes dourados e, servindo-lhe de espaldar, um retábulo de talha dourada, enquadrando seis telas. O armário tem fontespício de mármore e ornatos esculpidos combinando-se com o tecto abobadado com pinturas decorativas. Nas paredes livres, está um lambril de azulejo com cenas campestres e de caça, que enquadra os armários, contornando com traço azul os recortes dos mármorees. Ao lado da sacristia, está outra sala com azulejos do mesmo tipo, devendo todos datar de cerca de 1730-40.

Outro edifício conventual existente na Madeira é o Convento de Santa Clara, que remonta ao século XV, mas foi quase totalmente reconstruído no século XVIII. No coro de baixo, existe um cadeiral, em que cada cadeira é rematada por um anjo esculpido; do lado esquerdo, um desses anjos é coroado e, no espaldar, lê-se: "Vigária da casa 1736"<sup>355</sup>.

Na actual portaria, encontram-se dois painéis de azulejos azuis e brancos, que estavam incorporados no silhar do claustro. Representam a «Estigmatização de S. Francisco» e «Santa Clara empunhando o Báculo e a Custódia».

Ainda no claustro se encontra um «registo» recortado, representando as Alminhas, entre chamas já amarelas, com enquadramento concheado revelando obra lisboeta de cerca de 1750<sup>356</sup>.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo, templo pertencente à Ordem Terceira do Carmo, foi construída entre 1656 e 1660. A capela-mor foi mandada fazer por Pedro Gonçalves Brandão, que aí tem o seu mausoléu. O retábulo do altar-mor é de talha dourada dos finais do século XVII ou dos inícios do seguinte.

Em cada parede, existe um silhar de azulejos azuis e brancos, produção de Lisboa, de cerca de 1740, que do lado da epístola foi parcialmente retirado para abertura de uma porta de comunicação com a sacristia. De cada lado, o revestimento está dividido em dois painéis por motivo arquitectónico, com as armas da Ordem dos Carmelitas, inscritas em cartelas. Do lado do evangelho, estão as «almas do purgatório a serem salvas pelos escapulários que lhes lançam Cristo e a Virgem em glória» e «Nossa Senhora do Carmo estendendo o manto protector sobre grupos de pessoas em oração». Do lado oposto, está «Nossa Senhora do Carmo com o Menino, indicando a S. Simão Stock a porta de um convento carmelita» e o «tronco de árvore em que o santo se abrigava»<sup>357</sup>.

A Igreja e Recolhimento do Bom Jesus, no Funchal, que constituía um recolhimento feminino de tipo conventual, é um edifício de finais do século XVI.

No interior, sobre o fecho do arco triunfal, está um painel, representando o «Calvário», com Nossa Senhora e a

Madalena, que Santos Simões considerou da primeira metade do século XVIII.

Na fachada posterior, correspondente à capela-mor, está um registo com «Nossa Senhora do Carmo», tendo uma cartela com a legenda: "N. S. do Monte do Carmo / Nicolao de Freytas Pintou em Lxã no anno / de 1744", que é o único painel deste tipo assinado e datado e que contribui para a identificação da obra deste pintor, genro e colaborador de Bartolomeu Antunes<sup>358</sup>.

O convento franciscano de S. Bernardino, em Câmara de Lobos, remontava ao século XV, mas em 1735 construiu-se novo convento em nível superior ao antigo.

A igreja foi lamentavelmente "modernizada", mas restam dois painéis de azulejos, ladeando o nicho rústico de empedrados, no patamar que dá acesso à gruta, transformada em Capela de S. Lourenço. São de pintura azul e representam dois anjos sobre pedestais, nos quais se lêem as legendas: "PETITE DE ACCIPITIS" e "MIRABILIS DEUS IN SANCTIS SVIS". São trabalho de Lisboa, precisamente da época da reconstrução do convento<sup>359</sup>.

## ARQUITECTURA SOB O DOMÍNIO DAS ORDENS RELIGIOSAS NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

Não são abundantes os documentos referentes à actividade artística patrocinada por ordens religiosas nos Açores.

Conhece-se um alvará régio, de 4 de Setembro de 1709, concedendo às religiosas de Nossa Senhora da Conceição de Ponta Delgada a capela, sítio e pedra da igreja de Santa Clara - S. José. Esta situava-se junto ao referido convento e tinha sido iniciada à custa da fazenda real, havia mais de cem anos, sem nunca ter sido acabada, certamente devido à pobreza do povo da freguesia de Santa Clara, que a deveria terminar. Por isso, o rei decidiu oferecer a capela, pedra das paredes e terreno às referidas freiras, para estas aumentarem o seu Convento, comprometendo-se as mesmas a receber os fregueses de Santa Clara na sua igreja, como em paróquia<sup>360</sup>.

Também uma notícia da «Gazeta de Lisboa» de 8 de Outubro de 1733, refere o acabamento da Igreja de Nossa Senhora da Graça, de religiosos de Santo Agostinho, na cidade de Ponta Delgada<sup>361</sup>.

Também nos Açores, alguns edifícios conventuais já existentes, receberam revestimentos azulejares no período joanino.

Assim, a Igreja de Todos os Santos (ou do Colégio), em Ponta Delgada, sofreu algumas modificações no século

XVIII; a fachada foi reedificada com o dinheiro deixado em testamento, em 1737, por José de Araújo Cerqueira, mas ficou incompleta, por ter sido interrompida, até que finalmente os Jesuítas foram expulsos. O retábulo da capela-mor ficou por dourar. Aqui se encontram painéis de azulejos que representam o «Transporte de cachos de uvas da Terra Prometida» e a «Queda do Maná»; acima dos quadros, está um friso onde, entre vasos floridos, destacados de fundo marmoreado azul se vêem medalhões, com outras alegorias à Eucaristia e à Igreja militante. São datáveis de cerca de 1737 e atribuíveis a Bartolomeu Antunes por Santos Simões, enquanto José Meco os considera de Nicolau de Freitas<sup>362</sup>. Na nave existe um silhar de azulejos tipo «estrelinhas», talvez da mesma época dos da capela-mor, e, na sacristia, vasos floridos, ladeados de pássaros<sup>363</sup>, estes talvez mais antigos, dos inícios do século XVIII.

Na Igreja do Colégio (ou de Nossa Senhora do Carmo), em Angra do Heroísmo, a Capela de Santo André foi decorada com um silhar de azulejos de temática profana, com cenas de caçadas, e a capela-mor com cenas pastoris e paisagens, ambos datáveis de cerca de 1740<sup>364</sup>.

Também em Angra do Heroísmo, a Igreja do Livramento, que os franciscanos de «rigorosa observância» tiveram nos arredores da cidade, reconstruída em 1668, foi, durante o

segundo quartel do século XVIII, enriquecida com vários revestimentos azulejares.

Os azulejos mais antigos encontram-se na capela-mor e representam «S. Francisco dando a Regra da Ordem» e a «Estigmatização». Sobre uma porta do lado da epístola, está um painel com uma inscrição que nos informa quem foi o encomendador e a data da obra: "O ILLVSTRISSIMO / SENHOR DOM MANOEL AL/VARES DA COSTA BISPO DE / ANGRA, DEV DEESM<sup>a</sup>. O / AZVLEJO DESTA CAP<sup>a</sup> / ANNO / DE / 1725". Estes azulejos devem-se ao monogramista P.M.P.<sup>365</sup>.

No cruzeiro, estão painéis de azulejos representando «Frades capuchos em oração». Mais curioso é, em frente à porta da sacristia, um *trompe l'oeil* em que de uma porta saem um franciscano precedido de um pequeno sacristão.

Sobre o arco triunfal, estão cenas antonianas: «Pregação aos peixes» e «Milagre da Mula». Finalmente as paredes da nave são revestidas por azulejos mais recentes.

Santos Simões colocou estes azulejos entre 1730-40, considerando o painel do lado do evangelho do transepto, de 1750<sup>366</sup>.

Também em Angra do Heroísmo, a Igreja de Nossa Senhora da Guia (ou de S. Francisco) tem alguns importantes revestimentos azulejares. Os paramentos do coro são dos mais vastos que se encontram nos Açores: as paredes, acima dos espaldares do cadeiral, assim como a parede do fundo, têm painéis historiados com barra de anjinhos e folhagens,

representando passos da «Vida de S. Francisco» e vieram certamente do convento anexo, onde se encontram outros iguais. São azulejos de Lisboa e datáveis de 1735-40<sup>367</sup>.

Um outro convento franciscano, o da Horta, onde se disse a primeira missa em 1700, conserva notável decoração da primeira metade do século XVIII, combinando a talha dourada com as telas pintadas, as imagens e os azulejos.

A capela-mor com retábulo de "estilo nacional" enquadrando magnífico trono, tende para a «igreja toda de ouro», na medida em que a talha se prolonga no revestimento da abóbada de berço e nas paredes, emoldurando telas que na abóbada são 25, com temas variados.

Nas paredes da capela estão dois grandes painéis de azulejos, com cenas da «Vida de S. Francisco», muito próximos, estilisticamente, dos da igreja de S. José de Ponta Delgada. O seu autor foi mais recentemente identificado como sendo Manuel dos Santos<sup>368</sup>.

A Capela de S. Pedro Gonçalves, na mesma igreja, é outro exemplo do "horror ao vazio" característico da nossa decoração barroca, sendo totalmente preenchida pela talha dourada, que se combina, na parte inferior das paredes, com painéis de azulejos, de moldura concheada, representando cenas religiosas relacionadas com a vida marítima: «Jonas saindo da boca da baleia», «Parábola do marinheiro que acorda Jesus» e «Jesus caminha sobre as ondas». São azulejos de oficina lisbonense de cerca de 1740-45<sup>369</sup>.

A Capela da Ordem Terceira de S. Francisco também combina a talha dourada com silhares de azulejos, com enquadramento arquitectónico, e dividido por cariátides aladas. Representam «Santa Isabel de Portugal», «S. Luis rei de França» e «S. Francisco instituindo as regras da Ordem Terceira». Santos Simões atribui estes azulejos a Bartolomeu Antunes e situa-os cerca de 1735<sup>370</sup>. José Meco, em contrapartida, atribuiu-os a Policarpo de Oliveira Bernardes<sup>371</sup>.

A Igreja do Convento da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na Horta, possui, na Capela do Santíssimo, uma notável combinação de talha dourada com azulejo. Os painéis, com moldura barroca com elementos concheados, desenvolvem temas eucarísticos, tendo nas cartelas inferiores, alegorias eucarísticas. Representam a «Missa de S. Gregório», «Santo António e o Milagre da Mula», «Santa Clara afugentando os infiéis» e «S. Bernardino de Siena», entre outros temas. É notável a forma como acompanham a arquitectura. São painéis de oficina lisbonense de cerca de 1740<sup>372</sup>.

Na Colecção do Marquês de Jácome Correia, existem azulejos provenientes do Refeitório do antigo convento franciscano de Nossa Senhora de Guadalupe, na Ribeira Grande, actualmente adaptado a hospital. O tema representado é o «Cenáculo» e Santos Simões atribui-os ao mesmo pintor,

inexperiente, que fez os azulejos da capela-mor de Santo André, em Vila Franca do Campo e data-os de 1734-45<sup>373</sup>

O Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, em S. Miguel, tem nas paredes laterais do coro de baixo, um silhar de doze quadros separados por barras ornamentais com anjinhos e folhagens barrocas. Representam cenas da «Vida de Cristo». Foram instalados em 1712 e, na parte inferior do painel do «Escárnio» têm a assinatura de António de Oliveira Bernardes<sup>374</sup>. Também no Museu Dr. Carlos Machado, se encontra um azulejo, integrado noutro conjunto, proveniente de um dormitório do Convento da Esperança e que tem parte da assinatura de António de Oliveira Bernardes e a data de 1712.

Na passagem do claustro para o coro de baixo, numa pequena sala que foi adaptada a sacristia, estão dois painéis truncados, representando «Nossa Senhora da Conceição» e «Santo António», de oficina lisbonense, de cerca de 1740.

A Capela de Nossa Senhora da Paz, na cerca do mosteiro possui um revestimento azulejar, com duas ordens de painéis, representando cenas da «Vida de Jesus» (infância e paixão). Na parede do fundo está uma «Virgem em Glória», «S. Francisco» e «Santo António». São azulejos do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes e datáveis de 1745-50<sup>375</sup>.

Na antiga cozinha, foram colocados a granel azulejos figurados, alguns dos quais poderiam pertencer a painéis de António de Oliveira Bernardes.

A Igreja do Mosteiro de Santo André, em Vila Franca do Campo, tem, na capela-mor, grandes painéis de azulejo representando cenas da «Vida de Santo André», em que as figuras têm as legendas «S. ANDRÉ», «S. IOÃO», «S. PEDRO», atribuíveis à parceria Bartolomeu Antunes-Nicolau de Freitas» e datáveis de 1735-45<sup>376</sup>.

A Igreja do Antigo Mosteiro de S. Gonçalo, em Angra do Heroísmo, data de meados do século XVIII, mas foi a partir de 1730 que se procedeu à sua decoração interior, sobretudo nos períodos de 1733 a 1736 e de 1739 a 1742, em que o mosteiro foi dirigido por Madre Brites Maria de S. Bernardo. Foi certamente durante este período que se procedeu ao revestimento azulejar das paredes da igreja. Sobre uma base ornamental, com cartelas centrais, ladeadas por anjos trompeteiros, no centro das quais se representaram passos da «Vida de S. Gonçalo de Amarante», estão quatro painéis com cercadura de folhagens, representando a «História de José no Egipto», com legendas latinas esclarecendo cada um dos passos<sup>377</sup>

## ARQUITECTURA SOB O DOMÍNIO DAS ORDENS RELIGIOSAS NO BRASIL

Embora o estudo da arquitectura e da talha no Brasil, durante o período colonial, tenha sido feito, numa perspectiva essencialmente formalista, em obras como as de Germain Bazin<sup>378</sup> ou Lúcio Costa<sup>379</sup>, só muito recentemente houve a preocupação de levar a cabo um estudo que fizesse a interligação entre o mecenato e as obras construídas, e apenas para o Rio de Janeiro, estudo esse que foi objecto de uma tese de doutoramento<sup>380</sup>.

Seria redundante repetir aqui a análise de igrejas brasileiras realizada pela Professora Sandra Faria Alvim, mas é importante salientar algumas das suas conclusões, uma das quais é precisamente a identificação do reinado de D. João V com o chamado "segundo período da arquitectura colonial". Durante esta fase, foram revestidas a talha dourada igrejas construídas no século XVII, como a igreja de S. Bento de Monserrate, devida a monges beneditinos, alguns dos quais eram arquitectos e humanistas; ou a Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, a irmandade mais rica da cidade do Rio. Nestes revestimentos, a opção é normalmente a da "igreja toda de ouro", em que a talha ultrapassa os altares e forra as paredes e arcos, em apainelados de base quadrangular, conforme verificou a mesma investigadora<sup>381</sup>.

As grandes Ordens religiosas não construíram muito durante este período, pois os seus edifícios já tinham sido erguidos durante o período anterior (2ª metade do século XVI

e século XVII); podem, no entanto, referir-se algumas construções durante esta época: igreja do Bom Jesus, de Franciscanos (1705); igreja dos Jesuítas (nova igreja iniciada em 1744 e não terminada); convento de Nossa Senhora da Ajuda (terminado em 1750 e já demolido); igreja do convento de Santa Teresa (iniciada em 1750) e Nossa Senhora do Parto (1742-1759)<sup>382</sup>.

Em contrapartida, no período joanino foram sobretudo construídas igrejas de Irmandades e Confrarias, cujos membros eram comerciantes, que tinham começado a enriquecer no final do século XVII. Embora os documentos existentes não tenham revelado os nomes de arquitectos, é tradição que estas igrejas foram construídas pelos engenheiros militares, vindos da metrópole, que nesta zona colonial e perante uma clientela pouco conhecedora de questões estéticas e estilísticas, deram largas à sua criatividade. São ainda igrejas de pequenas dimensões, o que tecnicamente também tornou possível esse espírito experimental. É assim que nos surgem cinco igrejas em que foi usada a planta octogonal, que são as primeiras deste tipo construídas na América Latina, normalmente cobertas por cúpulas ou abóbadas de estrutura complexa. Entre estas contam-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Boa-Morte (1735-38), de cruzeiro oitavado, que tem sido atribuída ao brigadeiro José Fernandes Alpoim<sup>383</sup>; a Igreja da Mãe dos Homens, oitavada; a Igreja de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores (1747-1755), com nave elíptica e capela-mor do comprimento da nave e que

ter, além disso, uma torre na fachada, que esconde a cúpula, também elíptica<sup>384</sup>. Uma das mais interessantes igrejas deste conjunto era a desaparecida S. Pedro dos Clérigos do Rio, a primeira igreja exteriormente curva, construída na América do Sul<sup>385</sup>.

Finalmente a igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, situada originalmente fora do Rio de Janeiro, numa colina fronteira ao mar, e que é atribuída ao engenheiro Ramalho. A sua implantação geográfica num pequeno promontório, em cujo sopé as águas tocavam no século XVIII, só tem paralelo - embora noutra escala - no mosteiro de Melk, que o seu arquitecto possivelmente não conheceu nem por desenho ou gravura. Extraordinário é também o facto de se ter conseguido, com a forma geométrica de um octógono, criar quase uma elipse. Interiormente, os corredores laterais e a nave são decorados com alisares de azulejos portugueses (atribuídos a Valentim de Almeida<sup>386</sup>), encomendados para o local, mas que não alteram a estrutura arquitectónica, tal como a talha, que embora mais tardia, se circunscreve ao espaço arquitectónico dos altares<sup>387</sup>.

Algumas interrogações nos deixa o problema das influências e fontes de inspiração das plantas e interiores destas igrejas. A primeira é a evocação imediata do espaço contraído, criado pelo comprimento da nave (octógono alongado ou elipse), a que se acrescenta a capela-mor profunda, e que parece directamente derivado da planta de Borromini para San Carlo alle Quattro Fontane, especialmente

sensível no terceiro exemplo referido, de cúpula também elíptica. A segunda questão é a da concentração do observador que é levado para a zona do altar-mor, sem dúvida em obediência aos princípios do Concílio de Trento, mas que aqui se nos afigura paralela ou mesmo anterior, às obras de Johann Michael Fisher, na Europa Central, fruto também de uma interpretação local da arquitectura italiana.

Fora do Estado do Rio de Janeiro, as ordens religiosas que se estabeleceram nas regiões litorais - Jesuítas, Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas - também construíram a maior parte das edificações de vulto durante os séculos XVI e XVII, e as construções realizadas nos primeiros trinta anos do século XVIII, ainda seguem os projectos das anteriores.

É este o caso da Igreja do Colégio de Santo Alexandre, em Belém, da Companhia de Jesus, e que foi edificado entre 1700 e 1719. Segue o plano da igreja jesuíta do Salvador, ou seja, nave única com capelas laterais, embora a nave seja mais estreita e a capela-mor mais profunda. A fachada traduz numa linguagem mais barroca a coexistência, também verificada no Salvador, de um corpo central coroado por volutas, e duas pequenas torres.

Durante este mesmo período, desenvolveu-se o uso da talha dourada, seguindo os retábulos o esquema do "estilo nacional" de Robert C. Smith, com colunas torsas decoradas com parras, cachos de uvas, meninos e aves, que se continuam nas arquivoltas concêntricas do coroamento. Mas a tendência

é para a talha invadir paredes e tectos, fazendo das igrejas verdadeiras «cavernas douradas». É disso exemplo a Igreja de S. Francisco de Assis em Salvador.

Também fora do Rio de Janeiro se construíram igrejas de irmandades, de planta inovadora, como S. Pedro dos Clérigos do Recife, de 1728, cuja planta, octogonal no interior era encoberta por um exterior rectangular.

Algumas igrejas foram enriquecidas durante este período com pinturas ou revestimentos azulejares.

O tecto da nave da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência é um dos que foi realizado no período joanino, tendo sido, em 1941, atribuído por Nair Rodrigues ao pintor Caetano da Costa Coelho, que o teria realizado entre 1732 e 1737<sup>388</sup>; mais recentemente, foi datado de 1726 e considerado obra dos pintores lisboetas Manuel de Brito e Francisco Xavier de Brito<sup>389</sup>.

Quase todos os Conventos Franciscanos e Hospitais que receberam melhoramentos no período de 1720 a 1750, foram enriquecidos com decorações azulejares. É o caso do Convento de S. Francisco do Salvador, onde a capela-mor da igreja apresenta um revestimento assinado por Bartolomeu Antunes e datado de 1737. A este artista de Lisboa são também atribuídos os azulejos de uma capela do transepto, dois painéis da entrada da igreja e ainda os dos dois andares do claustro, datáveis de 1749-52.

Encontram-se também revestimentos azulejares joaninos nos Conventos franciscanos de Paraíba, Olinda,

Recife e Cairú. No Rio de Janeiro, o Convento de Santo António tem um silhar de cerca de 1745, atribuível a Valentim de Almeida<sup>390</sup>.

Também as casas dos Terceiros têm notáveis revestimentos azulejares, como acontece com as Ordens Terceiras ou da Penitência, no Recife, Salvador ou Rio de Janeiro<sup>391</sup>.

NOTAS:

- <sup>1</sup>Padre Avelino de Jesus da Costa, "Agostinho, Ordem de Santo" in Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol. I, Livraria Figueirinhas, Porto, 1990
- <sup>2</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, Elenco, p. 99
- <sup>3</sup>Idem, ibidem, p. 109
- <sup>4</sup>Idem, ibidem, pp. 110-111; José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 232
- <sup>5</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 139-140
- <sup>6</sup>Gazeta de Lisboa de 10 de Junho de 1749; ver anexo documental
- <sup>7</sup>Idem, ibidem, pp. 144-145
- <sup>8</sup>Gustavo de Matos Sequeira, "Leiria, Igreja e Convento de Santo Agostinho" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- <sup>9</sup>Vitor Serrão, Santarém, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 11, pp. 86-87
- <sup>10</sup>Mercurio Histórico de Lisboa, 21 de Junho de 1749; ver anexo documental
- <sup>11</sup>Carlos de Azevedo e Adriano Gusmão, Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV, Torres Vedras, Lourinhã e Sobral de Monte Agraço, Junta Distrital de Lisboa, 1963
- <sup>12</sup>Os azulejos das restantes galerias foram transferidos para o Convento de S. Bernardino, junto de Peniche.
- <sup>13</sup>J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 330-332
- <sup>14</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 227
- <sup>15</sup>Maia Ataíde, "Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. V, 1º tomo, Junta Distrital de Lisboa, 1973, pp. 114-120
- <sup>16</sup>Norberto de Araújo, Inventário Artístico de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1944-55
- <sup>17</sup>Cyrillo Volmar Machado, Colleção de Memórias, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 164
- <sup>18</sup>Francisco José Gentil Berger, Manuel da Costa Negreiros no estudo sistemático do barroco joanino na região de Lisboa, U.T.L., Faculdade de Arquitectura, 1990, pp. 336-337 e foto 73, p. 340
- <sup>19</sup>Idem, ibidem, p. 231
- <sup>20</sup>Idem, ibidem, p. 232 e foto 54, p. 233
- <sup>21</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 217
- <sup>22</sup>Maia Ataíde, op. cit., p. 117

- <sup>23</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 216-217
- <sup>24</sup>Idem, ibidem, p. 215
- <sup>25</sup>Maia Ataíde, op. cit., p. 120
- <sup>26</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 231
- <sup>27</sup>J. M. dos Santos Simões op. cit., p. 221
- <sup>28</sup>Idem, ibidem, Elenco, p. 403
- <sup>29</sup>Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora, vol. I, A.N.B.A., Lisboa, 1966, pp. 166 e 169
- <sup>30</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 412 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- <sup>31</sup>Túlio Espanca, "Évora, Convento de Nossa Senhora da Graça" in Inventário Artístico de Portugal, VII, Concelho de Évora, I vol., A.N.B.A., Lisboa, 1966
- <sup>32</sup>Túlio Espanca, "Mosteiros de Vila Viçosa" in A Cidade de Évora, nº 53-54, p. 19-37
- <sup>33</sup>José Matoso, "Benedictinos" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. I
- <sup>34</sup>João Vieira Caldas, Paulo Varela Gomes, Viana do Castelo. Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 10, pp. 55-56
- <sup>35</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 93
- <sup>36</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa Lisboa, 1989, pp. 221 e 230
- <sup>37</sup>J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- <sup>38</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 125
- <sup>39</sup>Padre António Domingues de Sousa Costa, "Carmelitas" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. I
- <sup>40</sup>"Guimarães" in A Descoberta de Portugal, Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1982
- <sup>41</sup>Mercúrio Histórico de Lisboa, de 12 de Março e de 9 de Abril de 1746; ver anexo documental
- <sup>42</sup>A. Nogueira Gonçalves, "Convento do Carmo" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro, Zona sul, A.N.B.A., Lisboa, 1959
- <sup>43</sup>A. Nogueira Gonçalves, "Mosteiro de S. João Evangelista" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro, Zona sul, op. cit.
- <sup>44</sup>Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Colégio de Nossa Senhora do Carmo" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947
- <sup>45</sup>Gustavo de Matos Sequeira, "Figueiró dos Vinhos, Convento dos Carmelitas" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- <sup>46</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 220
- <sup>47</sup>Idem, ibidem, Elenco, p. 320
- <sup>48</sup>Túlio Espanca, "Évora, Convento de Nossa Senhora do Carmo" in Inventário Artístico de Portugal, VII, Concelho de Évora, A.N.B.A., Lisboa, 1966
- <sup>49</sup>José Matoso, "Cister, Ordem de" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. II

- 50 Robert C. Smith, Agostinho Marques, "enxambrador da cónega", Barcelos, 1974, pp. 46-47
- 51 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 93
- 52 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., pp. 219 e 230
- 53 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 54 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 124
- 55 Idem, ibidem, Elenco, p. 124
- 56 Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, XI, Distrito de Aveiro, Zona de Nordeste, A.N.B.A., Lisboa, 1991, p. 39
- 57 José Fernandes Pereira, "Resistências e aceitação do espaço barroco: a arquitectura religiosa e civil" in História da Arte em Portugal, vol. 8, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 46-47
- 58 Nogueira Gonçalves, op. cit., pp. 42-46
- 59 Idem, ibidem, pp. 47-48
- 60 Idem, ibidem, pp. 49-50
- 61 Idem, ibidem, pp. 50-51
- 62 Idem, ibidem, pp. 51-52
- 63 Idem, ibidem, p. 52
- 64 Idem, ibidem, p. 59
- 65 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 137
- 66 Gustavo de Matos Sequeira, "Abadia de Alcobaça" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- 67 Nelson, Correia Borges, "Do Barroco ao Rococó", História da Arte em Portugal, vol. 9, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 43
- 68 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 159-160
- 69 Gustavo de Matos Sequeira, "Ermida de Nossa Senhora do Desterro" in op. cit.
- 70 J. M. dos Santos Simões, pp. 161-162 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves; no Guia de Portugal, vol. II, p. 627, diz-se que a data é de 1714
- 71 José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 230
- 72 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 172
- 73 Gustavo de Matos Sequeira, "Convento de Santa Maria de Almoester de Freiras Bernardas" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, A.N.B.A., Lisboa, 1949
- 74 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 348
- 75 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 226
- 76 Luís Keil, "Portalegre, Igreja do Convento de S. Bernardo" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943
- 77 Padre António Domingues de Sousa Costa, "Cónegos Regrantes de Santo Agostinho" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. II
- 78 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 141
- 79 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Mosteiro de Santa Cruz" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947, pp. 57-58
- 80 José Meco, op. cit., pp. 66 e 234

- 81 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, op. cit., pp. 59-61
- 82 Padre António Domingues de Sousa Costa, "Dominicanos" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. II
- 83 J. J. Ferreira Alves, "Vilalobos, Engenheiros" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 84 Robert C. Smith, "A verdadeira história do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, da Igreja de S. Domingos, de Viana do Castelo" in Belas Artes, 2ª série, nº 23, Lisboa, 1967
- 85 Mercúrio Histórico de Lisboa, "Sabbado 12 de Março de 1746 Guimaraens, 3 de Março / As Religiozas Dominicadas do Mosteyro de Santa Roza continuam tambem com as obras do segundo lanço dos seus Dormitorios, e seram os melhores desta villa."
- 86 A. Nogueira Gonçalves, "Igreja do Convento de S. Domingos" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro: zona sul, A.N.B.A., Lisboa, 1959
- 87 Natália Marinho Ferreira Alves, "Jesus, Igreja de (Aveiro)" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 1989
- 88 José Fernandes Pereira, "Antunes, João" in ibidem
- 89 A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, VI, Distrito de Aveiro, zona sul, A.N.B.A., Lisboa, 1959
- 90 Natália Marinho Ferreira Alves, op. cit.
- 91 A. Nogueira Gonçalves, op. cit.
- 92 Carlos Moura, "O Limiar do Barroco" in História da Arte em Portugal, vol.8, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 112 e 114
- 93 Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 84
- 94 Idem, ibidem, p. 85
- 95 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 131
- 96 Nelson Correia Borges, "Do Barroco ao Rococó", vol. 9, História da Arte em Portugal, op. cit., p. 57
- 97 A. Nogueira Gonçalves, op. cit.
- 98 Robert C. Smith, op. cit., p. 119
- 99 Joaquim Veríssimo Serrão, Santarém, História e Arte, Edição da Comissão Municipal de Turismo, 1959
- 100 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 15 de Janeiro de 1746; ver anexo documental
- 101 Jorge Custódio, O Património Monumental de Santarém: Fases da sua destruição, Ed. da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-cultural de Santarém, 1979
- 102 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 2 de Junho de 1746 e de 5 de Agosto de 1747; ver anexo documental.
- 103 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 222-223 e notas de rodapé de Flávio Gonçalves
- 104 José Meco, op. cit., pp. 219 e 224
- 105 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 222 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 106 António Manuel Gonçalves, "Convento do Sacramento" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. V, Lisboa, 3º Tomo, Assembleia Distrital de Lisboa, 1988, pp. 89-90
- 107 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 244

- 108 Luis Keil, "Elvas, Igreja e Convento de S. Domingos" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943
- 109 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 389
- 110 Túlio Espanca, "Ermida de S. Domingos" in A Cidade de Évora, nº 56, pp. 109-110; idem, "Vila Viçosa, Ermida de S. Domingos" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, IX, A.N.B.A., Lisboa, 1975
- 111 Padre Fernando Félix Lopes, "Franciscanos" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. III
- 112 Idem, "Capuchinhos" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. I
- 113 Feliciano Guimarães, Azulejos de Figura Avulsa, Edições Pátria, Gaia-Portugal, MCMXXXII, Estudos Nacionais sob a égide do Instituto de Coimbra, p. 44
- 114 Luis Augusto de Oliveira, "Azulejos do convento de Santo António de frades capuchos" in Almanaque de Ponte de Lima, 59 ano, Ponte de Lima, 1924, pp. 248-255
- 115 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 90, nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 116 Feliciano Guimarães, op. cit., pp. 45-46
- 117 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 89
- 118 Feliciano Guimarães, op. cit., pp. 45 e 53
- 119 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 89
- 120 Idem, ibidem, Elenco, p. 93, nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 121 Idem, ibidem, Elenco, p. 105
- 122 Idem, ibidem, Elenco, pp. 105-106
- 123 "Guimarães" in A Descoberta de Portugal, Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1982
- 124 Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1962, p. 126, nota 71
- 125 Natália Marinho Ferreira Alves, "S. Francisco, Igreja de" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 1989. Este artigo sistematiza documentação publicada na sua tese de doutoramento, A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela. Materiais e Técnica), Porto 1986
- 126 Flávio Gonçalves, A Talha da Capela da Árvore de Jessé da Igreja de S. Francisco do Porto e os seus autores, Porto, 1971
- 127 Ver notícia respeitante a esta igreja.
- 128 Ver notícia respeitante a esta igreja.
- 129 Flávio Gonçalves, op. cit.
- 130 Natália Marinho Ferreira Alves, op. cit.
- 131 Idem, ibidem
- 132 Idem, ibidem
- 133 Robert C. Smith, A Talha em Portugal, op. cit., p. 111
- 134 Nelson Correia Borges, "Do Barroco ao Rococó" in História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 52-53
- 135 Natália Marinho Ferreira Alves, "Santa Clara, Igreja de" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 136 Idem, ibidem

- 137 Robert C. Smith, op. cit., p. 112
- 138 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p.115
- 139 Idem, ibidem, Elenco, p. 119
- 140 Idem, ibidem, Elenco, p. 128
- 141 Idem, ibidem, Elenco, p. 128
- 142 Idem, ibidem, Elenco, pp. 131-132
- 143 Idem, ibidem, Elenco, p. 132
- 144 A. Nogueira Gonçalves, "Convento de Santo António e Capela da Ordem Terceira de S. Francisco" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro, zona Sul, op. cit.
- 145 Mercúrio Histórico de Lisboa de 11 de Janeiro de 1744 (a designação de *sete do corrente* refere-se de facto a Dezembro e não a Janeiro); Gazeta de Lisboa de 14 de Janeiro de 1744; ver anexo documental.
- 146 Mercúrio Histórico de Lisboa, notícia citada
- 147 A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro, zona sul, VI, A.N.B.A., Lisboa, 1959
- 148 Idem, ibidem
- 149 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 153-154
- 150 "cenário da luta secular entre o homem e a terra" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 231
- 151 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Mosteiro Novo de Santa Clara" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947, pp. 80-83
- 152 Idem, "Colégio de Santo António da Estrela" in op. cit.
- 153 Idem, "Colégio de Santo António da Pedreira" in op. cit.
- 154 Gazeta de Lisboa, de 24 de Dezembro de 1748; ver anexo documental
- 155 Gustavo de Matos Sequeira, "Leiria, Convento de S. Francisco" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- 156 Lucília Verdelho da Costa, Leiria, Editorial Presença, Lisboa, 1989, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 4, pp. 37-38
- 157 J. A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal, (sob direcção de), Ed. do Reader's Digest, 1976
- 158 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 169
- 159 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 23 de Junho de 1746; ver anexo documental.
- 160 Mercúrio Histórico de Lisboa, 15 de Janeiro de 1746; ver anexo documental.
- 161 Igreja de Santa Clara de Santarém, Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 30-31, 1951
- 162 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 348
- 163 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 354
- 164 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV - Torres Vedras, Lourinhã, Sobral de Monte Agraço, Junta Distrital de Lisboa, 1963, pp. 55-59
- 165 Ver anexo documental.
- 166 Os elementos relativos à azulejaria do convento foram colhidos em Vítor Sousa Lopes, "Fichas de Azulejaria. Convento de Santo António (Varatojo)" in História, Ano XIII, nº 144, Setembro de 1991. De notar que J. M. dos Santos

- Simões apenas refere os azulejos da capela de Nossa Senhora do Sobreiro, de 1770 (in op. cit., Elenco, p. 334)
- 167 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 333
- 168 AA. VV. Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV, Torres Vedras, Lourinhã, Sobral de Monte Agraço, Junta Distrital de Lisboa, 1963, p. 55
- 169 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, I, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Junta Distrital de Lisboa, 1962, p. 22
- 170 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 177
- 171 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 226
- 172 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 177-178
- 173 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., I, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Junta Distrital de Lisboa, 1962, pp. 26-27
- 174 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., I, p. 18
- 175 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 178-179
- 176 Idem, ibidem, Elenco, pp. 191-192 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 177 Maia Ataíde, "Convento de Santo António dos Capuchos" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. V, Lisboa, 2º tomo, Junta Distrital de Lisboa, 1975, pp. 137-8
- 178 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 220
- 179 Mercurio Histórico de Lisboa, "Sabbado, 23 de Março de 1748"
- Os Religiosos do Convento de N. Sr. de Jesus de Xabregas da Província de S. Francisco dos Algarves (...) seguem o uzo dos modernos, e andam fazendo huma admiravel torre de pedraria como a do Convento de N. Sr. da Graça dos Eremitas de S. Agostinho desta mesma cidade."
- 180 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 360
- 181 Luis Keil, "Castelo de Vide, Igreja do Asilo de Nossa Senhora da Esperança (Asilo dos Cegos)" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943
- 182 Idem, "Marvão, Igreja do Convento de Nossa Senhora da Estrela" in op. cit.
- 183 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 390
- 184 Luis Keil, "Monforte, Igreja do Convento de Jesus" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.
- 185 Luis Keil, "Portalegre, Igreja do Convento de S. Francisco" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.
- 186 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 391
- 187 Luis Keil, "Portalegre, Convento de Santa Clara" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.
- 188 Luis Keil, "Alter do Chão, Igreja do Convento de Santo António" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.

- 189 Luis Keil, "Sousel, Igreja do Convento de Santo António" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.
- 190 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 403
- 191 Idem, ibidem, Elenco, p. 404 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 192 Idem, ibidem, Elenco, p. 415
- 193 Túlio Espanca, "Igreja de S. Francisco" in Inventário Artístico de Portugal, VII, Concelho de Évora, I vol. A.N.B.A., Lisboa, 1966
- 194 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 417-418
- 195 Túlio Espanca, "Mosteiros de Vila Viçosa" in A Cidade de Évora, nº 53-54, pp. 45-60
- 196 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 423
- 197 Francisco I. C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 1988, p. 46
- 198 José António Pinheiro e Rosa, Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro, Câmara Municipal de Faro, 1984, pp.39-41
- 199 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 425-426 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves; J. A. Pinheiro e Rosa, op. cit., p. 40, em que afirma seguir informação de Flávio Gonçalves
- 200 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 426
- 201 Idem, ibidem, Elenco, p. 433
- 202 Francisco I. C. Lameira, op. cit., p. 94
- 203 Idem, A Escultura Barroca Algarvia (Catálogo e Ilustrações), pp. 67-68; idem, Itinerário Artístico do Algarve, IV - Concelho de Tavira, pp. 484, foto 7.54 e 486, foto 7.55
- 204 Francisco I. C. Lameira, A Escultura Barroca Algarvia, op. cit., p. 68; Idem, Inventário Artístico do Algarve, IV - Concelho de Tavira, p. 492, foto 7.58
- 205 Padre António Domingues de Sousa Costa, "Jerónimos" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. III
- 206 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 105
- 207 Alfredo Guimarães, "Azulejos de Guimarães (Estudo)" in Revista de Guimarães, vol. 36, nº 1-2, Guimarães, 1926
- 208 Flávio Gonçalves, nota de rodapé a J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 105
- 209 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Colégio de S. Jerónimo" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947
- 210 Padre João Pereira Gomes, "Jesuítas na Metrópole" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. III
- 211 Robert C. Smith, Agostinho Marques, «enxambrador da cónega», Barcelos, 1974, p. 47, nota 40
- 212 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 103
- 213 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Sé Nova" in Inventário Artístico de Portugal, II, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947
- 214 Reynaldo dos Santos, O Azulejo em Portugal, Lisboa, 1957, p. 134

- 215 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Real Colégio das Artes" in Inventário Artístico de Portugal, op. cit., pp. 111-113
- 216 José Fernandes Pereira, "Bellini, João António" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 217 Ver capítulo referente ao mecenato joanino na capital.
- 218 Maria João Madeira Rodrigues, "Igreja de S. Roque" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. V, Lisboa, 2º tomo, Junta Distrital de Lisboa, 1975, pp. 46-50
- 219 Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Lisboa, 1963
- 220 Nelson Correia Borges, "Do Barroco ao Rococó", História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 48
- 221 Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p.80
- 222 Maria João Madeira Rodrigues, op. cit., p. 50
- 223 Ayres de Carvalho, "Novas Revelações para a História do Barroco em Portugal, I - As obras de Santo Antão e os seus artistas" in Belas Artes, 2ª série, nº 20, Lisboa, 1964, p. 18
- 224 Idem, ibidem, pp. 13-17
- 225 Idem, ibidem, pp. 18-19
- 226 Idem, ibidem, p. 21
- 227 Idem, ibidem
- 228 Idem, ibidem, p. 22
- 229 J. S. Silva Dias, "Portugal e a Cultura Europeia (séculos XVI a XVIII) in Biblos, vol. XXVIII, Coimbra, MCMLII, p. 320
- 230 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 20 de Junho de 1750; ver anexo documental
- 231 Maia Ataíde, "Colégio Novo de Santo Antão" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. V, tomo 2º, pp. 155-160
- 232 Reynaldo dos Santos, O Azulejo em Portugal, Lisboa, 1957, p. 133
- 233 José Meco, O Azulejo em Portugal. Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 230, 234 e 226
- 234 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 207
- 235 Reynaldo dos Santos, op. cit., p. 134
- 236 Luis Gonzaga Pereira, "S. Antão Abbade" in Monumentos sacros de Lisboa em 1833, op. cit.
- 237 Mercúrio Histórico de Lisboa, 7 de Novembro de 1744 e 29 de Maio de 1745; ver anexo documental.
- 238 João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, op. cit.
- 239 Mercúrio Histórico de Lisboa, 17 de Setembro de 1746; ver anexo documental.
- 240 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 211-213
- 241 Luis Gonzaga Pereira, "N.S. da Conceição do R. C." in Monumentos sacros de Lisboa em 1833, op. cit.
- 242 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 387
- 243 Túlio Espanca, "Antigo Colégio e Universidade do Espírito Santo" in Inventário Artístico de Portugal, VII, Concelho de Évora, A.N.E.A., Lisboa, 1966
- 244 José Meco, O Azulejo em Portugal. Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 152
- 245 Idem, ibidem, p. 154

- 246 Idem, *ibidem*, p. 169; sobre o assunto ver também Luisa d'Orey Capucho Arruda, "Figuras de Convite" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 1989
- 247 José Meco, op. cit., p. 231
- 248 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 407-409
- 249 Túlio Espanca, op. cit., nota 205
- 250 Túlio Espanca, "Igreja do Colégio do Espírito Santo" in Inventário Artístico de Portugal, op. cit.
- 251 Túlio Espanca, "Notícia dos Edifícios do Colégio e Universidade do Espírito Santo" in Cadernos de História e Arte Eborense, XX, Évora, 1959
- 252 Túlio Espanca, "Vila Viçosa, Casa Professa de S. João Evangelista" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, 2 vols, A.N.B.A., 1978
- 253 Francisco I. C. Lameira, "Martins, Manuel" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 254 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 85
- 255 Padre António Domingues de Sousa Costa, "Lóios" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. IV
- 256 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 396-397
- 257 Idem, *ibidem*, Elenco, pp. 95-96; José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 232-233
- 258 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 96
- 259 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 118-119
- 260 Idem, *ibidem*, Elenco, pp. 409-410 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves; José Meco, op. cit., p. 223
- 261 Túlio Espanca, "Convento de S. João Evangelista", in Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora, A.N.B.A., Lisboa, 1966
- 262 António Coimbra Martins, "Oratorianos" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. IV
- 263 Túlio Espanca, "Miscelânea Alentejana» in A Cidade de Évora, nº 51-52, 1968-69, pp. 85-101; idem, Inventário Artístico de Portugal, VIII, Distrito de Évora, A.N.B.A., Lisboa, 1975, pp. 165-6
- 264 José Meco, O Pintor de Azulejos Manuel dos Santos, Definição e análise da obra, Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III série, nº 86, 1980
- 265 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 400-401 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 266 Luís Keil, "Avis, Igreja do Convento de S. Bento de" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943
- 267 Carlos Veloso, "Azulejos de Tomar e arredores do século XVI ao XVIII" in Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, nº 14, Março de 1991, p. 210
- 268 Idem, *ibidem*, p. 211
- 269 Idem, *ibidem*, p. 212
- 270 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Colégio de Tomar" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947
- 271 "No coração do Alto Lima" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 20

- 272 "Ao longo da Ribeira Lima" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 25
- 273 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 99; José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 233
- 274 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 14 de Outubro de 1747 e de 22 de Março de 1749; ver anexo documental.
- 275 Folheto de Lisboa de 20 de Outubro de 1742 e de 1 de Dezembro de 1742; ver anexo documental
- 276 Mercúrio Histórico de Lisboa, "Sabbado, 15 de Junho de 1743 / Porto, 8 de Junho - A 26 do mez passado, havendo-se acabado o Hospital dos Terceyros de S. Francisco foram para elle em Procissam duas Imagens do S.<sup>o</sup> e a Cruz do s<sup>to</sup> Lenho."
- 277 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 7 de Novembro de 1744, 25 de Junho de 1746 e 23 de Julho de 1746; ver anexo documental.
- 278 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 132
- 279 Idem, ibidem, Elenco, pp. 126-127
- 280 J.A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal, Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- 281 Gazeta de Lisboa, 2 de Outubro de 1738; ver anexo documental
- 282 Gazeta de Lisboa, de 14 de Junho de 1746; ver anexo documental.
- 283 Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, op. cit., vol. 39, Beira Litoral, Beira Baixa, Beira Alta; J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 126-127
- 284 Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, vol. XII, Lisboa, 1890
- 285 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Sacro, Pontifício e Real Colégio de S. Pedro" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947
- 286 Idem, "Colégio de S. Pedro dos Religiosos Terceiros" in ibidem
- 287 Idem, "Capela de Nossa Senhora da Conceição" in ibidem
- 288 Vítor Serrão, Santarém, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 11, pp. 74-75
- 289 Mercúrio Histórico de Lisboa, 15 de Janeiro de 1746; ver anexo documental
- 290 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 351-352
- 291 Gazeta de Lisboa, de 12 de Março de 1743; ver anexo documental.
- 292 J. H. Pais da Silva, "Igreja de Jesus ou Nossa Senhora das Mercês" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, V vol., Lisboa, tomo 29, Junta Distrital de Lisboa, 1975, pp. 69-72
- 293 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 213
- 294 José Meco, op. cit., pp. 116-117 e p. 225
- 295 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 382
- 296 Luis Keil, "Elvas, Igreja dos Terceiros" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943

- 297 Luis Keil, "Monforte, Igreja da Ordem Terceira" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.
- 298 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 412-413
- 299 Idem, ibidem, Elenco, p. 416
- 300 Túlio Espanca, "Vila Viçosa, Igreja de Santo António" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, IX, Lisboa, 1978
- 301 Francisco I. C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit. p. 68
- 302 Idem, ibidem, p. 81
- 303 José António Pinheiro e Rosa, "Igreja de S. Francisco" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro, op. cit., p. 22
- 304 Francisco I. C. Lameira, op. cit., p. 47
- 305 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 426-427
- 306 José Meco, op. cit., pp. 8, 9 e 235
- 307 José António Pinheiro e Rosa, op. cit., p. 23
- 308 Idem, ibidem, p. 23
- 309 José António Pinheiro e Rosa, "Igreja do Carmo" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro, op. cit., pp. 38-39
- 310 Gazeta de Lisboa de 24 de Julho de 1719; ver anexo documental
- 311 Francisco I. C. Lameira, op. cit., p. 19
- 312 Idem, ibidem, p. 19
- 313 Idem, ibidem, p. 48, fig. 48
- 314 José António Pinheiro e Rosa, op. cit., p. 38
- 315 Idem, ibidem
- 316 Idem, ibidem
- 317 Francisco I. C. Lameira, op. cit., pp. 18 e 50, fig. 51
- 318 José António Pinheiro e Rosa, op. cit., p. 39
- 319 Francisco I. C. Lameira, op. cit., p. 51, fig. 52
- 320 Idem, ibidem, fig. 53
- 321 José António Pinheiro e Rosa, op. cit., p. 39
- 322 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Colégio de S. Paulo I Eremita" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947
- 323 Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1962, p. 125, nota 37
- 324 Idem, ibidem, p. 102
- 325 Ayres de Carvalho, "Novas Revelações para a História do Barroco em Portugal, III, Documentos - Alguns entalhadores portugueses - Assinaturas do artista Pascoal Roiz (Pacheco de Lima) pai de Santos Pacheco" in Belas-Artes, 2ª série, nº 20, Lisboa, 1964, p. 76
- 326 Idem, ibidem, p. 77
- 327 Robert C. Smith, op. cit., p. 102
- 328 Idem, ibidem, p. 103
- 329 Cyrillo Volkmar Machado, Colleção de Memórias, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 81
- 330 L. A. Esteves Pereira, "A Organaria Portuguesa no século XVIII" in Bracara Augusta, Actas do Congresso «André Soares

- A Arte em Portugal no século XVIII», III tomo, vol. XXVIII 1974, nº 65-66 (77-78), pp. 492-504
- <sup>331</sup>Nelson Correia Borges, "Do Barroco ao Rococó", História da Arte em Portugal, vol. 9, Publicações Alfa, Lisboa, 1986
- <sup>332</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 224
- <sup>333</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 224
- <sup>334</sup>Mercurio Histórico de Lisboa, "Sabbado, 12 de Setembro de 1744 - Acha-se moribundo Fr. Pedro Caldas Religioso Paulista, a quem o Convento da Calçada do Combro deve huma eterna memoria do seu augmento, e fundaçam pela consideravel despeza que à sua custa tem feyto nelle. Testou 700 U/ cruzados..."
- <sup>335</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 399
- <sup>336</sup>Idem, ibidem, Elenco, p. 418
- <sup>337</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 228
- <sup>338</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 423
- <sup>339</sup>Francisco I. C. Lameira, "Martins, Gaspar" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- <sup>340</sup>Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 92
- <sup>341</sup>Idem, "Lourenço, Domingos" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- <sup>342</sup>Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 93
- <sup>343</sup>Sobre estes retábulos e imagens respectivas, ver também: Francisco I. C. Lameira, A Escultura Barroca Algarvia (Catálogo e Ilustrações), op. cit., pp. 68-69; idem, Inventário Artístico do Algarve, IV - Concelho de Tavira, pp. 248, 250, 252, 254, 256, 260, 262, 266 e 268, fotos 6.63, 6.64, 6.65, 6.66, 6.67, 6.69, 6.70, 6.72 e 6.73
- <sup>344</sup>Padre António Domingues de Sousa Costa, "Trinitários" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. VI
- <sup>345</sup>Luiz Montez Mattozo, História cronologica, politica e eclesiastica da Vila de Santarem que comprehende as vilas da sua comarca e arcediago, Anno de 1738, Cod. CIII/2-4 da Biblioteca Pública de Évora (Cópia de 1940 existente na Biblioteca de Santarém, HG 151/1-2)
- <sup>346</sup>Inacio da Piedade e Vasconcelos, História de Santarém Edificada, que dá noticia da sua fundação, e das couzas mais notaveis nella sucedidas, Lisboa, 1740
- <sup>347</sup>Folheto de Lisboa, de 24 de Março, 7 de Julho, 15 de Setembro e 24 de Novembro de 1740; ver anexo documental.
- <sup>348</sup>F. L. Pereira de Sousa, O Terramoto do 19 de Novembro de 1755 em Portugal, vol. II - Distrito de Santarém e Portalegre, Lisboa, 1919
- <sup>349</sup>Sobre o estado actual do património arquitectónico de Santarém, agradecemos a colaboração do aluno da Escola Superior de Belas Artes (2º ano. 1987/88), Francisco Carlos Ribeiro Soares Rodrigues.
- <sup>350</sup>Biblioteca Municipal do Porto, maço nº 534, cad. 39, documento transcrito em Eduardo C. N. Pereira, Ilhas de Zargo, vol. II, 3ªed., Funchal, 1968, p. 680
- <sup>351</sup>Idem, ibidem, p. 708
- <sup>352</sup>Idem, ibidem, p. 781
- <sup>353</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa nos Acores e na Madeira, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1963

- 354 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit., p. 278
- 355 Idem, ibidem, p. 278-9
- 356 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira, op. cit.
- 357 Idem, ibidem, pp. 161-162
- 358 Idem, ibidem, pp. 157-158; José Meco, op. cit., p. 233
- 359 Idem, ibidem
- 360 Nestor de Sousa, A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1986, Documento 17, p. 307
- 361 Gazeta de Lisboa de 8 de Outubro de 1733: "N Cidade de Ponta Delgada da Ilha de S. Miguel se acabou a Igreja nova dos Religiosos de Santo Agostinho, dedicada a N. Senhora da Graça, e ficou pela sua capacidade, e proporção da sua estrutura, hum dos melhores Templos da ilha..."
- 362 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 234
- 363 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira, op. cit., pp. 118-119
- 364 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 43-44
- 365 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 40-41; José Meco, op. cit., p. 227
- 366 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 41
- 367 Idem, ibidem, pp. 45-46
- 368 José Meco, O Pintor de Azulejos Manuel dos Santos, Definição e análise da obra, Separata do «Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa», 1980, pp. 39-41 e 56-60
- 369 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 62-63
- 370 Idem, ibidem, p. 63
- 371 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 226
- 372 Idem, ibidem, pp. 60-61
- 373 Idem, ibidem
- 374 Idem, ibidem, pp. 104-105; José Meco, op. cit., p. 223
- 375 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 108
- 376 Idem, ibidem, p. 132
- 377 Idem, ibidem
- 378 Germain Bazin, L'Architecture Réligieuse Baroque au Brésil, 2 vols., Paris, 1956-58
- 379 Lúcio Costa, "A Arquitectura dos Jesuítas no Brasil" in Revista do Património Histórico e Artístico Nacional, nº 5, Rio de Janeiro, 1941, pp. 9-104
- 380 Sandra Poleshuck de Faria Alvim, Architecture religieuse coloniale à Rio de Janeiro: Une méthodologie d'étude, 7 vols., Pantheon - Sorbonne, 1991 (Tese de Doutoramento na Universidade de Paris I)
- 381 Sandra P. Faria Alvim, Arquitectura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro, Conferência realizada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 5 de Maio de 1992
- 382 Idem, op. cit. nota 310, cap. III - As experiências formais e a primeira metade do século XVIII, pp. 296-297 e 300-307
- 383 Idem, ibidem, pp. 340-343
- 384 Idem, ibidem, pp. 348-353

385 *idem*, *ibidem*, pp. 355-364

386 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 231

387 Sandra Faria Alvim, op. cit., pp. 367-378 e 398-428

388 Angelo Guido, "Aspectos da Pintura Barroca no Brasil", Aspectos do Barroco III, in Boletim do Gabinete Português de Leitura, nº 9, Porto Alegre, 1967, pp. 35-36

389 Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, "Barroco no Brasil" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.

390 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 231

391 Sobre cada um destes exemplos, ver a obra de J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1965

### Festa barroca promovida pelas Ordens religiosas

As ordens religiosas promoveram igualmente festas em datas especiais, como as do seu santo patrono, ou de santos da especial devoção dos crentes, ou do culto tradicional de cada Ordem.

Estas festas seguem um esquema idêntico, variando apenas a grandiosidade e duração das manifestações. Um elemento constante é a procissão, que pode ou não implicar a construção de arcos de triunfo nos locais por onde passa. Mais vulgar é a presença, no cortejo, de carros de triunfo e de figuras, a pé ou a cavalo, acompanhando os andores dos santos homenageados. Estas procissões eram acompanhadas de música, de vozes, ou instrumental, a que se acrescentava em dados momentos, o repicar dos sinos, as salvas de artilharia e o troar dos foguetes, sobretudo à noite, quando se faziam exhibições de fogo de artifício.

As ruas eram devidamente preparadas, começando por ser limpas e cobertas de areia, sendo depois ornamentadas com pétalas de flores, que formavam desenhos. Às janelas, penduravam-se colchas, e em casos especiais, as ruas podiam ser toldadas.

A fachada da igreja era normalmente transformada, durante o período nocturno, através do recurso a luminárias, que se podiam estender a outras igrejas ou até às casas vizinhas.

Na parte mais estritamente religiosa, havia missas, pregavam-se sermões e cantava-se o *Te Deum*, podendo as

cerimónias prolongar-se ao longo de vários dias: tríduo (três dias), oitavário (oito) ou novena (nove).

A festa religiosa aliava-se a de carácter profano, que revestia os aspectos mais diversos: representação de comédias, touradas, encamisadas, cavalhadas e mesmo academias, onde se recitavam poemas alusivos ao acontecimento comemorado. Em muitos casos, este era noticiado nas Gazetas da época ou merecia mesmo um relato escrito, que era publicado numa folha volante, normalmente acompanhada do texto do sermão pregado.

As festas mais grandiosas e promovidas pelas Ordens religiosas eram as que comemoravam a beatificação ou canonização de um membro da Ordem e estas contaram, nalguns casos, com a protecção do rei D. João V, que as custeava e nelas participava.

Não foi ainda feito o levantamento e análise de todas estas notícias e publicações, que constituem, à falta de imagens, um elemento importante para o estudo da festa barroca. É importante acentuar que cada uma destas celebrações obedecia normalmente a um programa iconográfico, de carácter simbólico e alegórico, que merece ser estudado.

Deixamos aqui de acordo com o mesmo critério de ordenação, anteriormente usado, a notícia de alguns destes festejos, acompanhado da transcrição do documento original, em alguns dos casos, a título exemplificativo.

### Carmelitas

A canonização de S. João da Cruz foi conhecida no Convento do Carmo, em Lisboa, a 7 de Fevereiro de 1727 e foi celebrada com *Te Deum*, repiques durante três noites e iluminação deste Convento, do de S. Domingos e do dos Padres Descalços.

Mais tarde, fizeram-se outras comemorações, devidamente preparadas. A 16 de Junho, defronte da porta principal da Igreja, foi arvorada "huma soberba Astea, listada de branco, e pardo, cores de nossa Ordem, coroada com hum Estandarte, em que de huma parte se via a Imagem de Maria Santissima Senhora do Carmo, e da outra a do glorioso S. João da Cruz...".

Em Setembro do mesmo ano, a partir do dia 21, foi feito um oitavário, para o que a Igreja foi devidamente armada. No primeiro dia, foram rezadas vésperas e foi lido o Breve de indulgências. No segundo dia, chegou o Patriarca e cantou-se o *Te Deum*; depois a igreja foi visitada pelos Padres do vizinho Convento da Trindade e cantou-se outro *Te Deum*. Nos dois dias seguintes, houve missa, visita de outras Ordens religiosas - Dominicanos, Franciscanos, de Xabregas e Jesuítas - e *Te Deum*. No quinto dia, para além da missa e visita de Ordens, rezaram-se Vésperas, com a presença da Rainha, principes e Infantes. No sexto dia, foi a visita de D. João V e do Infante D. António, seu irmão e, no sétimo dia, missa, sermão e, de novo, a visita da rainha D. Maria Ana de Aústria. No oitavo dia, foi a procissão, com as

janelas armadas, oito carros de triunfo e figuras a pé e a cavalo.

Durante as oito noites que duraram os festejos, houve sempre "luminarias e repiques"<sup>1</sup>.

Um outro folheto descreve-nos os seis carros alegóricos que participaram na Procissão e que alternavam com grupos de figuras, representando as Virtudes e vícios que se lhes opunham, assim distribuídas:

- 1º - Zelo, Obediência, Pobreza e Castidade;
- 2º - Caridade, Fé, Esperança, Fortaleza;
- 3º - Justiça, Verdade, Vigilância, Paciência;
- 4º - Doutrina, Sciência, Sabedoria, Humildade;
- 5º - Modestia, Temperança, Mansidão, Perseverança;

Cada virtude trazia acorrentada a si o respectivo vício, excepto a Castidade, que triunfa simultaneamente sobre o Amor profano e a Lascívia.

Quanto aos carros, o primeiro representava o Monte Carmelo, onde tinha vivido Santo Elias; este, abrasado pelas chamas, dava a capa a seu discípulo, Eliseu, seguido pelo primeiro grupo de virtudes.

O segundo carro, puxado por oito cavalos, transportava os mártires carmelitas e era seguido pelo grupo de Virtudes que mais tinham distinguido estes santos (Caridade, Fé, Esperança, Fortaleza).

O terceiro carro trazia os santos Patriarcas e Prelados, seguidos pelas virtudes que mais praticavam,

situação que se repetia com o quinto carro, com os Doutores da Igreja e respectivas virtudes.

O quinto carro era consagrado à Virgem e com ela vinha o último grupo de figuras.

O sexto carro era o da apoteose de S. João da Cruz, numa glória de anjos.

A estes carros seguia-se a procissão com os andores e a Cruz, seguida pela comunidade do convento<sup>2</sup>.

Além destas duas narrativas, as festas de canonização de S. João da Cruz deram lugar a outra obra de carácter joco-sério, da autoria de Frei Simão de Santa Catarina<sup>3</sup>. Este era um frade jerónimo, membro de várias academias, e que chegou a ser lente de Teologia Moral no seu convento de Belém, em 1723, vindo a falecer em 1733.

Pelo seu carácter, esta obra ultrapassa o mero relato dos acontecimentos, e se parece brincar com algumas situações, como quando refere a vaidade de alguns frades carmelitas pelas visitas do rei ao seu convento, é extremamente sério quando exalta o poder real, colocando D. João V na situação de Rei-Sol, ou quando, a propósito da dupla Fé-Heresia, alerta para os perigos desta, representada não só por Luteranos e Calvinistas, mas também por aqueles que eram o verdadeiro inimigo da Fé entre nós - os Judeus.

Por todas estas razões, e também pelo seu carácter literário, esta obra é, de todos os relatos de festas, o que tem despertado a atenção dos estudiosos<sup>4</sup>.

Na sua primeira análise, a autora procurou chamar a atenção para a forma como Frei Simão trata o rei e a família real. D. João V, qual Rei-Sol, deslumbra pelo seu brilho e "perplexa a vista estava, / em qual mauores rayos admirava;/ mas muy pouco teria de advertido, / quem admirasse as luzes do vestido, / pois do vestido toda a luz radiante, influxo brilha do Real semblante."<sup>5</sup>

Também a Rainha e os Infantes são comparados a "Soes", enquanto as damas da comitiva são "estrellas".

Depois da exaltação do poder real, vem a parte religiosa, a propósito da descrição das figuras alegóricas, que como nos refere a analista do texto, é uma encenação de objectivos essencialmente pedagógicos.

As artes são igualmente referidas, podendo-se subentender da linguagem cheia de metáforas e hipérboles, característica do barroco, a decoração do interior da igreja, coberta por "colgaduras" decoradas a ouro e pedras preciosas.

Ao prazer da vista, acrescenta-se o da audição, já que as cerimónias são acompanhadas de música de diversos instrumentos, de que Frei Simão refere trombetas, oboés, tímboles e charamelas, a que se acrescenta o repicar dos sinos e o coro das vozes que entoam cânticos.

Mas as festas pela canonização de S. João da Cruz não se limitaram à capital, mas estenderam-se a outras cidades, como Porto, Évora e Coimbra. Também em Aveiro, elas

deram origem a celebrações que se encontram descritas na «Gazeta de Lisboa»<sup>6</sup>. Estas festas não implicaram construção de architecturas efémeras ou significativas alterações da cidade ou das igrejas, mas compreenderam um certame poético, promovido pela Academia local dos Aquilinos, jogos populares, tourada e teatro.

O certame poético realizou-se ao longo dos dias 20, 21 e 22 de Outubro e iniciou-se com quatro orações pronunciadas em quatro línguas - português, latim, castelhano e francês. Além disso, foram apresentadas composições poéticas sobre dez assuntos diferentes, baseadas nos feitos do Santo, submetidas a um júri de três juizes, que premiou, em cada assunto, as que ficaram em primeiro e segundo lugar. Para animar o certame, que se realizou no Convento do Carmo, houve música, mas nada se sabe quanto ao local exacto em que decorreu, nem se houve decoração especial para o efeito.

De todas estas comemorações, sobressai o facto de S. João da Cruz não ter tido grande aceitação entre nós, pelo que surpreende a forma como a sua canonização foi celebrada<sup>7</sup>.

Na verdade, estas festividades não eram mais do que uma forma de exaltação dos poderes, real e religioso, e um pretexto para o recordar a todos através do deslumbramento causado por todas estas encenações. Quanto à festa de Aveiro, ela conjuga um aspecto literário com outros essencialmente populares.

### Congregação de S. Camilo de Lélis

A canonização do patriarca desta congregação que se dedicava a auxiliar os enfermos, foi celebrada em todas as cidades da Europa onde existiam fundações do seu Instituto, mas em Portugal estas ainda não se tinham estabelecido, pelo que o rei D. João V decidiu festejar o acontecimento com um oitavário, tal como o tinha feito, em 1727, com as canonizações de S. Toríbío Morojevo, arcebispo de Lima, no Perú, e S. Peregrino Lazziosi, da Ordem dos Servos de Maria Santíssima, e, em 1738, com S. Vicente de Paula.

O local escolhido para festejar a canonização de S. Camilo foi a igreja do Hospital Real de Todos os Santos, o que estava de acordo com os objectivos da ordem, e das celebrações foram encarregues os Padres da Congregação do Oratório, que também deveriam escrever uma relação das festas.

A igreja foi decorada com alfaias e tapeçarias do Tesouro Real. Durante os oito dias de festa, também o exterior ficou devidamente assinalado. No Rossio, um pouco afastado do primeiro degrau da escada, foi construído um parapeito de madeira pintada, com 26 pilares sustentando vasos dourados, e terminando alternadamente em arco de volta perfeita e em ponta. O parapeito tinha três portas que davam acesso à escada. De cada lado desta, estavam dois estrados de madeira, adornados com cortinas e panos bordados, onde se colocaram dois coros de instrumentos.

As festas iniciaram-se a 17 de Junho de 1727, com as vésperas. Esperando-se muita afluência de público, foram colocados soldados com baionetas em todas as portas da igreja e hospital.

O interior da igreja estava iluminado com velas, lampadários e tocheiros, que valorizavam as alfaias de ouro e prata. Foram os Eremitas de S. Paulo da Serra d'Ossa que participaram nas cerimónias, dadas as suas funções idênticas às dos seguidores de S. Camilo de Lélis.

Os salmos e hinos de vésperas foram entoados "pelas melhores vozes Portuguezas e Italianas, e diversas castas de instrumentos, como orgão, rebecas, rebecoens, clarins, autboás [oboés], timbales, flautas, tocados todos pelos mais insignes professores...".

Acabadas as vésperas, preparou-se a iluminação do exterior da igreja. O rei, a rainha e toda a família real assistiram ao início da solenidade do vizinho palácio dos Estaus.

Dois regimentos de infantaria foram colocados ao longo das ruas por onde devia passar o triunfo, um de cavalaria formou-se defronte do convento de S. Domingos e o outro do lado oposto. As ruas e praça foram cobertas de areia e atapetadas de flores.

Reuniram-se então todas as comunidades religiosas que tinham celebrado os dias do oitavário e cantaram as segundas vésperas, tendo sido oficiante o arcebispo de

Lacedemónia, vestido de pontifical. Seguiu-se o *Te Deum Laudamus* e depois formou-se a procissão.

A frente, iam dois pares de timbales e nove clarins, tocados pelos trombetas e timbaleiros reais que envergavam as suas fardas cobertas de galões de ouro. Seguia-se um pendão de tela de prata, guarnecido de galões e franjas de ouro, tendo ao centro bordado o escudo com as armas da ordem de S. Camilo. O pendão era levado por um padre de Milão, pertencente àquela congregação, e os cordões eram seguros pelos marqueses de Angeja e Gouveia e pelos condes de Atougua e Tarouca. Depois vinham as sete comunidades religiosas, pela ordem que tinham celebrado as festas do oitavário, com tochas acesas, e, no final, o clero secular. A imagem do santo, vestida de tela preta e ouro, era transportada num andor prateado por dez pessoas. De cada lado do andor, doze sacerdotes levavam lanternas de prata com velas acesas. Seguia-se o arcebispo, paramentado de pluvial e mitra e acompanhado pelos seus ministros e capelães.

A procissão saiu do Rossio, deu a volta pelas ruas dos Escudeiros e Odreiros, e voltou àquela praça, junto do Paço dos Estaus, onde estavam os reis, e depois voltou à igreja, onde o bispo deu a benção aos assistentes. No final, os regimentos formaram junto à igreja e deram três descargas de mosquetes. Regressaram então aos quartéis, mantendo-se na praça apenas os que aí estavam durante o tempo da iluminação.

Vários conventos da cidade também se encontravam iluminados durante todas as noites do oitavário: o da Trindade, o do Carmo, o de S. Domingos, o de Nossa Senhora de Jesus, o do Santíssimo Sacramento dos Paulistas, o de Santo António, de Capuchos, o de S. Pedro de Alcântara, de Arrábidos, o do Espírito Santo, de Oratorianos. A 19, iluminou-se o de S. Francisco da Cidade e também nas duas últimas noites do oitavário; nas noites de 22 e nas duas seguintes, juntaram-se-lhes o da Graça, de eremitas de Santo Agostinho e o de Santo Antão, dos Jesuítas.<sup>8</sup>

Não estando representada a sua ordem em Portugal, a festa de S. Camilo de Lélis foi participada pela maioria dos conventos de Lisboa e durante algumas noites, a cidade transformou-se, saindo das trevas habituais, e adquiriu um ar festivo.

### Dominicanos

Segundo notícia de Santarém, do «Mercúrio de Lisboa» de 12 de Outubro de 1743, a 6 do mesmo mês, tinha-se realizado a Festa de Nossa Senhora do Rosário na igreja de S. Domingos da referida vila, com uma procissão solene, com muitas figuras de pé e, num andor, a imagem de Nossa Senhora do Rosário<sup>9</sup>.

### Jesuítas

Durante o reinado de D. João V foram também canonizados santos pertencentes à Companhia de Jesus, como Luis Gonzaga e Estanislau Koska, em Julho de 1727.

Em Braga, o Colégio de São Paulo celebrou o acontecimento com um triduo, que culminou em magnífica procissão, sendo as cerimónias minuciosamente descritas numa publicação assinada por um natural de Braga, João de Oliveira.

Durante os dois primeiros dias, numerosas pessoas acorreram à Igreja, onde para além das missas e sermão adequado ao evento, se ouvia sempre "a deliciosa melodia dos instrumentos".

Na quarta-feira, 30 de Julho, realizou-se a magnífica procissão, para o que as ruas foram toldadas à custa dos mercadores, "que com ricas pessos de suas lojas quizerão imitar ao Ceo, multiplicando Iris na variedade das cores".

A procissão de triunfo iniciava-se com "hum carro vestido de frescos ramos", junto do qual estavam quatro Gigantes e quatro Pigmeus, devidamente armados, que saíam do carro e travavam uma luta, cantando alternadamente letras alusivas aos novos santos.

Seguiam-se oito figuras ricamente vestidas, que acompanhavam um galã, que tocava viola e guiava o labirinto

das voltas que as figuras davam, após o que entoavam versos também dedicados aos santos.

Seguia-se a figura que representava a Companhia, montada a cavalo e toda engalanada com ouro e jóias e sedas que cobriam o próprio cavalo. Na mão levava um estandarte de tela de ouro, em que se via Jesus e uma legenda alusiva. Também o cavalo ia ricamente ajaezado.

Via-se depois o primeiro andor, dedicado ao Beato João Francisco Regis, cujas virtudes eram enaltecidas pelas vozes de doze figuras magnificamente vestidas. Este andor tinha sido custeado por um particular anónimo.

O segundo andor ficara a cargo da Irmandade de Nossa Senhora dos Prazeres, e homenageava São Diogo Quizay, mártir do Japão.

Outro grupo reunia oito figuras que cantavam, estando quatro vestidas à alemã, e as outras eram de galãs, ricamente vestidos e ornamentados com jóias.

O terceiro andor, dedicado a S. João de Goto, fora da responsabilidade das religiosas do Salvador.

Seguia-se um carro cheio de árvores, entre as quais se escondiam dezasseis rapazinhos negros. Um contratador, iludia-os e acabava prendendo a mãe, mas tudo se compunha e acabavam cantando. Os negrinhos eram os corações livres, a mãe, a idolatria e o contratador, os varões apostólicos.

O quarto andor, de que se tinham encarregado as Religiosas de Nossa Senhora dos Remédios, era dedicado a S. Paulo Mihi.

Sucedia-lhe outro carro alegórico, onde o «Rapto de Ganimedes» aludia a Santo Estanislau, que morrera jovem ascendendo à glória eterna.

O quinto andor, em que ia S. Francisco de Borja, fora executado pelas religiosas da Conceição.

O terceiro carro representava um milagre sucedido com S. Luis Gonzaga, que atravessando o rio Ticino, a corrente lhe partira a carroça em que seguia. Entre as ondas do rio duas sereias socorriam o menino.

O sexto andor transportava S. Francisco Xavier e fora da responsabilidade da Irmandade do mesmo santo.

O quarto carro representava uma alegoria aos dois santos, navegando neste mundo, com um baile em que se figurava um mar com Arion cavalgando um golfinho e uma praia com rochedos dos quais saía a ninfa Eco. O baile era acompanhado por dezoito músicos, acompanhados por violas, rabecas e flautas, sendo a composição do organista da Sé, padre Manuel de Matos.

O sétimo andor da responsabilidade dos estudantes, era homenagem a Santo Inácio de Loiola.

Mais dois carros compreendia o quinto baile, em que a fábula de Castor e Pólux, transformados por Júpiter em estrelas era o tema. Para ornamentar as figuras principais, tinham vindo jóias de Braga, Viana, Ponte de Lima, Guimarães, Porto e Trás-os-Montes.

No primeiro carro, viam-se Hércules e Atlas sustentando uma esfera celeste, pintada com os seus trópicos

e outros círculos e os doze signos do Zodíaco. Dentro do globo, estava Júpiter, num trono, ladeado por águias. Em quatro meios tronos, iam sentados o Sol, Marte, Saturno e Mercúrio.

O segundo carro mostrava Castor e Pólux transformados em estrelas, acompanhados de Leda, sua mãe, e, mais abaixo, da Lua e de Vénus. Entre os dois carros, caminhavam seis constelações.

Os festejos completaram-se ainda com as costumadas luminárias. No Campo de S. Tiago, durante quatro noites se admirou uma composição de seis mil luzes, em que se glorificavam os dois santos. Começava por uma escada que elevava o estrado ou pavimento em que tudo assentava. Uma varanda com grades da ordem coríntia era coroada por vasos de jaspe com flores. Ao centro, estava um arco triunfal de três faces; na primeira, duas colunas jónicas, imitando o mármore branco e vermelho e duas peanhas em que se admiravam, de cada lado, dois atlantes, simbolizando os dois santos canonizados. As bases das colunas e entablamento imitavam o mármore branco e azul, enquanto o arco era da mesma cor das colunas. No remate estava uma coroa dourada, sustentada por dois anjos encarnados, também símbolos dos dois santos.

Por trás do arco, elevavam-se os seguintes e sobre estes umas quartelas, no meio das quais estava a cruz. As quartelas imitavam o mármore amarelo, branco e vermelho, e nas voltas inferiores, viam-se outros dois atlantes, que

tinham na mão tulipas amarelas e vermelhas, imitando chamas. Da parte superior das quartelas, subiam duas pirâmides com globos de que saíam raios brilhantes. Esta composição era rematada por outro atlante, que sustentava um vulcão de que saíam chamas.

As duas outras faces do arco eram idênticas. No meio do pavimento, por baixo do arco, estava um chafariz, imitando mármore branco e vermelho, com um tanque oval, com uma taça redonda, da qual subia uma coluna que sustentava a segunda taça. No coroamento, estava um serafim, sobre cujas asas se via um resplendor com as armas da Companhia. Daqui saíam dois rios de fogo, que simbolizavam os dois santos.

De cada lado desta estrutura, encostados à parede do corredor da casa da Companhia, estavam dois arcos de ordem jónica. No da direita estava uma fonte de prata, alusiva à pureza de Santo Estanislau Koska. Era rematada por uma coroa que ocupava todo o vão do arco. No alto do arco, estavam as armas da Polónia, de que é protector Santo Estanislau. Dois atlantes, como no arco, seguravam flores de fogo. No remate, via-se ainda uma pirâmide, da qual saíam raios de fogo.

Do lado esquerdo, o arco era dedicado a S. Luis Gonzaga e tinha as armas de Mântua, de que este santo é protector e tinha também ao centro uma fonte semelhante ao outro.

Esta composição efémera era acompanhada por seis mil luzes, que em quatro filas ornavam a todo o comprimento a

Casa da Livraria, iluminando todo o terreiro, tal como tochas que se acendiam nas casas vizinhas do Colégio.

Num dos lados do campo de S. Tiago, estava outro chafariz de fogo, em correspondência do de água que ficava do outro lado da rua, igualmente iluminado.

O frontisício da igreja também tinha sido iluminado e coroavam-no vistosas bandeiras, símbolos de vitória; o mesmo acontecia com a torre, num total de perto de cinco mil luzes.

Para completar as festas, houve fogo de artifício, durante as quatro noites. Para o efeito construiu-se uma varanda de madeira nas janelas da torre que deitam para o campo de S. Tiago, e ao som dos sinos, gaitas, caixas e clarins, lançavam-se os foguetes. Para além daqueles que caíam "em lágrimas", houve também fogo preso, com rodas que girando se desfaziam em chamas, lançando foguetes, e girândolas de fogo.

Além disso, foi representado um drama, alusivo a S. Luis Gonzaga, obra do Mestre de Retórica da primeira classe do Colégio de Braga, Padre Xavier da Costa<sup>10</sup>.

Estes festejos, da iniciativa da Companhia de Jesus, uma das mais poderosas instituições religiosas do reino, são bem exemplificativas dos aspectos que revestia a festa religiosa.

A canonização dos santos Luis Gonzaga e Estanislau Koska foi também festejada em Velha Goa, tendo sido objecto de um relato de que só chegou um exemplar aos nossos dias, o

qual se encontra na Biblioteca da Companhia em Roma («Traça da Pompa Triunfal com que os Padres da Companhia de Jesus celebram em Goa a canonização...»). Aqui se descreve a procissão, muito idêntica às que então se realizaram na Metrópole. Os padres iam paramentados a rigor. O relato descreve o ceremonial que constou de um agradecimento a Deus, e uma procissão para a qual foram embelezadas as ruas, com emblemas, empresas tenções e traças com muito ouro e prata. Seguiam à frente as bandeiras com a efígie dos santos canonizados e depois vinham os carros alegóricos, em que eram exaltadas as virtudes dos mesmos. Na procissão participaram além dos Padres, tropas de cavalaria, membros do Seminário de Santa Fé e todos os estudantes do Colégio da Companhia em Goa<sup>11</sup>.

Outro santo da Companhia que foi canonizado durante o reinado de D. João V, em 1739, foi S. João Francisco Regis, a cujos festejos organizados pela Casa de S. Roque, assistiu a Corte de Lisboa.

A celebração foi mais longa, traduzindo-se num oitavário, a que assistiram, de manhã até à noite, o rei D. João V, o príncipe do Brasil, D. José, e os infantes D. Pedro e D. António. A estes se juntaram, nalguns dias, a Rainha, com as damas da sua comitiva.

A inauguração das festividades pertenceu ao Patriarca D. Tomás de Almeida, com todo o seu Cabido, e a ela assistiram outras Ordens religiosas.

A noite, foi iluminada a igreja de S. Roque, assim como as casas da Companhia a ela ligadas. As varandas que cercavam o telhado da igreja foram decoradas com luzes de diversas cores. De cada lado, da parte do relógio, como do lado da torre sineira, elevaram-se dois corpos piramidais, igualmente revestidos de luzes. As varandas, a espaços, eram decoradas com globos, pirâmides e coroas de luzes.

Na fachada da igreja, foram colocadas pinturas e quartelas, também iluminadas. As casas vizinhas, que davam para a mesma praça também foram iluminadas pelos seus moradores.

Também o vizinho convento da Trindade foi iluminado e adornou a sua torre com luzes de diversas cores. Mas a decoração mais exuberante foi a do Convento da Graça, de Padres Agostinhos, cujas iluminações eram impossíveis de descrever, tal "a industria, a artificiosa disposição com que se viram d'alli competidas as estrellas"<sup>12</sup>.

### Oratorianos

As ordens religiosas que se dedicavam ao ensino, como os Jesuítas e a Congregação do Oratório, costumavam acrescentar às habituais manifestações de carácter devocional, que caracterizavam as festas religiosas, representações teatrais. O teatro dos Jesuítas era normalmente em latim.

A Congregação do Oratório promoveu representações em língua portuguesa, como a que se realizou em Estremoz, em honra de S. Filipe Néri, que se traduziu na apresentação de uma tragicomédia em que participaram vinte e um actores, todos estudantes que frequentavam as aulas da Congregação<sup>13</sup>.

### Ordens Terceiras

De acordo com a «Gazeta de Lisboa», de 30 de Junho de 1740, na quarta feira anterior tinha-se realizado a procissão dos Terceiros de Nossa Senhora de Jesus, "com muitos andores, rica e vistosamente guarnecidos, dous carros de Trinfo, e varias figuras montadas a cavallo e custosamente vestidas"<sup>14</sup>.

NOTAS:

<sup>1</sup>Fr. Manuel de Sá, Memorias Historias, Panegyricas, e Metricas Do Sagrado culto, com que no Real Convento de N. Senhora / do Carmo de Lisboa Occidental se celebrou a Ca/nonização do Glorioso Doutor Mystico S. JOÃO DA CRUZ, Lisboa Occidental, Na Officina de Miguel Rodrigues, MDCCXXVIII (B. N. Lxã, HG 2610 P)

<sup>2</sup>Triunfo Carmelitano do Real Convento do Carmo de Lisboa na Canonização de S. João da Cruz, Religioso professo da Observancia no seu convento de Santa Ana de Medina, e depois Pay da Reforma Carmelitana. Lisboa Occidental, Na Officina de Miguel Rodrigues, MDCCXXVII

<sup>3</sup>Frei Simão de Santa Catarina, Relaçam Metrica das Solemnissimas festas, com que os Religiozos Carmelitas de Lisboa Occidental celebrarão a Canonização de S. Joam da Cruz em Setembro de 1727, Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, Anno de 1729

<sup>4</sup>Entre esses estudos, salientamos: Natália Baeta Nogueira, "A Lição da Festa na *Relação Métrica* de Frei Simão António de Santa Catarina" in Claro-Escuro, nº 2-3, Maio/Novembro de 1989, Lisboa, Quimera Ed., pp. 135-142; mais recentemente, a mesma autora apresentou ao Congresso «A Festa no Século XVIII» uma comunicação com o título "O relato da festa na «Relação métrica» de Frei Simão António de Santa Catarina" in A Festa, Comunicações apresentadas ao VIII Congresso Internacional, Lisboa, 18 a 22 de Novembro de 1992, II vol., pp. 825-839

<sup>5</sup>Citado por Natália Baeta Nogueira, op. cit. in Claro-Escuro, pp. 137

<sup>6</sup>Gazeta de Lisboa de 4 de Dezembro de 1727

<sup>7</sup>Luis Machado de Abreu, "A Festa Académica e Religiosa. Homenagem de Aveiro a S. João da Cruz em 1727" in A Festa, op. cit. II vol., pp. 443-454

<sup>8</sup>Relação das magnificas festas com que na cidade de Lisboa foi aplaudida a canonização de S. Camillo de Lellis, Lisboa, 1747 (B.N. Lxã R. 21560 P). Esta relação é parcialmente transcrita por Manuel Bernardes Branco, Portugal na Epocha de D. João V, Lisboa, 1886, pp. 60-65

<sup>9</sup>Mercurio Histórico de Lisboa, 12 de Outubro de 1743: "Santarem, 9 de Outubro - No Dômº passado 6 do corrente se celebrou a Festa do Smº Rozario desta Villa, e de tarde se fez huma solemne procissam com m.u figuras de pé bem ornadas, e nella foy collocada em hum andor a Smã Imagem de N. S. do Rozario, que nam sahe fora se nam quando haja de sahir o S. Milagre da Sagrada Particula por occaziam de alguma grande necessidade."

<sup>10</sup>João de Oliveira, Relação das Festas com que o Collegio de São Paulo da Companhia de Jesus da Cidade de Braga celebrou em ha solemne Triduo a Canonização dos seus gloriosos santos

(12 jobs)

Luiz Gonzaga e Estanislao Koska em Julho de 1727, Lisboa Occidental, Na Patriarcal Officina da Musica, Anno de MDCCXXVIII (B. N. Lxã R. 17131 P)

<sup>11</sup>Manuel Cadafaz de Matos, "O sentido da festa, de Lisboa ao Extremo Oriente, por motivo da canonização de jesuítas ilustres" , comunicação (oral) ao VIII Congresso Internacional «A Festa no Século XVIII», Lisboa, 18 a 22 de Novembro de 1992

<sup>12</sup>Voz em Roma e echo em Lisboa, na canonização de S. João Francisco Regis, Lisboa, 1739, publicado por Manuel Bernardes Branco, Portugal na Epocha de D. João V, Lisboa, 1886, pp. 59-60

<sup>13</sup>Mercúrio Histórico de Lisboa, 30 de Setembro de 1747 - "Estremoz, 28 de Setembro - Na festa [de S. Filipe Néri] que foy Domingo 17 do corrente, concorreu athe Elvas, gente para assistir a hua devota, e bem executada representação, que se fez na lingua Portugueza por modo de tragi-comedia em hu vistozo theatre com 21 figuras representadas por outros tantos estudantes, q. frequentaõ os estudos da Congregação..."

<sup>14</sup>Gazeta de Lisboa de 30 de Junho de 1740

